

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**MARCO AURÉLIO PRASS**

**IMAGENS RESSIGNIFICADAS:**

**A fotografia interpretada na e pela sociedade em midiatização**

**São Leopoldo**

**2018**

MARCO AURÉLIO PRASS

**IMAGENS RESSIGNIFICADAS:**

**A fotografia interpretada na e pela sociedade em midiatização**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Comunicação Social - Jornalismo, pelo  
Curso de Jornalismo da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Fabricio Silveira

São Leopoldo

2018

*À minha saudosa avó Zulmira da Silveira Vaz, fonte de  
eternas saudades (in memoriam).*

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grato primeiramente a Deus, razão da vida.

À minha amada mãe, Iveni da Silveira Vaz, sem a qual minha vida acadêmica inexistiria, e ao meu pai, Evanor Prass, por sempre ressaltar a importância dos estudos.

À Liziê Moz Correia, irmã que o destino me concedeu, motivadora de grandes mudanças em minha vida e refúgio em todos os momentos.

Ao professor Antonio Fausto Neto por todos os esforços graciosamente concedidos visando à evolução de minha formação acadêmica.

Ao professor Fabricio Silveira por suas legítimas orientações e pelos momentos de meditação acerca do objeto de estudo.

A todos os amigos que surgiram durante esta caminhada e possibilitaram que tudo fosse muito mais feliz, leve e prazeroso.

À Unisinos, universidade da qual eu sempre quis fazer parte, pela formação humanista e pela oportunidade de estudar na SungKyunKwan University.

Aos inesquecíveis professores Luiza Carravetta, Débora Lapa Gadret, Luciana Kraemer, Patricia Weber, Flávio Dutra, Beatriz Sallet, Thais Furtado, Nikão Duarte, Marina Chiapinotto, Sabrina Franzoni, Sonia Montañó e Pedro Osório, responsáveis por uma formação crítica, responsável e autorreflexiva.

*belo dia  
a velha fotografia  
do porta-retrato  
fugiu porta afora*

*cansou de mostrar os dentes  
de amigos amores parentes*

*agora quer ser levada a sério*

*vai tentar a vida  
no anonimato*

*sonha ser  
sisuda 3x4*

*(Germana Zanettini)*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa os casos a) da babá Maria Angélica Lima, fotografada na primeira quinzena de março de 2016 no Rio de Janeiro pelo repórter do Correio Braziliense João Valadares, conduzindo os carrinhos dos filhos de seus empregadores na manifestação pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff; e b) da muçulmana clicada pelo fotógrafo *freelancer* Jamie Lorrigan na ocasião do atentado terrorista em Westminster, Londres, que ocorreu em março de 2017. O intuito é investigar, após a repercussão das imagens nas redes sociais e em veículos de imprensa, as tensões identificadas nos casos e relativas aos olhares dos seguintes atores: 1) do fotógrafo; 2) dos retratados; 3) do público que consumiu as fotografias e, de igual sorte, um quarto elemento que denominamos o contexto históricossocial no qual as fotos emergem e um quinto elemento, um detalhe presente na composição que direciona o olhar. Tais instâncias configuram uma paisagem circulatória típica de uma sociedade em vias de midiatização. Como caminho metodológico propõe-se um método experimental que reúne estudo de caso, pesquisa bibliográfica, leitura de imagens, semiótica e entrevista aberta.

**Palavras-chave:** circulação, fotojornalismo, midiatização, teorias da comunicação, teorias da imagem.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A fotografia do caso da babá que mais circulou nas redes sociais. Foto: João Valadares. ....	16
Figura 2 - A imagem de maior repercussão do caso da “muçulmana insensível”. Foto: Jamie Lorriman .....	19
Figura 3 - Usuário do Twitter compartilha meme e tece ironia. Fonte: Reprodução/Twitter .....	21
Figura 4 – Charge que circulava uma semana antes da fotografia inspirou João Valadares. Fonte: Reprodução/Facebook.....	51
Figura 5 – Ao divulgar a repercussão do caso, Correio Braziliense relaciona a fotografia com a empresa. Fonte: Reprodução/Correio Braziliense .....	52
Figura 6 – Galeria de Jamie Lorriman no Instagram em data aproximada do atentado não possui nenhuma imagem relacionada ao fato. Fonte: Reprodução/Instagram...55	55
Figura 7 – Construção de perfil sugeria que usuário Texas Lone Star seria texano e conservador. Fonte: Reprodução/Twitter. ....	56
Figura 8 – Usuários do Twitter reforçam narrativa da “muçulmana insensível” compartilhando montagens. Fonte: Reprodução/Twitter .....	57
Figura 9 – “Eles não gostam de retuitar a foto deste homem mesmo que ele faça a mesma coisa que ela”, aponta ator social. Fonte: Reprodução/Twitter.....	58
Figura 10 – WIRED denuncia que perfil que divulgou a narrativa da “muçulmana insensível” era robô russo. Fonte: Reprodução/WIRED.....	61
Figura 11 – Jornal <i>Extra</i> replica opiniões de atores sociais que criticam padrões de Maria Angélica e enxergam questões de classe no caso. Fonte: Reprodução/Jornal Extra .....	72
Figura 12 – Opiniões opostas também foram apresentadas pelo <i>Extra</i> , com atores sociais versando sobre questões econômicas e raciais. Fonte: Reprodução/Jornal Extra.....	72
Figura 13 – Seguindo com sua narrativa anti-islã, Texas Lone Star compartilha montagem no <i>Twitter</i> que evidencia suposta superioridade cristã. Fonte: Reprodução/Twitter .....	73
Figura 14 – No Twitter, muitos atores sociais discordaram da narrativa da “muçulmana insensível”. Fonte: Reprodução/Twitter .....	74

Figura 15 – Imprensa divulga que primeira-ministra britânica acusou uso de notícias e imagens falsas por parte da Rússia. Fonte: Reprodução/PressGazette .....79

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>3</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>5</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>6</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. CAMPO DE OBSERVAÇÃO</b> .....	<b>14</b>
2.1 A babá da manifestação.....	14
2.2 A “muçulmana insensível” .....	18
2.3 Semelhanças e problematizações.....	23
<b>3. TEORIAS DA IMAGEM</b> .....	<b>25</b>
3.1 Algumas perspectivas imagéticas .....	25
3.2 Das metáforas de Barthes à retórica da imagem .....	30
3.3 Fotografia jornalística em pauta .....	32
<b>4. TEORIAS DA MUDIATIZAÇÃO</b> .....	<b>36</b>
4.1 Uma macroambiência midiaticada .....	36
4.2 Circulação: passagem/defasagem, discurso/apropriação .....	39
4.3 Os circuitos tangíveis .....	41
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	<b>43</b>
5.1 Estudo de caso.....	43
5.2 Pesquisa bibliográfica .....	44
5.3 Leitura de imagens.....	45
5.4 Método semiótico .....	46
5.5 Entrevista aberta .....	48
5.6 Um método em experimentação .....	49
<b>6. ANÁLISE DOS CASOS</b> .....	<b>50</b>
<b>6.1 Um mapeamento (possível) dos circuitos</b> .....	<b>50</b>
6.1.1 O caso brasileiro .....	50
6.1.2 O caso britânico .....	54
<b>6.2 A circulação discursiva (e as tensões geradas)</b> .....	<b>62</b>
6.2.1 Na visão do <i>Operator</i> .....	62
6.2.2 Na visão do <i>Spectrum</i> .....	66
6.2.3 Na visão do <i>Spectator</i> .....	70
6.2.4 Potencializada pelo <i>studium</i> .....	75

<b>6.3 As dimensões técnico-semióticas das imagens .....</b>	<b>79</b>
6.3.1 O <i>punctum</i> que direciona o olhar .....	80
6.3.2 Uma análise de ordem técnica .....	81
6.3.3 Elementos formais e categorias triádicas a serviço do simbólico .....	83
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O REPÓRTER JOÃO VALADARES .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO A – NOTÍCIA E ENTREVISTA COM MARIA ANGÉLICA LIMA.....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AUDIOVISUAL COM MARIA ANGÉLICA LIMA.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO C – MANIFESTAÇÃO DE CLÁUDIO PRACOWNIK NO FACEBOOK.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO D – MANIFESTAÇÃO DE CAROLINA MAIA PRACOWNIK NO FACEBOOK.....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO E - MANIFESTAÇÃO DA MUÇULMANA EM BLOG.....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO F – MANIFESTAÇÃO DO FOTÓGRAFO JAMIE LORRIMAN .....</b>	<b>117</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As imagens causam diversas sensações nas pessoas que de alguma maneira se envolvem e/ou têm contato com elas. Os casos da babá brasileira Maria Angélica Lima, fotografada trabalhando para seu empregador na manifestação pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff; e da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) no atentado terrorista ocorrido na ponte de Westminster, com imagens que geraram discussão nas redes sociais e matérias jornalísticas evidenciando a questão da xenofobia, exemplificam, cada um à sua maneira e com singular riqueza, a compreensão tecida no início deste parágrafo.

Partindo, portanto, do pressuposto de que as fotos são carregadas de simbologia; sendo, inevitavelmente, recortes dos olhares dos profissionais da imagem, destacamos os acionamentos de emoções variadas no público que as consomem e que as compartilham em função da simbologia que carregam; bem como tais emoções variam de acordo com o contexto no qual estão inseridas. Este trabalho aborda os casos citados acima, pois se revelam pertinentes para a investigação das instâncias em tensão evidenciadas pela circulação de imagens simbólicas contemporâneas.

O problema de pesquisa visa esmiuçar as variáveis do tema. De que maneira o olhar fotográfico é tensionado pelas instâncias Retratado→ Públicos→ Dispositivos Midiáticos na constituição de uma paisagem circulatória com particularidades evidenciadas por situações típicas de uma sociedade em vias de midiatização?

Nosso objetivo geral, portanto, é analisar instâncias que entram em jogo na construção do olhar fotográfico, principalmente do ponto de vista das defasagens de sentido no processo de midiatização. Adota-se, como horizonte, as relações de tensão entre visão do repórter/fotógrafo, opinião do público, sentimento dos retratados ao se depararem com a narrativa explicitada na imagem e contexto sociocultural no qual estão inseridos. Como objetivos específicos, buscaremos: compreender algumas relações por trás das imagens de protestos brasileiros veiculadas na imprensa e redes sociais; investigar os circuitos de circulação da imagem e dos discursos relativos que articulam o espaço Jornalístico e o âmbito privado; estudar a construção do olhar fotográfico e motivos que levam um profissional a destacar uma imagem e descartar outras; pesquisar possíveis valores morais e éticos manifestados pelo público via *Facebook* acerca das fotografias dos

casos; entender o anseio do retratado de obter uma aderência do real na fotografia, correspondendo à sua visão de mundo.

Alguns motivos fizeram o autor optar pelo tema. O primeiro, uma aula da disciplina de Projeto Experimental em Fotografia, ministrada pelo professor Flávio Dutra, da Unisinos. Na ocasião, Flávio propôs uma discussão sobre o caso da babá e levou a foto icônica para análise em sala de aula, juntamente com um artigo de uma especialista versando sobre o tema de uma perspectiva sociológica. O segundo, uma aula da disciplina de Teorias da Comunicação, ministrada pela professora Ana Paula da Rosa, em que ela realizou uma leitura das imagens da tragédia do 11 de Setembro de 2001, o que o instigou ao exercício de análise imagética. Levando em consideração o interesse do autor pelas teorias da fotografia, ligada à trajetória baseada no contato com autores que versam sobre fotografia, além de análises de imagens produzidas por fotojornalistas, a conclusão era de que seria possível e instigante produzir um trabalho de conclusão de curso baseado nas imagens da babá e da muçulmana, além de uma investigação de suas implicações em diversos ambientes, como o jornalístico e das redes sociais.

Um terceiro motivo diz respeito à descoberta do autor, na rede social *Facebook*, do caso da muçulmana fotografada após o atentado em Westminster, que originou o artigo *“Ressignificação Imagética: A Narrativa da “Muçulmana Insensível” no Atentado em Westminster”* (PRASS; ROSA, 2017b), publicado nos anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Ele serviu de base e como uma espécie de ensaio para este trabalho final para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. As semelhanças entre esse caso e o da babá, no viés das diversas tensões em jogo pela circulação das imagens e seus variados sentidos, auxiliaram a fortalecer este estudo e também trouxeram luz ao debate da resignificação imagética nas ambiências midiáticas.

Os casos ganham força, assim como este trabalho, em razão dos processos de midiatização, em que a sociedade passa a ser atravessada por lógicas das mídias. Levando em conta que atores sociais, instituições não-midiáticas e jornalistas cogestionam a produção de sentidos sociais e que isso afeta o modo de percepção e de circulação da notícia, e, em especial, da imagem, a investigação dessas questões se faz necessária para a área da comunicação e para aprofundamento pessoal do autor enquanto jornalista em formação. Além disso, o

debate é necessário e atual para a construção de uma reflexão acerca das tensões na produção das imagens jornalísticas, considerando-as como uma construção subjetiva, bem como as transformações dessas imagens na interação em sociedade.

Revelam-se, portanto, catalisadores de debates os objetos deste trabalho. Em ambos os casos, as imagens surgem em um momento de acirrado debate político. No caso da fotografia da babá Maria Angélica Lima, em 13 de março de 2016 no Rio de Janeiro, mais especificamente em manifestação pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. A combinação de uma babá uniformizada, empurrando os carrinhos dos filhos de um empresário carioca em uma manifestação ligada a movimentos liberais e de direita, clicada pelo repórter do Correio Braziliense, João Valadares<sup>1</sup>, gerou as condições necessárias para engendrar uma série de discussões nas redes sociais, sendo utilizada para reforçar alguns argumentos dos militantes inseridos na outra ponta do espectro político, a esquerda. Da mesma forma, a narrativa imagética de uma “muçulmana insensível”, clicada pelo fotógrafo *freelancer* Jamie Lorriman<sup>2</sup>, que, após um atentado terrorista, passa mexendo no celular ao lado de vítimas ocidentais feridas, serviu para reforçar convicções de cidadãos que expressam pensamentos xenófobos – tudo isso em um contexto no qual assume o presidente norte-americano Donald Trump, conhecido por discursos preconceituosos contra imigrantes e minorias.

Tal estudo, portanto, se faz necessário justamente pela importância da compreensão acerca das significações e ressignificações imagéticas em emergência na sociedade em vias de midiaticização, destacadas aqui pelas variadas camadas de sentido expostas pelos atores sociais nas mídias sociais.

Para a análise de tais materiais, serão adotados diversos procedimentos metodológicos que, reunidos, propõem um método experimental e múltiplo com o intuito de dar conta das complexidades do objeto. Entre eles, realizaremos estudos

---

<sup>1</sup> O jornalista recifense possui trajetória destacada no jornalismo impresso, tendo atuado em veículos de comunicação como Jornal do Commercio, Correio Braziliense, Portal Terra e Folha de Pernambuco. Política, polícia e segurança pública são temas centrais em seu ofício. Também foi comentarista de política e polícia na TV Clube e atualmente é correspondente fixo da Folha de São Paulo em Recife. Valadares já recebeu os prêmios Esso, Vladimir Herzog, Cristina Tavares, Embratel e Caixa.

<sup>2</sup> Fotojornalista em tempo integral há mais de dez anos, o londrino possui suas fotografias estampadas em jornais de grande circulação no Reino Unido e internacionalmente, como *The Sun*, *Daily Mail*, *Daily Mirror*, *Metro*, *Independent*, *The Guardian*, entre outros. O trabalho de Lorriman se destaca pela cobertura de notícias em geral, esportes, entre outras temáticas, atendendo a interesses de tabloides e grandes empresas jornalísticas.

de caso para a compreensão de tais complexos fenômenos sociais, análises técnico-semióticas das principais imagens dos casos citados, revisão bibliográfica que versará sobre algumas teorias da comunicação, principalmente as que dizem respeito aos estudos da midiatização, circulação e circuitos e teorias da imagem. Será realizada uma entrevista com repórter João Valadares para compreender mais a fundo o olhar técnico envolvido e as motivações por trás das imagens.

## 2. CAMPO DE OBSERVAÇÃO

### 2.1 A babá da manifestação

Com o acirramento do debate político a partir das chamadas Jornadas de Junho<sup>1</sup>, o Brasil ficou marcado por uma espécie de despertar popular a diversas questões políticas. O que havia iniciado em articulações da esquerda – que organizou protestos contra o aumento das tarifas de transporte coletivo – levou a uma união de membros de extrema-esquerda e extrema-direita nos protestos. Debaixo desse “arco-íris”, as manifestações adquiriram um “viés oposicionista” tanto ao governo federal quanto aos governos estaduais e municipais (SINGER, 2013), desembocando em uma espécie de “explosão popular” (SILVA, 2014), com milhões de pessoas nas ruas protestando contra o governo. A partir desse momento, os brasileiros teriam voltado às ruas para lutar por aquilo que acreditavam, na visão romântica de muitas pessoas que, inclusive, participavam das manifestações e se expressavam pelas redes sociais, gerando *hashtags*<sup>2</sup> que se tornaram emblemáticas, como #OGiganteAcordou – de 21 a 24 de junho de 2013, ela contabilizou 69.581 *tweets*<sup>3</sup>, de acordo com a ferramenta de análise de redes sociais Tribatics<sup>4</sup>.

O que se seguiu no ano de 2014, em que os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves se enfrentaram pelo mais alto posto da política brasileira, evidenciou um descontentamento de parte da população no que diz respeito à confiabilidade dos grandes veículos de mídia. Em pesquisa realizada pela empresa Qualibest e divulgada pelo portal O Antagonista em maio de 2016<sup>5</sup>, 54% dos entrevistados

---

<sup>1</sup> As Jornadas de Junho foram marcadas por manifestações de adesão massiva da população, tendo como ponto de partida as mobilizações convocadas em 2013 pelo Movimento Passe Livre (MPL) na cidade de São Paulo, em oposição ao reajuste da passagem de transporte urbano (GRASSI CALIL, 2013).

<sup>2</sup> O termo consiste em uma palavra-chave ou frase antecedida pela cerquilha (“#”) que é utilizada para categorizar conteúdos publicados em redes sociais a partir de hiperlinks.

<sup>3</sup> *Tweets* são as mensagens publicadas na rede social *Twitter*.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://tribaticsblog.wordpress.com/2013/06/25/o-gigante-acordou-informe-sobre-o-uso-de-ogiganteacordou-entre-2106-e-2406-no-twitter/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

<sup>5</sup> QUALIBEST: parcial ou imparcial. **O Antagonista**, Brasil, 26 mai. 2016. Disponível em: <<http://static.qualibest.com/imprensa/publicacao/219.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2017.

consideraram que, em se tratando do tema “Política”, os grandes jornais impressos ou telejornais são parciais. Quando grandes veículos de comunicação do país versaram sobre a derrota do candidato tucano Aécio Neves à presidência, por exemplo, parte dos manifestantes e representantes da visão progressista acusou as organizações de trabalharem em prol do político mineiro, questionando, inclusive, como enfrentar a mídia golpista<sup>6</sup>. Caso semelhante ocorreu do outro lado do espectro político no fim de 2015: “o noticiário do maior jornal do país é quase indistinguível da Agência PT de notícias”<sup>7</sup>.

Com o aumento da insatisfação de uma parcela da população com o governo de Dilma Rousseff, e em alusão aos protestos de 2015 contra a administração da petista, organizados por grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e Vem Pra Rua, foram realizadas manifestações no dia 13 de março de 2016 em todos os estados do país e no Distrito Federal pelo impeachment da então presidente. Os protestos ocorreram depois de pedidos de “apoio da população” por parte de líderes da Operação Lava Jato<sup>8</sup> e uma semana após o agravamento da crise no governo Dilma, com a revelação de possíveis novas frentes de investigação da Lava Jato contra seu governo e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em função de denúncia a Lula por suspeita dos crimes de lavagem de dinheiro e falsidade ideológica no caso do triplex em Guarujá (SP). A manifestação de 13 de março de 2016, em São Paulo, foi considerada a “maior da história do país” segundo jornais, institutos de pesquisa, Polícia Militar e historiadores, superando em adesão as manifestações das Diretas Já e, inclusive, de Junho de 2013, chegando à marca de três milhões de pessoas de acordo com dados das polícias militares estaduais<sup>9</sup>.

Nesse contexto, e, mais especificamente, na manifestação ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, surge o caso da “babá da manifestação”. Em Ipanema, bairro

---

<sup>6</sup> BORGES, Altamiro. Como enfrentar a mídia golpista? **Brasil 247**, [S.l.], 12 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/colunistas/altamiroborges/216741/Como-enfrentar-a-m%C3%ADdia-golpista.htm>>. Acesso em: 09 out. 2017.

<sup>7</sup> BORGES, Alexandre. Folha: quase a Agência PT de notícias. **Mídia Sem Máscara**, [S.l.], 27 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/folha-de-s-paulo/16267-2015-12-27-22-39-21.html>>. Acesso em: 03 out. 2016.

<sup>8</sup> Cf. PRASS, FAUSTO NETO, 2017.

<sup>9</sup> MAIOR manifestação da história do País aumenta pressão por saída de Dilma. **O Estado de S. Paulo**, [S.l.], 13 mar. 2016. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-em-todos-os-estados-superam-as-de-marco-do-ano-passado,10000021047>>. Acesso em: 09 out. 2017.

nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro, ocorre o encontro das personagens principais do caso: o diretor de Finanças do Flamengo, Claudio Pracownik, e sua esposa, Carolina Maia Pracownik, que participam da manifestação; a babá Maria Angélica Lima, uniformizada, que presta serviço à família de Claudio durante a manifestação e carrega os dois filhos do empresário em carrinhos de bebê; e o repórter do *Correio Braziliense* João Valadares – que rejeita a condição de fotógrafo, como será visto mais adiante no trabalho. Ele visualiza a cena, segue o grupo, o enquadra com sua câmera e captura uma sequência de fotografias.



Figura 1 - A fotografia do caso da babá que mais circulou nas redes sociais. Foto: João Valadares.

O caso repercutiu primeiramente nas redes sociais, para então ser replicado pela grande mídia, representada por jornais brasileiros como *Folha de S. Paulo*, *Extra*, *Jornal do Commercio*, *Zero Hora*, entre outros veículos midiáticos, inclusive

internacionais, como o *Huffington Post*<sup>10</sup>. Os posicionamentos gerados pela fotografia foram antagônicos: de um lado, pessoas que enxergaram um retrato da desigualdade social, apontaram uma simbologia relativa à escravidão, às condições de subemprego das domésticas e que relacionaram o público das manifestações pró-impeachment a Claudio no perfil econômico; de outro, internautas que rejeitaram o ponto de vista anterior, afirmando que a babá apenas estava trabalhando e que isso era positivo em contexto de crise econômica. Em decorrência da intensa circulação da fotografia clicada por Valadares, houve manifestações tanto da babá, que falou à imprensa, quanto de Pracownik e sua esposa, que publicaram textos sobre o caso em seus perfis no Facebook – ainda que apenas a manifestação dele<sup>11</sup> tenha repercutido na imprensa, enquanto a de Carolina ficou restrita ao ambiente das redes sociais digitais. Ao *Extra*<sup>12</sup>, Maria Angélica contou que descobriu o que estava acontecendo por intermédio de seu chefe, afirmou que “se sentiu exposta” e que “foi um susto” acordar e “ver sua cara” no jornal. Na entrevista, ela disse que “não estava fazendo nada demais”, pois apenas estava no horário de trabalho. Maria também afirmou que iria ao protesto de qualquer forma, se estivesse de folga no dia, apesar de evidenciar descrédito em uma possível mudança no país após o *impeachment*: “A presidente Dilma saindo, quem entrar vai continuar roubando” (Maria Angélica Lima).

No post que publicou em seu perfil no *Facebook*, Pracownik afirmou que ganha seu dinheiro de forma honesta e trata a babá com respeito e dignidade. Ele também disse se sentir triste quando percebe a “limitação” de sua privacidade “em detrimento de um pensamento mesquinho, limitado, parcial cujo único objetivo é servir de factóide diversionista da fática e intolerável situação que vivemos”, criticou pessoas que “julgam outras que sequer conhecem com base em uma fotografia distante” e, por fim, desejou a esperança “que um novo país, traga uma nova visão

---

<sup>10</sup> COOK, Josselyn. Why This Photo Of Brazilian Protesters Is Sparking National Debate. **Huffington Post**, [S.l.], 16 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.huffingtonpost.com/entry/viral-brazil-photo-sparks-outrage\\_us\\_56e822a1e4b0860f99da59de](https://www.huffingtonpost.com/entry/viral-brazil-photo-sparks-outrage_us_56e822a1e4b0860f99da59de)>. Acesso em: 09 out. 2017.

<sup>11</sup> BABÁ protagonista de foto polêmica durante protestos diz que se sentiu exposta. **Jornal do Comercio Online**, [S.l.], 15 mar. 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2016/03/15/baba-protagonista-de-foto-polemica-durante-protestos-diz-que-se-sentiu-exposta-226051.php>>. Acesso em: 09 out. 2017.

<sup>12</sup> ALFANO, Bruno. ‘O pobre é que sofre’, diz Angélica, babá de foto polêmica em manifestação. **Extra**, [S.l.], 15 mar. 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/o-pobre-que-sofre-diz-angelica-baba-de-foto-polemica-em-manifestacao-rv1-1-18876978.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

para a nossa gente”. Sua esposa, Carolina Maia Pracownik, também se manifestou por intermédio da rede social. Ela concordou com o marido, afirmou que ambos “não devem nada a ninguém”, que paga os impostos “altíssimos por sinal” e que “gera empregos”. Carolina disse ainda que suas funcionárias estão com ela há anos “porque querem” e porque as trata com respeito e “oferece boas condições de trabalho”. Em relação ao uniforme, escreveu que acha correto que ele seja utilizado e que “este argumento de discriminação é inaceitável e preconceituoso”.

Após a observação do caso citado acima, percebemos que havia fatores semelhantes de instâncias em tensão no que diz respeito a outro caso, o da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) do atentado terrorista ocorrido em Westminster, em março de 2017, que é descrito a seguir.

## 2.2 A “muçulmana insensível”

Durante as eleições norte-americanas, o candidato magnata Donald Trump suscitou debate nos Estados Unidos e em todo o mundo em função de declarações polêmicas e extremistas, incitando ódio racial e preconceito contra imigrantes. Apesar de seu discurso nacionalista, marcado pelo slogan “*make America great again*” e a divulgação de ideias como a construção de um “grande muro” que separaria os EUA do México, a afirmação de que deportaria imigrantes muçulmanos, entre outras declarações, o candidato pelo Partido Republicano venceu a candidata Hillary Clinton em novembro de 2016, contrariando previsões e pesquisas, evidenciando uma polarização presente no país. A reação do 45º presidente norte-americano em relação aos refugiados e imigrantes de países muçulmanos surgiu rapidamente: em janeiro deste ano, mês em que assumiu o posto, Trump assinou um decreto proibindo por tempo indeterminado da entrada de refugiados vindos da Síria e também, durante três meses, a admissão de cidadãos sírios, iranianos, sudaneses, líbios, somalis, iemenitas e iraquianos no país.

O contexto mundial, de uma maneira abrangente, também mostra um crescimento de ideias de extrema-direita. Poderíamos apontar o apoio popular maior a candidatos desse perfil político no Reino Unido, na França e na Alemanha. Da mesma maneira, a retórica contra a imigração europeia que desencadeou a saída do Reino Unido da União Europeia – o *Brexit* –, a segunda colocação da candidata francesa de extrema-direita Marine Le Pen, a conquista de representantes da

Alternativa para a Alemanha (AfD) como terceira força do parlamento alemão e a acirrada disputa entre Jair Bolsonaro (PSC-RJ) e Lula no topo das pesquisas de intenção de voto no Brasil para as eleições de 2018 evidenciam que nem mesmo nosso país escapa dessa projeção.

Levando tais observações em consideração, surge, em 22 de março de 2017, o caso da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b), como o denominamos em artigo publicado nos anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Às 14h40 do horário local em Londres, capital da Inglaterra, ocorreu um atentado terrorista. Seis pessoas morreram e, entre elas, estava Khalid Masood, autor do ataque. Foram contabilizadas 50 pessoas feridas após um veículo *Hyundai Tucson* atropelar transeuntes e policiais na ponte de *Westminster*, ponto turístico da capital britânica, localizado nos arredores do parlamento, que foi isolado logo em seguida. Autoridades se pronunciaram acerca do fato e diversas imagens do acontecimento foram divulgadas pela imprensa. Uma delas, no entanto, se destaca das demais pelas discussões simbólicas que gerou quando foi inscrita na circulação. (PRASS; ROSA, 2017b).



Figura 2 - A imagem de maior repercussão do caso da “muçulmana insensível”.

Foto: Jamie Lorrinan

De autoria do fotógrafo britânico *freelancer* Jamie Lorriman, a imagem mostra uma mulher que traça um *hijab*<sup>13</sup>, segura seu celular, olha para ele e toca seu rosto com a outra mão. Ela passa ao lado de um grupo de pessoas que está tentando socorrer uma das vítimas do atentado. Argumentações de cunho islamofóbico foram suscitadas depois que Texas Lone Star, um usuário do *Twitter* (que atendia pelo *username* @SouthLoneStar antes de ter seu perfil desativado), a compartilhou afirmando que a mulher muçulmana “não se importa” com o ataque pois caminha e verifica seu telefone ao lado de um homem que está morrendo<sup>14</sup>. A publicação foi acompanhada das *hashtags*<sup>15</sup> #PrayForLondon #Westminster e #BanIslam, recebendo milhares de republicações e curtidas na rede social mencionada. Com a postagem da fotografia, diversos usuários das redes sociais se apropriaram da imagem para a produção de memes<sup>16</sup> que, em tom humorístico e sarcástico, mexeram com a simbologia do terrorismo associado aos muçulmanos, passando adiante a narrativa de que não só a mulher retratada na imagem seria insensível aos sofrimentos dos ocidentais após ataques terroristas como ela seria uma representante de todo o seu povo (PRASS; ROSA, 2017b).

---

<sup>13</sup> Vestuário islâmico utilizado para permitir privacidade, modéstia e moralidade. No caso das mulheres é mais caracterizado pelo véu, que faria separação entre o homem e Deus.

<sup>14</sup> STAR, Texas Lone. **[Muslim woman pays no mind to the terror attack, casually walks by a dying man while checking phone#PrayForLondon #Westminster #BanIslam]**. Texas, 22 mar. 2017. Twitter: @SouthLoneStar. Disponível em: <<https://twitter.com/SouthLoneStar/status/844644675415937024>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

<sup>15</sup> Tags precedidas pelo símbolo de “jogo da velha” (#). São utilizadas nas redes sociais para classificar os conteúdos publicados.

<sup>16</sup> O termo, que em grego significa “imitação”, foi popularizado após a conceitualização do escritor Richard Dawkins em sua obra “O gene egoísta”, que o definia como uma espécie de unidade de informação dotada da capacidade de se multiplicar.



Figura 3 - Usuário do Twitter compartilha meme e tece ironia. Fonte: Reprodução/Twitter

Rapidamente a narrativa da “muçulmana insensível” foi replicada por diversos influenciadores digitais internacionais e conservadores importantes. Entre eles, destacamos o jornalista britânico Milo Yiannopoulos, que possui 2,3 milhões de curtidores no *Facebook*, e o enfático jovem Paul Joseph Watson<sup>17</sup>, que atualmente reúne 662 mil seguidores no *Facebook* e 880 mil no *Twitter*<sup>18</sup>. Transportando a discussão para terras brasileiras, o escritor Flavio Morgenstern, autor do livro “Por

<sup>17</sup> Da publicação do artigo sobre o caso da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) até a atualização dos dados de seguidores de Milo Yiannopoulos e Paul Joseph Watson nas redes sociais para a publicação deste trabalho – ou seja, de junho de 2017 a julho de 2018 – houve acréscimo aproximado de 200 mil curtidores na página do *Facebook* de Milo, bem como 362 mil curtidores na página do *Facebook* de Paul e 322 mil seguidores no *Twitter*. Segundo informações do *BuzzFeed*, Milo foi banido permanentemente do *Twitter* em julho de 2016 após comandar uma série de ataques racistas a Leslie Jones, atriz que interpretou uma caçadora fantasma no *remake* de *Ghostbusters*.

<sup>18</sup> Dados atualizados em 19 jul. 2018.

*Trás da Máscara. Do Passe Livre aos Black Blocs, as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil* foi um dos influenciadores digitais de direita que compartilharam a imagem a seus seguidores. Para citar veículos de grande envergadura, o caso foi divulgado por *Telegraph*, *Daily Mail*, *Metro*, *Independent*, *El País* e O Globo (PRASS; ROSA, 2017b).

Após a repercussão do caso, em entrevista à rede ABC, o fotógrafo Jamie Lorriman se manifestou afirmando que as interpretações acusatórias que relacionam a mulher com uma sensação de despreocupação, que se espalharam com rapidez e de maneira volumosa, não são legítimas. Ele disse ainda que a jovem parecia “perturbada” e “horrorizada”. Lorriman tachou as pessoas que a criticam como “seletivas” e lembrou que, na visão dele, a muçulmana parecia consternada também nas outras fotografias da sequência – que não obtiveram tamanha repercussão quanto a principal, compartilhada pelo usuário do *Twitter* Texas Lone Star – em função de estar “no meio de uma situação traumática” e porque “provavelmente só queria sair da ponte”. O fotógrafo finalizou sua consideração dizendo que “sente muito” pela mulher na foto e cita que ela deve se sentir horrível pela repercussão negativa das imagens (PRASS; ROSA, 2017b).

A muçulmana comentou sobre o caso através de uma nota divulgada pelo coletivo TellMAMA, de defesa dos direitos dos muçulmanos no Reino Unido. Ela disse estar “chocada” e “totalmente consternada” com a circulação negativa da fotografia nas redes sociais. Também corrigiu as pessoas que afirmaram que ela não se importou com a vítima que estava ferida no chão, afirmando que aqueles que a julgaram não olharam para nada na imagem, tirando “conclusões baseadas em ódio e xenofobia”. Ela também agradeceu ao fotógrafo pela defesa que recebeu dele em entrevista à imprensa (PRASS; ROSA, 2017b). Diversas são as aproximações entre os dois casos aqui estudados, como será ressaltado no subcapítulo a seguir.

### 2.3 Semelhanças e problematizações

Na breve análise dos casos, é possível observar diversas semelhanças. Empregando as nomenclaturas de Barthes<sup>19</sup> (2015), de início, os casos se caracterizam por um contexto (*studium*) que explicita polarizações políticas intensas em seus devidos círculos sociais – coxinhas *versus* petralhas, ocidentais *versus* muçulmanos etc. Vale destacar também que estamos dissertando sobre duas mulheres (*Spectrum*) que foram fotografadas a partir de olhares de fotógrafos (*Operator*) que possibilitaram a adesão de narrativas depreciativas à imagem delas pelas ressignificações propostas pelos atores sociais (*Spectator*). Nos dois casos, há um elemento que fisga o olhar (*punctum*), como o uniforme da babá em contraste com a roupa dos chefes e o olhar da muçulmana para o celular. Da relação dos fotógrafos com as devidas cenas, surgem algumas questões, como as intenções por trás do clique – midiáticas ou documentais? Intencionais ou inconscientes? – e de que forma as imagens foram inscritas na circulação a partir das redes sociais, já que, pelo que observamos, elas foram primeiramente divulgadas nas redes para, depois, serem abordadas em matérias jornalísticas. As semelhanças e algumas particularidades também se encontram na apropriação das fotografias por parte dos atores sociais, que ora produziram memes, ora charges. Aparecem também no fato de que as duas vítimas se manifestaram sobre o ocorrido, uma em contato direto com a imprensa, por meio de entrevista, e outra por meio de nota divulgada por uma associação, protegendo sua identidade. Do ponto de vista imagético, o que faz com que elas suscitem opiniões tão antagônicas e provoquem pontos de vista tão diferenciados – a babá apenas está trabalhando, a babá está sendo explorada; a muçulmana está visivelmente abalada, a muçulmana “não liga” para a vítima? Supondo que as imagens tenham sido produzidas com o intuito de que uma determinada narrativa circule midiaticamente, o que faz com que esse plano não seja efetivo? Como funciona a relação do retratado com a sua imagem representada na dimensão da fotografia, fazendo com que não se reconheça?

Pensando em outros questionamentos e hipóteses, por que o caso da babá apresentou uma circulação de menor permanência e durabilidade em relação ao da

---

<sup>19</sup> A perspectiva de Barthes impulsionou uma série de outros trabalhos que ampliaram e modernizaram o mesmo modo de tratar a imagem. Entre alguns autores de referência, destacamos Susan Sontag, Geoff Dyer e Ethienne Samain.

“muçulmana insensível”? Seria porque ele eclode com a polêmica, mas se dissipa na circulação em função de questões políticas do período, sendo que a imprensa estaria aparentemente mais inclinada a cobrir as manifestações em si, e não relações imagéticas e semióticas que as circundam? Por que, ao menos em nível de hipótese, o caso da muçulmana parece apresentar uma circulação mais intensa da imagem? Seria porque ela é apropriada pelos atores sociais, que criam circuitos além dos jornalísticos? Como as questões políticas, seja a eleição de Donald Trump, seja o *impeachment* de Dilma Rousseff, interferem na circulação dos casos? Será que as imagens, isoladas, desprendidas de uma legenda, de um direcionamento para o olhar, circulariam? E será que o contexto no qual estão inseridas é que define a circulação, ainda que não houvesse um texto, uma legenda? Quais seriam os possíveis sentidos envolvidos quando o *Spectator* visualiza as imagens? Factuais? Políticos? Contemplativos? De que maneira os veículos de mídia ingressam no processo circulatório?

A fim de que compreendamos as variadas questões que se colocam diante de nós pela emergência do objeto de estudo, buscaremos recursos de compreensão conceitual nos capítulos teóricos que se seguem. Estudaremos, portanto, tanto teorias imagéticas quanto comunicacionais.

### 3. TEORIAS DA IMAGEM

#### 3.1 Algumas perspectivas imagéticas

Na clássica obra *A Imagem*, Aumont (2012) versa sobre a imagem a partir de cinco categorias: a parte do olho; do espectador; do dispositivo; da imagem; e da arte. Em nossas perspectivas sobre a imagem, abordaremos três aspectos principais que relacionam alguns conceitos do autor francês a de outros teóricos, focando principalmente em 1) produção, 2) recepção e 3) contexto históricossocial das imagens. Na primeira categoria de sua obra – a parte do olho –, Aumont (2012, p. 11) afirma que as imagens são objetos visuais como os outros, mas ressalta que são “artefatos cada vez mais abundantes e importantes em nossa sociedade [...] regidos exatamente pelas mesmas leis perceptivas”.

Flusser (2011, p. 21) caracteriza as imagens como “superfícies que pretendem representar algo”. Ainda segundo ele, elas pretendem representar, na maior parte dos casos, o que se encontra “lá fora”, no espaço e no tempo. “As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano” (FLUSSER, 2011, p. 21). Nesse aspecto, elas serviriam de mediações entre o homem e aquilo que o circunda.

O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizem* eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda mediação, e nela se manifesta de forma incomparável. Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. (FLUSSER, 2011, p. 23, grifo do autor).

Ainda nas lógicas de recepção das imagens, Aumont (2012) analisa diversas noções relativas à leitura delas de uma maneira técnica, definindo os desempenhos do olho, divididos em compreensões acerca do olho e o sistema visual, transformações ópticas, químicas e nervosas. Ele também discorre sobre os elementos da percepção, afirmando que “[...] a percepção visual é o processamento

em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos” (AUMONT, 2012, p. 16). Tal noção dá importância à necessidade de um espectador, alguém que receba as imagens, visto que elas são produzidas com esse fim. Tal perspectiva também é explorada por Didi-Huberman (2010).

O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 29).

Como explanado por Aumont (2012), a definição do sujeito espectador não é simples: há uma série de determinações diferentes e até contraditórias a seu respeito que, de uma maneira direta, intervêm em sua relação com uma imagem. A compreensão acerca de uma imagem relaciona-se a esse “fator de interferência” – complexo, deve-se dizer. O contexto no qual ela está inserida pode ser um fator decisivo para conduzir o espectador a uma determinada leitura dessa imagem, seja por motivos culturais, morais ou sociais.

[...] além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura). Entretanto, apesar das enormes diferenças que são manifestadas na relação com uma imagem particular, existem constantes, consideravelmente trans-históricas e até interculturais, da relação do homem com a imagem em geral. (AUMONT, 2012, p. 77).

Tal noção de vinculação a uma região histórica citada pelo autor se relaciona com a perspectiva de contexto históricossocial que abordaremos mais adiante. De qualquer maneira, apesar de termos tratado brevemente das noções de recepção e contexto históricossocial, é necessário referir-se à produção das imagens. Nesse âmbito, concentram-se os entendimentos de técnicas de produção de imagens, modo de circulação e reprodução, bem como lugares onde elas estão acessíveis e suportes de difusão, que sintetizam a noção de dispositivo.

É o conjunto desses dados, materiais e organizacionais, que chamamos de dispositivo – retomando, assim, mas logo mudando, o sentido conferido a esse termo por importantes estudos do início dos anos 1970 referentes ao cinema. (AUMONT, 2012, p. 139).

Da compreensão mais abrangente do dispositivo, estaria inserida também a noção de aparelho. De acordo com Flusser (2011), imagens técnicas são produzidas por aparelhos. No caso da fotografia, elas são produzidas por aparelhos fotográficos, que tem como intenção, portanto, produzir fotografias. O aparelho, nesse âmbito, é um instrumento, e os instrumentos “têm a intenção de arrancar objetos da natureza para aproximá-los do homem” (FLUSSER, 2011, p. 39). Na fotografia, isso ocorre pela representação da realidade através da imagem, sendo que esta é produzida pelo aparelho, que, assim como os instrumentos, é uma prolongação de órgãos do corpo – busca simular o olho humano.

Na perspectiva de Rouillé (2009), ao conceder uma máquina óptica e química para “no lugar” de mãos, olhos e ferramentas de desenhistas, gravadores e pintores, “a fotografia redistribui a relação que, havia vários séculos, existia entre imagem, o real e o corpo do artista” (ROUILLÉ, 2009, p. 34), constituindo um novo elo entre as coisas do mundo e as imagens.

[...] Assim, a fotografia é máquina para, em vez de representar, captar. Captar forças, movimentos, intensidades, densidades, visíveis ou não; e não para representar o real, porém para produzir e reproduzir *o que é passível de ser visível* (não o visível). “Tornar visível, e não apenas apresentar ou reproduzir o que é visível (Paul Klee), tal foi a ambição conjunta da arte moderna, e isso desde o estágio documental da fotografia. (ROUILLÉ, 2009, p. 36, grifo do autor).

Um aparelho precisa ser manipulado para funcionar e, portanto, resultar em imagem. Ainda que historicamente a câmera fotográfica fosse vista em seu início pelos fotógrafos como uma espécie de máquina copiadora, objeto independente, uma fotografia, na concepção de Sontag (2004), jamais pode ser desinteressada (PRASS; ROSA, 2017b).

[...] como as pessoas logo descobriram que ninguém tira a mesma foto da mesma coisa, a suposição de que as câmeras propiciam uma imagem

impessoal, objetiva, rendeu-se ao fato de que as fotos são indícios não só do que existe, mas daquilo que um indivíduo vê; não apenas um registro mas uma avaliação do mundo. (SONTAG, 2004, p. 104-105).

Flusser (2011) converge com Sontag quando argumenta que a câmera foi desenvolvida para que alguém a manipulasse e expusesse sua visão de mundo conceitualmente, sem qualquer possibilidade de ingenuidade em tal processo, apresentando sua visão de maneira veemente (PRASS; ROSA, 2017b).

A manipulação do aparelho é gesto técnico, isto é, gesto que articula conceitos. O aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-la em imagens. Em fotografia, não pode haver ingenuidade. Nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente. Agem conceitualmente, porque tecnicamente. Toda intenção estética, política ou epistemológica deve, necessariamente, passar pelo crivo da conceituação, antes de resultar em imagem. O aparelho foi programado para isto. Fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas. (FLUSSER, 2011, p. 52-53)

No espectro das considerações tecidas acima, relacionamos as reflexões dos autores anteriores a alguns conceitos construídos e expostos por Barthes (2015) em sua obra “*A câmara clara*”. Eles são centrais para a execução e compreensão deste trabalho de conclusão de curso. Basicamente, cinco deles serão abordados e aplicados neste trabalho: *Operator*, *Spectator*, *Spectrum*, *studium* e *punctum*. Em relação aos três primeiros, Barthes observa que estão fundamentados no sentido de que uma foto pode ser objeto de três práticas, emoções ou intenções: fazer, suportar e olhar. *Operator*, *Spectator* e *Spectrum*, portanto, são da ordem da produção e da recepção.

O *Operator* é o Fotógrafo. O *Spectator* somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele ou aquela que é fotografado é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *eídolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia. (BARTHES, 2015, p. 17, grifo do autor)

A noção barthesiana de *Spectrum* fundamentada naquele que é o “alvo”, no referente, relaciona-se indiretamente ao conceito flusseriano de fotógrafo como

aquele que “caça”. Isto é, vincula-se à ideia de um movimento de captura do espectral.

Quem observar os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou de um aparelho munido de fotógrafo) estará observando um movimento de caça. O antiquíssimo gesto do caçador paleolítico que persegue a caça na tundra. Com a diferença de que o fotógrafo não se movimenta em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura. (FLUSSER, 2011, p. 49).

Por meio do *studium* é possível “adentrar” no contexto histórico posto pelas fotografias, identificar a época em que foram produzidas pelos aparelhos – exemplificando nossa concepção de contexto históricossocial.

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*), que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações.” (BARTHES, 2015, p. 29, grifo do autor)

O último conceito barthesiano que exploramos é o de *punctum*. Segundo o autor, ele se relaciona a algo que “punge”, que “fere”, algum detalhe que chama a atenção daquele que vê a imagem – do *Spectator*, portanto, seja ele quem for.

O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. [...] Esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere). (BARTHES, 2015, p. 29, grifo do autor)

Segundo Barthes (2015), apesar de não ser possível estabelecer uma ligação entre *studium* e *punctum*, existe, em determinados casos, uma relação de copresença. O *punctum* seria distinguido como um elemento que se destaca na imagem.

Não é possível estabelecer uma regra de ligação entre o *studium* e o *punctum* (quando ele está presente). Trata-se de uma copresença, é tudo o que se pode dizer: as freiras “estavam lá”, passando no fundo, quando Wessing fotografou os soldados nicaraguenses; do ponto de vista da realidade (que talvez seja o do *Operator*), toda uma causalidade explica a presença do “detalhe”: a igreja está implantada nesses países da América Latina, as freiras são enfermeiras, deixam-nas circular etc.; mas, do meu ponto de vista de *Spectator*, o detalhe é dado por acaso e para nada; o quadro em nada está “composto”, segundo uma lógica criativa; a foto sem dúvida é dual, mas essa dualidade não é o motor de qualquer “desenvolvimento”, como ocorre no discurso clássico. Para perceber o *punctum*, nenhuma análise, portanto, me seria útil (mas talvez, como veremos, às vezes, a lembrança): basta que a imagem seja suficientemente grande, que eu não tenha de escrutá-la (isso não serviria para nada), que, dada em plena página, eu a receba em pleno rosto. (BARTHES, 2015, p. 42, grifo do autor).

É a partir das leituras expostas neste subcapítulo que ensaiamos a construção de uma espécie de mecanismo que possa nos auxiliar a refletir teoricamente acerca de nosso objeto de estudo. As questões que envolvem produção e recepção de imagens são centrais nesta monografia, especialmente levando em consideração que anunciamos no título do trabalho que a fotografia é “interpretada”. A interpretação acerca de algum objeto – aqui, a imagem – só é possível partindo de sua produção, envolvendo questões de ordem técnica (materialização) e simbólica (conceitualização), assim como de sua recepção, que parte da formação do sujeito, com todas as suas complexidades e particularidades. Nos propomos a pensar com mais profundidade acerca desses fatores na análise dos casos. Partimos, agora, para estudos relacionados à retórica da imagem observada nos escritos de Barthes em sua obra “*O óbvio e o obtuso*”.

### 3.2 Das metáforas de Barthes à retórica da imagem

Verón (1997) recorda que 1991 teria sido um ano de ouro para os fundadores da semiologia em função do trigésimo aniversário de lançamento da primeira edição da revista *Communications*. Nessa edição, Barthes publicou artigos como “A mensagem fotográfica”, “Elementos da semiologia”, “Retórica da imagem” e outros que, mais tarde, comporiam a obra póstuma de ensaios críticos “*O óbvio e o obtuso*”.

No primeiro texto, “A mensagem fotográfica”, Barthes (2009) inicia tecendo considerações acerca da fotografia de imprensa – ponto que analisaremos com mais

profundidade no capítulo 3.1.3, Fotografia jornalística em pauta. O que nos interessa aqui, contudo, são as análises por ele desenvolvidas a respeito do conteúdo da mensagem fotográfica. Em sua definição, a imagem não é real, mas seu “*analogon*” perfeito. Para o autor, portanto, a fotografia se caracteriza como uma “mensagem sem código” que é contínua (BARTHES, 2009, p.13). Ele também evidencia que existem outras “mensagens sem código”: todas as reproduções analógicas da realidade, como desenhos, pinturas, o cinema e o teatro. Contudo, todas desenvolvem uma mensagem complementar.

trata-se, então, de um sentido segundo, cujo significante é um certo «tratamento» da imagem sob a ação do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete para uma certa «cultura» da sociedade que recebe a mensagem. Em suma, todas estas «artes» imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem *denotada*, que é o próprio *analogon*, e uma mensagem *conotada* que é o modo como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que pensa dela. (BARTHES, 2009, p. 13, grifo do autor)

No caso da fotografia, porém, segundo o autor, as lógicas não seriam necessariamente as mesmas: “a fotografia seria a única a ser exclusivamente constituída e ocupada por uma mensagem «denotada», que absorveria completamente o seu ser” (BARTHES, 2009, p. 14). Nesse sentido, afirma que o paradoxo fotográfico seria “a coexistência de duas mensagens, uma sem código (seria o análogo fotográfico), e a outra com código (seria a «arte», ou o tratamento ou a escrita, ou a retórica da fotografia)” (BARTHES, 2009, p. 15). No texto “Retórica da imagem”, Barthes analisa uma peça publicitária da marca de massas Panzani. Conforme Joly (2003, p. 50 apud ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 137), seu intuito era pesquisar se a imagem contém signos, e quais seriam.

Para Barthes, a imagem revela imediatamente uma primeira mensagem, cuja substância é lingüística: são legendas e etiquetas inseridas no natural da cena sob o código da língua francesa. Seguindo-se a esta mensagem lingüística, há uma segunda mensagem de natureza icônica, o que caracteriza o entendimento da denotação. Já a terceira mensagem seria a simbólica, trabalhando o campo da conotação. Assim, a tônica da metodologia barthesiana, para uma Retórica da Imagem, encontra-se no “sistema que adota os signos de outro sistema, para deles fazer seus significantes, é um sistema de conotação; podemos, pois, desde já afirmar que a imagem literal é denotada, e a imagem simbólica é conotada”

(Barthes, *op.cit.*, p.31). (ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 137-138, grifo do autor)

Os objetos que serão analisados nesta monografia exemplificam as considerações tecidas acima de diversas maneiras. Tanto no caso da babá quanto no da muçulmana, as imagens possuem uma primeira mensagem que caracteriza o registro daqueles momentos ou situações. As segundas mensagens são caracterizadas pelos sentidos literais compreendidos pelos atores sociais no consumo das imagens. Por fim, as terceiras mensagens seriam destacadas pelos sentidos do plano conotativo que são empregados posteriormente pelos atores sociais – aquilo que chamamos de “ressignificação imagética”, ou seja, um desvio dos sentidos anteriores, daquilo que aparentemente as imagens abordam em um primeiro momento.

Após discorrer sobre a imagem e suas múltiplas características, da denotação à conotação, do real ao construído, partimos para a discussão da imagem fotográfica no jornalismo, objeto de estudo deste trabalho.

### 3.3 Fotografia jornalística em pauta

Em “Fotografia e sociedade”, Freund (2010) contextualiza as mudanças ocorridas no mundo após a Revolução Industrial<sup>1</sup> – citando a introdução do motor elétrico, por exemplo – e marca não só a expansão e facilidade das comunicações como o surgimento da primeira fotografia em um jornal, a denominando como “um alcance revolucionário para a transmissão dos acontecimentos (FREUND, 2010, p. 106). Para Kossoy (2001, p. 26), “o mundo tornou-se de certa forma ‘familiar’ após o advento da fotografia; o homem passou a ter conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades”. Assim como o motor elétrico representou um passo gigante na sociedade industrializada, a ascensão da fotografia na imprensa se tornaria um fenômeno de grande importância.

---

<sup>1</sup> Optamos como ponto de partida uma perspectiva mais clássica do fotojornalismo. Um próximo passo é referente ao estudo de autores contemporâneos, como Kenneth Kobret e José Afonso da Silva Junior, oferecendo novas perspectivas sobre o objeto de estudo, inclusive no que diz respeito à convergência, baseada na obra de Henry Jenkins.

A introdução da fotografia na imprensa é um fenômeno de uma importância capital. Ela muda a visão das massas. Até então o homem vulgar apenas podia visualizar fenômenos que se passavam perto dele, na rua, na sua aldeia. Com a fotografia, abre-se uma janela para o mundo. Os rostos das personagens políticas, os acontecimentos que têm lugar no próprio país ou fora de fronteiras tornam-se familiares. Com o alargamento do olhar o mundo encolhe-se. A palavra escrita é abstracta, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo no qual cada um vive. A fotografia inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual é substituído pelo retrato colectivo. Ela torna-se ao mesmo tempo num poderoso meio de propaganda e de manipulação. O mundo em imagens é conformado segundo os interesses daqueles que são os proprietários da imprensa: a indústria, a finança, os governos. (FREUND, 2010, p. 107, grifo do autor).

A primeira frase do ensaio “A mensagem fotográfica”, de Barthes, aponta que “a fotografia de imprensa é uma mensagem” (BARTHES, 2009, p. 11). Segundo ele, o conjunto desta mensagem seria formado por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor, características do modelo comunicacional da época, que será revisto mais à frente em função dos processos de midiatização.

A fonte emissora é a redacção do jornal, o grupo de técnicos, dentro do qual uns tiram a fotografia, outros escolhem-na e comentam-na. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou mais exactamente, um complexo de mensagens concorrentes, sendo a fotografia o centro, mas cujos arredores são constituídos pelo texto, o título, a legenda, a paginação, e de um modo mais abstracto mas não menos «informante», o próprio nome do jornal (porque esse nome constitui um saber que pode inflectir fortemente a leitura da mensagem propriamente dita: uma fotografia pode mudar de sentido ao passar de *l'Aurore* a *l'Humanité*). (BARTHES, 2009, p. 11, grifo do autor).

Como exposto pelo autor, “este estatuto puramente «denotante» da fotografia, a perfeição e a plenitude da sua analogia, em suma, a sua «objectividade», tudo isto corre o risco de ser mítico” (BARTHES, 2009, p. 14). Nesse sentido, Sontag (2003) lembra que as fotos possuíam a vantagem de unir atributos contraditórios, e as “credenciais de objetividade” foram incluídas. Contudo, a suposta neutralidade das imagens seria impossível.

[...] sempre tiveram, forçosamente, um ponto de vista. Eram um registro do real – incontroverso como nenhum relato verbal poderia ser, por mais imparcial que fosse –, uma vez que a máquina fazia o registro. E as fotos

davam testemunho do real – uma vez que alguém havia estado lá para tirá-las. (SONTAG, 2003, p. 26).

Segundo Giacomelli (2008, p. 31), Buitoni traz uma proposta de divisão da fotografia de imprensa em dois grupos: “um ligado à fotoilustração (destinada a descrever, explicar e detalhar); e outro ao fotojornalismo (que trabalha com funções como atualidade, relevância política/social/cultural e dos valores de informação)”.

A **foto jornalística** está vinculada a valores informativos e/ou opinativos e à veiculação num órgão dotado de periodicidade. A relevância social e política, a relação com a atualidade e um caráter noticioso também ajudam a classificar esse tipo de foto. [...] A outra grande categoria é a **fotoilustração**. Pepe Baeza considera fotoilustração toda imagem fotográfica composta por imagens advindas de processos fotográficos (que podem ser em forma de colagem ou fotomontagem, por edição eletrônica ou convencional); e também a fotografia combinada com outros elementos gráficos, sempre com a finalidade de ilustrar uma ideia, um processo ou auxiliar a compreensão de um fato, de um objeto, de um processo. (BUITONI, 2011, p. 90-91, grifo do autor).

As dimensões de fotografia de imprensa abordadas por Buitoni são as mesmas de Baeza (2001). Para o autor espanhol, o termo “fotojornalismo”, que é o foco da reflexão proposta nesse capítulo, se relaciona a uma função profissional dentro da atuação da imprensa mais relacionada à produção de imagens deste setor em específico, por assim dizer. Ou seja: baseando-se em um critério funcional da classificação de imagens, levando em conta sua finalidade e o circuito em que estaria inscrito, Baeza acredita que “o fotojornalismo representa o tipo de imagem midiática mais reconhecida e estabelecida” (BAEZA, 2001, p.36, tradução nossa).<sup>2</sup>

A imagem fotojornalística é, entre aquelas produzidas ou adquiridas pela imprensa como de seu próprio conteúdo editorial, a que está vinculada a valores de informação, atualidade e notícia; é também aquela que coleta fatos de relevância de uma perspectiva social, política, econômica e outras, assimiladas pelas classificações usuais da imprensa através de suas seções. (BAEZA. 2001, p. 36, tradução nossa).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> “el fotoperiodismo representa el tipo de imagen mediática más reconocida y asentada”.

<sup>3</sup> “La imagen fotoperiodística es, de entre las producidas o adquiridas por la prensa como contenidos editoriales propios, la que se vincula a valores de información, actualidad y noticia; es también la que

No entendimento de Sousa (2002), fotografias jornalísticas seriam aquelas que possuem valor jornalístico e que são utilizadas para transmitir alguma informação útil, acompanhada de um texto. Já o fotojornalismo, segundo o autor, seria uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas.

O termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projectos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos *features* (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, **a finalidade primeira do fotojornalismo**, entendido de uma forma lata, **é informar**. (SOUSA, 2002, p. 8, grifo do autor).

Considerando a afirmação de Baeza (2001), no sentido de que as imagens fotojornalísticas seriam as mais estabelecidas e reconhecidas, nos questionamos, ainda de maneira embrionária, como se dão os processos de recepção das fotografias de imprensa mais especificamente no escopo de uma sociedade em vias de midiatização.

## 4. TEORIAS DA MIDIATIZAÇÃO

### 4.1 Uma macroambiência midiaticizada

Para compreender mais profundamente as tensões observadas na proliferação das imagens que são objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso faz-se necessário assimilar o macroambiente – deslocado aqui do sentido aplicado em âmbito empresarial/organizacional e compreendido como uma espécie de visão globalizada da sociedade, aglutinando dimensões sociais, históricas, políticas, tecnológicas e comunicacionais etc – no qual estamos inseridos, mais especificamente no que tange ao atravessamento das lógicas de mídia em todas as esferas do corpo social. Neste sentido, os estudos de midiaticização podem ser uma alternativa proveitosa para entender a referida macroambiência midiaticizada que intitula o capítulo atual.

Conforme Hjarvard (2014), os estudos relacionados à midiaticização da sociedade surgiram para reavaliar temas investigados anteriormente no que diz respeito tanto ao papel quanto à influência dos meios comunicacionais na cultura e na sociedade, evidenciando, como exposto no parágrafo anterior, o atravessamento das lógicas midiáticas nos mais diversos campos sociais (RODRIGUES, 2000).

Em particular, o conceito de midiaticização mostrou-se proveitoso para compreender a propagação, o entrelaçamento e a influência da mídia sobre outros campos ou instituições sociais, como a política (Strömbäck, 2008), a guerra (Horten, 2011) e a religião (Hjarvard, 2011). (HJARVARD, 2014, p. 13).

A partir dessa introdução, o autor explana uma mudança nos estudos midiáticos e comunicacionais, que tendiam a separar a mídia do âmbito cultural e social, enfocando mais no que ela poderia “fazer” com as pessoas – ou seja, os efeitos das mensagens sobre as pessoas que as recebiam. Tal perspectiva é característica da sociedade dos meios, que, para Fausto Neto (2008), se diferencia da sociedade em midiaticização pelo fato de que, na sociedade em midiaticização, a cultura midiática é uma referência que acaba por afetar a própria estrutura organizacional e a dinâmica em sociedade.

Uma designação econômica para diferenciar a «sociedade dos meios» da «sociedade da midiáticação» está no fato de que na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um processo interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos. Na segunda, a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade. Nestas condições, as mídias seriam o lugar (...) em que no plano da sociedade global ter-se-ia o “trabalho” sobre as representações sociais (Verón, 2004). As mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais. (FAUSTO NETO, 2008, p. 93)

Portanto, se na sociedade dos meios e nos estudos de mediação o uso da mídia era voltado à “comunicação de sentido” (Hjarvard, 2014, p. 15), constituindo uma espécie de lugar/dispositivo que mediava mensagens de produtores a receptores, na sociedade em midiáticação essa lógica é questionada pelo fato de que a mídia não é mais vista como algo “externo”, mas parte dos alicerces sociais, como detalhadamente explanado pelo autor dinamarquês.

A cultura e a sociedade contemporâneas estão a tal ponto permeadas pela mídia, que talvez já não seja possível concebê-las como algo separado das instituições culturais e sociais. Os estudos de midiáticação transferem o centro de interesse dos casos específicos de comunicação mediada para as transformações estruturais dos meios de comunicação na cultura e na sociedade contemporâneas. Com efeito, as influências da mídia encontram-se não apenas na sequência comunicativa constituída por emissores, mensagens e receptores, mas também na cambiante relação que ela desenvolve com outras esferas sociais. [...] os estudos de midiáticação ocupam-se das mudanças estruturais de *longo prazo* relativas ao papel da mídia na cultura e na sociedade, em que os meios de comunicação adquirem maior autoridade para definir a realidade e os padrões de interação social. (HJARVARD, 2014, p.15, grifo do autor).

Outras concepções acerca dos estudos de midiáticação também podem ser conferidas. Para Verón (2014, p. 15), por exemplo, o termo se referiria, na verdade, “para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas conseqüências”. Ou seja, o autor acredita que o fenômeno não seria tão recente quanto se acreditaria, visto que “o que está acontecendo nas sociedades da modernidade tardia começou, de fato, há muito

tempo”. Para ele, por conseguinte, “não há determinismo tecnológico implícito aqui”, pois “a configuração de usos que finalmente se torna institucionalizada em um lugar e tempo particular ao redor de um dispositivo de comunicação (configuração que pode ser propriamente chamada de meio) só necessita de explicação histórica”.

Não significa, portanto, que estaremos, neste trabalho, a desconsiderar a perspectiva de Verón – visto que seus trabalhos também são refletidos aqui a partir de outras concepções acerca das teorias de midiatização. Antes, *nos filiamos* à compreensão de Hjarvard (2014, p. 20) especialmente pelo fato de que ele reflete a midiatização a partir do entendimento desta como um *processo de alta modernidade*, um conceito relevante “no âmbito da sociologia moderna, dada sua relação com o processo decisivo de modernização da sociedade e da cultura”. Para Hjarvard (2014, p. 22), a midiatização “deveria ser vista como um processo de modernização comparável à globalização, à urbanização e à individualização” porque, se equiparada aos processos citados anteriormente, ela só adquiriu importância, de fato, na alta modernidade, “quando os meios de comunicação cada vez mais se distinguiram de outras instituições [...] ao mesmo tempo que se reintegraram à cultura e à sociedade”. E argumenta ainda, “em defesa” desse entendimento da teoria, que a midiatização é um processo típico da modernidade tardia.

[...] para citar John B. Thompson (1990: 15), “parcialmente constitutivo das sociedades modernas e [...] parcialmente constitutivo do que há de ‘moderno’ nas sociedades em que vivemos atualmente”. [...] Para a investigação sociológica contemporânea acerca da sociedade moderna tardia, uma teoria sobre a importância dos meios de comunicação para a cultura e a sociedade já não constitui uma possibilidade interessante, mas uma necessidade absoluta. (HJARVARD, 2014, p. 22).

Assumir a perspectiva hjarvardiana acerca da teoria da midiatização, ou seja, como um *processo de alta modernidade*, representa um alicerce relevante para a compreensão do contexto históricossocial no qual os objetos desta monografia circularam/circulam, marcado pela centralidade das mídias na sociedade e com os atravessamentos de suas lógicas pelas mais diversas áreas saltando aos olhos. Valoriza também uma compreensão mais aprofundada, crítica e atual dos próprios microambientes – compreendidos aqui pelas redes sociais de destaque nos dois

casos estudados neste trabalho: *Facebook* e *Twitter* – nos quais os objetos reverberaram e exasperaram.

Um recorte acerca da circulação das principais imagens em estudo neste trabalho também se faz necessário com o intuito de buscar uma compreensão mais aprofundada dos processos que as levaram à “fama” em ambiente digital. Para tal, estudaremos nos próximos capítulos conceitos relacionados à circulação e circuitos.

#### 4.2 Circulação: passagem/defasagem, discurso/apropriação

Em seu dicionário, Verón (2004, p. 50) caracteriza tanto “Produção e Reconhecimento” quanto “Circulação” – o item que nos interessa mais propriamente neste capítulo – como verbetes que condizem ao “essencial do esquema do sentido como proveniente de um sistema produtivo”. Segundo o autor, a circulação não possui traços visto que se define como “defasagem [...] entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção” (VERÓN, 2004, p. 53). Mais precisamente, como as condições de produção não são iguais às de recepção, circulação seria o “nome do desvio” entre produção e reconhecimento, de aspecto extremamente variável de acordo com “o nível de funcionamento da semiose [...] e segundo o tipo de conjunto significante estudado” (VERÓN, 1980, p. 193).

Para Fausto Neto (2013, p. 46), apesar de por muito tempo ter sido considerada uma espécie de “zona automática”, a circulação “somente adquiriu uma dimensão problematizadora em um contexto mais recente, o da ‘sociedade em vias de midiatização’”. Em sua definição, ela seria uma “rota de passagem” entre informações concebidas por um produtor e destinadas a um receptor segundo modelos de “informação transportada”. O que ocorre, porém, após estudos recentes relacionados à temática é que existe um destaque para “descontinuidades e contrastes” nessa relação entre os dois pólos mencionados, gerando “desajustes” ou tensões, ruídos no meio do caminho.

Tais perspectivas atribuem à circulação a causa de tal defasagem, enquanto um elemento gerador de diferença na interação envolvendo produção e recepção. Enfraquece-se a concepção que lhe foi anteriormente designada de “zona de passagem” na medida em que lhe é atribuída a

causa da instabilidade na relação entre eles; ou seja, ela é a causa de descontinuidades. (FAUSTO NETO, 2013, p. 47).

Das mudanças na compreensão dos padrões circulatorios no contexto da sociedade em vias de midiatização nos interessa observar que a antiga concepção na qual apenas sistemas tradicionais de produção midiática (jornais, rádios, emissoras de televisão etc) produziram conteúdo e o transmitiram aos espectadores é colocada em cheque pelo fato de que existe uma espécie de inversão em tal lógica.

Passamos [...] de uma situação na qual a informação era relativamente rara, nas mãos de poucos atores, particularmente os produtores de serviços que a difundiam a partir de uma posição central e segundo procedimentos bem definidos [...] a uma situação de abundância potencial, na qual a informação é susceptível de ser emitida por qualquer ponto do sistema (AMAR, 2011, p. 95 apud FAUSTO NETO, 2013, p. 48).

Precisamente no âmago dessa complexa concepção é que os objetos de estudo deste trabalho de conclusão circulam de modo rico. As imagens aqui analisadas, apesar de terem sido inicialmente produzidas com o intuito de serem disseminadas pela imprensa tradicional através da figura dos fotojornalistas extrapolaram tal lógica linear quando foram divulgadas nas redes sociais e apropriadas, em seguida, pelos atores sociais simbolizando/significando variados discursos – linguagem, como exposto por Verón (1980) – em voga naquele contexto. Ou seja: a recepção não representa mais uma figura passiva, mas ativa, que existe e age (FAUSTO NETO, 2009), dificultando a limitação ou o direcionamento da apropriação do receptor ao conteúdo transmitido a ele, o que complexifica a problemática dos efeitos, como observado por Fausto Neto, e leva a circulação não mais a um estágio de intervalo ou defasagem, mas a uma articulação entre “propriedades do discurso proposto e as estratégias de apropriação do sujeito” (VERÓN; LAVASSEUR, 1986, p. 32 apud FAUSTO NETO, 2009, p. 11).

As intenções de origem perdem força, uma vez que são entregues à outras dinâmicas que fazem com que produção e recepção não possam mais controlá-las, bem como os efeitos que presumem estabelecer sobre

discursos. Não podem os mesmos se impor unilateralmente, apesar de estarem submetidos às regras e processos produtivos aparentemente coerentes, que visam orientar a atividade racional dos lugares de enunciação. (FAUSTO NETO, 2009, p. 9).

Da mesma maneira que nos interessa estudar os processos de circulação em relação aos objetos de estudo deste trabalho, acreditamos que se faz relevante investigar os circuitos envolvidos nos dois casos.

### 4.3 Os circuitos tangíveis

Faz-se necessário assinalar que o conceito de circuitos (BRAGA, 2012a) relaciona-se às lógicas circulatórias. O que ocorre é que ele se aproxima mais da noção de sistema social de resposta (BRAGA, 2006), em que receptores desenvolvem uma resposta a partir de um “subsistema de resposta social”. Através de mediações e desvios de interpretação, não há uma interrupção do fluxo comunicacional, o que leva à inicialização de um “novo circuito” baseado primordialmente em leituras e apropriações (BRAGA, 2012b).

Desenvolve-se um sistema de resposta social que reabastece na sociedade (muitas vezes através de processos mediados) vozes que se posicionam e buscam atuar comunicacionalmente - podendo exercer, entre outras ações, uma crítica à mídia. Eventualmente estas ações retornam aos emissores originais, na continuidade de seu trabalho. (BRAGA, 2012b, p. 48, tradução nossa<sup>1</sup>).

O conceito de circuitos se faz proveitoso na compreensão dos casos estudados nesta monografia precisamente em função de tal constatação, uma vez que serão identificadas mais adiante as “vozes” que se posicionam e atuam comunicacionalmente, especialmente no que diz respeito à ambiência das redes sociais digitais, em que se percebe a circulação e um “fluxo adiante” (BRAGA,

---

<sup>1</sup> “Se desarrolla un sistema de respuesta social que repone en la sociedade (frecuentemente a través de procesos mediatizados) voces que se posicionan y buscan actuar comunicacionalmente – pudiendo ejercer, entre otras acciones, una crítica de los medios. Eventualmente estas acciones retornan a los emissores originales, em la continuidad de su trabajo”.

2012a) de diversas formas, o que inclui, de acordo com o autor, por exemplo, a elaboração de comentários acerca do produto comunicacional ou a geração de debates, análises e polêmicas – todos os pontos referidos são identificáveis nos objetos de estudo deste trabalho.

Após a apropriação dos sentidos de qualquer mensagem, seus destinatários podem sempre colocar em circulação no espaço social uma resposta. Essa resposta, independente de um retorno imediato, segue adiante em processos diferidos e difusos. Eventualmente, em toda a circulação e pelo cruzamento cultural dos múltiplos circuitos, as ideias, proposições, imagens, posições polêmicas e tendências expressas se reforçam, opõem-se, desaparecem ou retornam. O "retorno" que consideramos relevante, neste nível, é o do circuito estendido e não o retorno imediato ao ponto de partida. (BRAGA, 2012b, p. 49, tradução nossa<sup>2</sup>).

Compreender os circuitos envolvidos nos casos possibilita a elaboração de uma espécie de “mapeamento” das atividades comunicacionais identificáveis a partir das interações que surgem entre atores e objetos, bem como a emergência de “novas condições de circulação” segundo observação de Antonio Fausto Neto (MACHADO; SANTOS, 2018, p. 34). No caso deste trabalho, os “circuitos tangíveis” – ou seja, aqueles que estariam ao nosso alcance, ao nosso “toque”, que podem ser identificáveis na macroambiência midiática – serão descritos com mais profundidade na análise e dispostos graficamente em nosso desenho de pesquisa, evidenciando os percursos pelos quais objetos e discursos circularam.

---

<sup>2</sup> “Después de la apropiación de los sentidos de un mensaje cualquiera, sus receptores siempre pueden poner en circulación en el espacio social una respuesta. Esta respuesta, independiente de un retorno inmediato, sigue adelante en procesos diferidos y difusos. Eventualmente, en el conjunto de la circulación y por el entrecruzamiento cultural de los múltiples circuitos, las ideas, proposiciones, imágenes, posiciones polémicas y tendencias expresadas se refuerzan, se contraponen, desaparecen o retornan. El “retorno” que consideramos relevante, en este nivel, es el del circuito ampliado y no la vuelta inmediata al punto de partida.”

## 5. METODOLOGIA

Tratamos aqui de formular uma abordagem metodológica que nos pareça adequada à natureza e às características muito particulares e definidoras de nosso objeto de estudo. Nesse sentido, não se configura um movimento metodológico estanque, mecânico, ou uma espécie de aplicação rígida de modelos já estabelecidos. Resumidamente, não propomos uma espécie de “receita de bolo”. Pelo contrário: nossa abordagem metodológica tem como propósito criar e experimentar um conjunto de procedimentos úteis e, talvez, mais qualificados ou capazes de contemplar o objeto em questão sem desfigurá-lo. O intuito, portanto, é abarcar as complexidades do objeto da melhor maneira possível. Neste capítulo, serão explanadas algumas referências teóricas sobre esses métodos, suas potências particulares, suas proveniências disciplinares e sua aplicabilidade. Nos subcapítulos a seguir conceituamos aqueles métodos já consagrados que serão abrangidos na concepção de nosso método experimental.

### 5.1 Estudo de caso

De natureza qualitativa, o estudo de caso se caracteriza pela investigação de “um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 2001, p. 32 apud DUARTE, 2008b, p. 216). Como exposto por Duarte (2008b), é um método mais utilizado quando se faz necessário buscar respostas para perguntas do tipo “por que” e “como” e, também, “quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (DUARTE, 2008b, p. 216). O método se aplica aos casos estudados aqui porque algumas perguntas de pesquisa remetem ao “porque” e “como”, principalmente, por exemplo, na busca da compreensão por trás da produção das imagens, recepção pelos atores sociais, entre outros aspectos a serem analisados. Por serem contemporâneos, os fatos, desenrolados em 2016 e 2017, também se enquadram na característica citada por Duarte anteriormente.

A relação do material coletado no tocante ao método pode ser observada em nosso trabalho mais especificamente no arquivamento de entrevistas, notícias, postagens das redes sociais entre outros. Contudo, acreditamos que os casos por nós trabalhados se encaixam nos estudos de caso principalmente por motivos enumerados por Duarte (2008b) baseando-se em Merriam em relação aos seus particularismos – acontecimentos/fenômenos examinados como problemas da vida real –, descrições – detalhamento do assunto estudado –, explicações – a compreensão por trás do que foi analisado, gerando perspectivas, visões e interpretações novas – e induções – princípios gerados pela análise dos dados.

## 5.2 Pesquisa bibliográfica

Apresentada nos capítulos 3 e 4 – Teorias da Imagem e Teorias da Midiatização, respectivamente – a pesquisa bibliográfica deste trabalho foi construída ao longo do curso especialmente a partir de leituras e fichamento decorrentes das disciplinas de Teorias do Jornalismo, Fotografia, Projeto Experimental em Fotografia, Fotojornalismo, Semiótica, Seminário Projeto de Pesquisa, Estudos da Imagem e do Som e Teoria e Pesquisa em Fotografia, cursadas nos anos de 2012, 2014, 2016 e 2017. A atuação enquanto bolsista de iniciação científica com o Prof. Dr. Antonio Fausto Neto, iniciada em março de 2017 e encerrada com a conclusão do curso, possibilitaram a compreensão dos estudos voltados à midiatização.

Os procedimentos e esforços variados investidos ao longo desses anos no que diz respeito à bibliografia, como a seleção de documentos, anotações de referências e fichamentos, resultando na revisão bibliográfica apresentada neste trabalho de conclusão, são característicos da pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, me refiro aos procedimentos adotados no âmbito da realização deste trabalho com o intuito de “identificar, selecionar, localizar e obter documentos [...] bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário (STUMPF, 2008, p. 54). Tanto discussões em sala de aula quanto leituras realizadas para a realização de trabalhos acadêmicos foram essenciais para, como exposto por Stumpf (2008), após a definição do problema de pesquisa, aprofundar conceitos, reunir material, refletir sobre o tema que foi proposto, ampliar

as reflexões teóricas, direcionar objetivos, gerando novas ideias e, conseqüentemente, criando um novo universo de possibilidades que não encerra a pesquisa aqui.

### 5.3 Leitura de imagens

Questões simbólicas existentes na fotografia perpassam por questões técnicas. Exatamente em função disso é que nosso percurso metodológico inclui leitura, interpretação e síntese (COUTINHO, 2008) de aspectos técnicos – de caráter mais universal, portanto – dos principais objetos de estudo deste trabalho. Tal movimento, segundo a autora, caracteriza-se por uma espécie de “tradução” de aspectos visuais em signos. Constituem-se importantes focos na análise técnica, por exemplo, “o enquadramento, a perspectiva, a relação fundo/figura, a composição da imagem, a utilização de luz e cores, a relação entre os objetos apresentados e a função da mensagem visual” (COUTINHO, 2008, p. 336).

Os focos de análise técnica são relevantes no contexto da leitura das imagens do presente trabalho de conclusão de curso porque, como visto no subcapítulo 3.1, a fotografia é produto de um olhar sobre o mundo, é um recorte da realidade a partir da perspectiva de um *Operator* (BARTHES, 2015), segundo exposição do subcapítulo 3.2. Portanto, o estudo de características técnicas auxilia na compreensão de aspectos subjetivos, visto que o enquadramento, para citar um exemplo, revela o recorte do profissional que transmite e/ou busca transmitir uma mensagem, a distância do fotógrafo em relação ao objeto retratado, a sensação que pode ser difundida ao espectador – de vazio em planos gerais, de aproximação ao assunto em planos fechados etc. Ou seja: na análise de um aspecto imagético é possível se aproximar das “intenções do autor daquela imagem ao produzi-la, especialmente se considerarmos que cada tipo de recorte tem uma determinada função narrativa” (COUTINHO, 2008, p. 337).

Interessa-nos também, pensando na “transposição midiática” do visual para o verbal, considerar “aspectos do contexto de produção, recepção daquela mensagem e ainda a história da imagem” (COUTINHO, 2008, p. 334), bem como a separação das interpretações pessoais das coletivas.

#### 5.4 Método semiótico

“A semiótica não se refere diretamente à realidade. Ela o prefere fazer por meio do *signo* e do *texto*”, diz Iasbeck (2008, p. 194, grifo do autor). Seu objetivo, de maneira resumida, é “classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis” (SANTAELLA, 1995, p. 29). Para tal, essa ciência ou disciplina, criada por Charles Peirce, encara o signo como possuidor de uma natureza triádica que pode ser analisado “em si mesmo, nas suas propriedades internas [...]; na sua referência àquilo que ele indica [...]; e nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores” (SANTAELLA, 2002, p. 5). Ele também, segundo Santaella (1995, p. 58), “é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto”. É por isso que, de acordo com a autora, torna-se natural que se busque nas definições abstratas dos mais variados signos uma espécie de “guias” para um método analítico que pode ser aplicado “a processos existentes de signos e às mensagens que eles transmitem, tais como aparecem em poemas, músicas, pinturas, fotos, filmes [...] em qualquer meio em que essas peças possam aparecer” (SANTAELLA, 2002, p. 5). Enquanto o signo possui natureza triádica, o texto seria uma espécie de “ambiente” do signo, “um conjunto composto do fundamento do signo, das marcas que ele carrega do objeto que representa e dos demais signos que o acompanham, que o interpretam” (IASBECK, 2008, p. 195).

Com a relação fenomenológica da semiótica, Peirce chegou à conclusão de que “há três [...] elementos formais e universais em todos os fenômenos que se apresentam à percepção e à mente” (SANTAELLA, 2002, p. 7). Eles seriam denominados pelo cientista de primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade aparece em tudo que estiver relacionado com acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada. A secundidade está ligada às idéias de dependência, determinação, dualidade, ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. A terceiridade diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência. (SANTAELLA, 2002, p. 7).

Outra concepção relevante no que diz respeito à classificação dos signos, ou sua divisão de partes integrantes, novamente triádica, é a relação do signo em si mesmo (quali-signo, sin-signo e legi-signo), com seu objeto (ícone, índice e símbolo) e com seu interpretante (rema, dicente e argumento). Suas relações de análise resultam numa infinidade de possibilidades, portanto, interessa-nos aqui mais especificamente pensar no lugar da fotografia em tal conceituação. De acordo com Santaella (1995, p. 69-70), “todas as linguagens da imagem, produzidas através de máquinas (fotografia, cinema, televisão...), são signos híbridos: trata-se de hipóícones (imagens) e de índices”, e isso ocorre porque “essas máquinas são capazes de registrar o objeto do signo por conexão física”. Pensando na reflexão proposta neste subcapítulo, vale ressaltar que a semiótica aqui é encarada como um instrumento, a uma só vez, teórico e metodológico, o que justifica, portanto, um espaço duplo no trabalho.

Na perspectiva aplicada, relacionada de certa maneira ao subcapítulo anterior – Leitura de Imagens –, refletiremos acerca dos elementos de primeiridade, secundidade e terceiridade, correspondentes, nos níveis de apreensão das fotografias, aos sentimentos, aos motivos fotografados e, por último, às interpretações feitas sobre as imagens (SANTAELLA, 2012, p. 79). Também divagaremos sobre as categorias de classificação dos signos, aquelas que consideramos mais próximas da perspectiva estudada nesta monografia, procedimento detalhado neste capítulo. Em um primeiro momento, cabe-nos separar o texto, compreender as fotografias como formas textuais específicas do âmbito imagético. O próximo passo é conceber a análise semiótica a partir das categorias por nós selecionadas na relação do signo com seu objeto, que são 1) ícone, 2) índice e 3) símbolo. No primeiro caso, examinamos aspectos plásticos da dimensão icônica, características sensoriais, emoções que as imagens podem gerar, característicos da primeiridade. Segundamente, em relação ao índice, cabe-nos refletir acerca da factualidade, do momento do clique, da cena eternizada, a concretude do fato, a posição do fotógrafo, características típicas de uma secundidade. Em um terceiro momento, refletimos sobre o símbolo na dimensão além do factual, concernente, por exemplo, a ver a fotografia da babá e enxergar aquilo que está além do registro, pensando na questão de classe ali posta, ou mesmo na “muçulmana insensível” não como apenas uma mulher que atravessa a

ponte de Westminster, mas uma mulher trajada com um véu que a caracteriza como muçulmana no momento de um ataque terrorista.

### 5.5 Entrevista aberta

Para Duarte (2008a, p. 62) a entrevista individual em profundidade “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”, com vistas a “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. No caso desta monografia, constitui-se em um método necessário para compreender uma série de questões não abordadas pelos jornalistas nas notícias produzidas sobre os casos estudados em relação à produção das fotografias, ou seja, do ponto de vista dos fotógrafos, sobretudo porque, das notícias divulgadas, apenas o fotógrafo *freelancer* Jamie Lorriman foi ouvido pela imprensa para falar sobre a situação retratada por ele, segundo material por nós coletado. No caso deste trabalho acreditamos ser relevante obter o testemunho dos profissionais da imagem uma vez que estudamos diversos pontos de vista acerca das imagens baseando-nos nas três principais “categorias” elucidadas por Barthes (2015) em sua obra e apreciadas por nós no subcapítulo 3.1. Obtivemos acesso e coletamos percepções de *Spectrum* e *Spectator* acerca dos casos. Torna-se essencial analisar também a visão do *Operator*. Essa é precisamente a finalidade da entrevista em profundidade em nosso trabalho de conclusão.

A entrevista será aberta em função de sua natureza exploratória e flexível, como exposto por Duarte (2008a, p. 65), sem uma sequência fechada definida previamente. Nossa escolha se deu em função da liberdade que a entrevista aberta proporciona, principalmente pelo fato de que o profissional que se dispôs a ser entrevistado poderá falar sobre o caso livremente, pensando nas respostas de acordo com sua realidade, sua visão de mundo, seus pensamentos. As respostas são indeterminadas, mas “a capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas”. De igual sorte, apresentará um roteiro semi-estruturado, exposto nos apêndices, permitindo que profissional aborde a temática como melhor entender.

## 5.6 Um método em experimentação

Propriamente pensando nas complexidades do objeto, propomos aqui a criação de um método híbrido que envolva as reflexões teóricas acerca das teorias da imagem e da midiatização, incluindo alguns modelos metodológicos empregados por estudiosos da midiatização especialmente no que concerne ao mapeamento dos circuitos dos objetos. O estudo dos casos escolhidos para a análise do trabalho também está incluído no método em experimentação, bem como a leitura técnico-semiótica das imagens de destaque dos casos e a realização de entrevista aberta com um dos profissionais que detém a autoria de uma das imagens, aquele que foi responsável pelo clique da fotografia da babá Maria Angélica Lima. Como será esclarecido mais adiante, o outro fotógrafo não foi localizado.

O exercício proposto na formulação deste novo método ou sistema de análise, portanto, diz respeito a uma abordagem transmetodológica (MALDONADO, 2015) partindo, como exposto pelo autor, “da premissa de que a investigação científica em comunicação precisa da confluência *profunda*, cooperativa e produtora da estruturação de *métodos mistos, múltiplos*” (MALDONADO, 2015, p. 720, grifo do autor).

## 6. ANÁLISE DOS CASOS

### 6.1 Um mapeamento (possível) dos circuitos

Para compreender as complexas relações existentes entre atores sociais e veículos de comunicação nos casos estudados neste trabalho faz-se necessário mapear os circuitos por nós observados. Esse movimento busca primordialmente destacar os circuitos principais, aqueles que se sobressaem em uma visão ampla dos objetos, visto que, pelas próprias características da internet, seria impossível mapeá-los de todo. Nesse sentido, cabe-nos descrever os principais percursos pelos quais as imagens circularam, ressaltando tanto consequências da circulação quanto particularidades de cada caso.

#### 6.1.1 O caso brasileiro

Inflamadas de manifestações contra o Governo Federal, as redes sociais em março de 2016, mais especificamente no dia 13, separado para passeatas que ocorriam em todo o país tendo como reivindicação principal a deposição da ex-presidente Dilma, estavam em polvorosa. Ainda que o ambiente *online* contasse com discussões muito centradas no *impeachment*, na maior parte das vezes com discursos dos atores sociais caracterizados pelo antagonismo, a imagem compartilhada pelo repórter João Valadares em seu *Instagram* (Figura 1) – inscrevendo-a na circulação – e replicada automaticamente pelo aplicativo para o *Facebook* gerou uma nova perspectiva de discussão na temática das manifestações, perspectiva essa agora voltada para questões relativas às diferenças entre classes sociais, traçando sutilmente inclusive um perfil dos manifestantes daquela causa. Apesar de estar no Rio de Janeiro a passeio, Valadares decidiu fazer algumas fotografias com seu *iPhone*.

*Quando esse casal passou [...] eu vi uma charge que estava circulando nas redes antes, uma semana antes, que era uma babá também toda vestida de branco empurrando um carro de bebê e uma mulher na frente com a bandeira do Brasil e pedindo justiça. Eu fiz um link muito rápido, assim. Quando eles passarem, eu disse, eu vou fotografar. Era uma*

*manifestação pública, as pessoas que estavam ali numa manifestação pública, legítima, diga-se, e fotografei. Acho que eu fiz umas 20 fotos ou menos. Fotografando, porque aquilo me chamou a atenção, e depois eu parei e publiquei acho que três fotos apenas com o nome do local [...] e a data. (João Valadares)<sup>1</sup>.*



Figura 4 – Charge que circulava uma semana antes da fotografia inspirou João Valadares. Fonte: Reprodução/Facebook

Segundo o repórter, depois de aproximadamente uma hora seu celular passou a indicar notificações das redes sociais com certa velocidade, deixando-o “assustado como isso tinha tomado uma dimensão gigantesca” (João Valadares). Já inscrita na circulação por meio das redes sociais, a fotografia, naquele instante, passava a gerar debate entre os atores sociais que tiveram acesso à ela e a colocaram a circular em outros espaços, como o *Twitter*. Na opinião de Valadares,

---

<sup>1</sup> O roteiro da entrevista pode ser acessado no Apêndice A deste trabalho. A transcrição completa encontra-se no Apêndice B.

talvez ela tenha alcançado um público extenso porque alguns de seus amigos nas redes são “*peças relativamente conhecidas e eles replicaram isso*”, e determinados amigos “*tinham milhões de seguidores*” (João Valadares). O músico Tico Santa Cruz, por exemplo, que possui quase 2,8 milhões de seguidores no *Facebook*<sup>2</sup>, foi um dos usuários que publicou a imagem e auxiliou a impulsionar sua circulação.

Das redes sociais, terreno de interação entre os atores sociais acerca da fotografia e as questões ali postas, a imagem pautou rapidamente veículos de comunicação que atuam *online*. Nas palavras de Valadares, cerca de duas horas ou três horas depois da publicação a imagem “*já estava em quase todos os jornais do Brasil, pelo menos na internet, e alguns jornais*” (João Valadares), incluindo, segundo o relato do repórter, ligações de jornalistas que atuavam em veículos como *O Público*, de Portugal, e a *BBC* de Londres. Os jornais brasileiros, como *Extra*, *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, entre outros veículos foram os primeiros a tratar do assunto. O *Correio Braziliense*, jornal no qual o repórter atuava à época, tratou de divulgar a repercussão da fotografia relacionando-a com a empresa. O veículo, inclusive, foi um dos únicos inicialmente a relacionar os créditos da fotografia a João, rendendo não só uma matéria para o site como um espaço na capa do jornal impresso.

Q **CORREIO BRAZILIENSE** Política

QUANDO OS RECURSOS SÃO MAL UTILIZADOS  
**TODOS SOFREM.**  
EXIGIR DOS GOVERNANTES SERVIÇOS DE QUALIDADE  
**É UM DIREITO SEU!**

Auditores Fiscais da Receita Federal  
Juntos com você, a favor do Brasil  
CLIQUE AQUI E SAIBA MAIS

**SINDIFISCO NACIONAL**  
Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais  
da Receita Federal do Brasil

## Foto do Correio no Rio viraliza e expõe um país e uma web divididos

Registro do repórter João Valadares, que mostra diretor de Finanças do Flamengo indo ao protesto com a mulher, filhos e a babá, "quebrou" a internet e rendeu combustível para memes dos dois lados

postado em 14/03/2016 15:28 / atualizado em 14/03/2016 15:28

Figura 5 – Ao divulgar a repercussão do caso, Correio Braziliense relaciona a fotografia com a empresa. Fonte: Reprodução/Correio Braziliense

<sup>2</sup> Dado coletado em 29 mai. 2018.

Uma das características do caso em questão foi a cobertura por parte não só de veículos que lidam primordialmente com o texto, seja ele impresso ou digital, como de um em especial que decidiu introduzir também o audiovisual na abordagem. O jornal *Extra* optou por dar voz à babá ao divulgar uma entrevista em vídeo com ela em uma matéria que versa sobre a circulação da imagem, trazendo também uma entrevista em texto com Maria Angélica, mais completa que a audiovisual, e a manifestação de seu empregador no *Facebook*<sup>3</sup>.

Com a repercussão do caso no Brasil, veículos de comunicação do exterior também passaram a divulgar o fato. Em 16 de março de 2016 o *Huffington Post* deu ao caso importância de nível nacional ao tentar explicar porque “esta foto de manifestantes brasileiros está provocando debate nacional”<sup>4</sup>. A *BBC* afirmou que a fotografia se tornou um “símbolo de como o Brasil se polarizou” no debate relacionado aos protestos da época ao realizar o mesmo exercício que o *Huffington Post*, questionando no título da notícia “por que uma foto de protesto estranhamente não-dramática pegou o Brasil”<sup>5</sup>.

A linguagem empregada por esses veículos também nos remete a outra particularidade dos dois casos por nós estudados: não só jornais caracterizados pelo estilo *hard news* cobriram o caso como também blogs e demais portais de jornalismo independente, e que assumem uma posição política mais evidente, seja mais à esquerda ou direita no espectro político, passaram a falar sobre a circulação da imagem, ora adotando a narrativa proposta pelo *Operator*, ora auxiliando na disseminação de interpretações múltiplas do *Spectator*<sup>6</sup>.

Os circuitos aqui observados, portanto, tratam ordenadamente 1) da produção e publicação da imagem pelo repórter no *Instagram* e no *Facebook*; 2) da apreensão da imagem por parte dos atores sociais em ambiente *online* gerando debate; 3) da replicação do debate dos atores sociais por parte de veículos de comunicação

---

<sup>3</sup> As questões serão abordadas mais detalhadamente no capítulo 6.3.

<sup>4</sup> COOK, Josselyn. Why This Photo Of Brazilian Protesters Is Sparking National Debate. **Huffington Post**, [S.l.], 16 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.huffingtonpost.com/entry/viral-brazil-photo-sparks-outrage\\_us\\_56e822a1e4b0860f99da59de](https://www.huffingtonpost.com/entry/viral-brazil-photo-sparks-outrage_us_56e822a1e4b0860f99da59de)>. Acesso em: 29 mai. 2018.

<sup>5</sup> WHY did a strangely undramatic protest photo grip Brazil? **BBC Trending**, [S.l.], 16 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/blogs-trending-35824122>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

<sup>6</sup> As visões de *Operator*, *Spectrum* e *Spectator* sobre os casos serão aprofundadas no capítulo 6.3.

nacionais, além de blogs com posicionamento político mais evidenciado, seja à esquerda ou direita, incluindo abordagens audiovisuais e, por fim, 4) repercussão do caso por veículos internacionais, porém menor expressividade. Essas são as particularidades do mapeamento dos circuitos no primeiro caso, o da babá. Partimos agora para a análise do segundo caso, o da muçulmana.

### 6.1.2 O caso britânico

Não bastasse a recente ascensão e posse de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos da América, foi também observada à época a elevação do número de atores sociais que concordavam com ideias semelhantes às do então presidente – não foi por acaso sua vitória, como se viu. Com a propagação por parte de Trump de pensamentos e ações xenofóbicas durante sua campanha a serem aplicadas caso este fosse eleito, não seria de estranhar o fato de que uma imagem como a clicada pelo fotógrafo *freelancer* britânico Jamie Lorriman (Figura 2) também obtivesse projeção nacional e internacional. Mas há particularidades neste caso a serem descritas por nós especialmente neste subcapítulo. A primeira delas é que, diferentemente do caso brasileiro, a imagem de autoria de Jamie não possui origem identificável a partir de seu compartilhamento por parte do fotógrafo. Ou seja: não possuímos rastros da imagem publicada por Jamie em nenhum espaço *online*: nem em seus perfis nas redes sociais, nem mesmo em seu site. O primeiro ponto de mapeamento dos circuitos, portanto, é uma incógnita, especialmente se levarmos em consideração a relação desse aspecto com o segundo ponto.

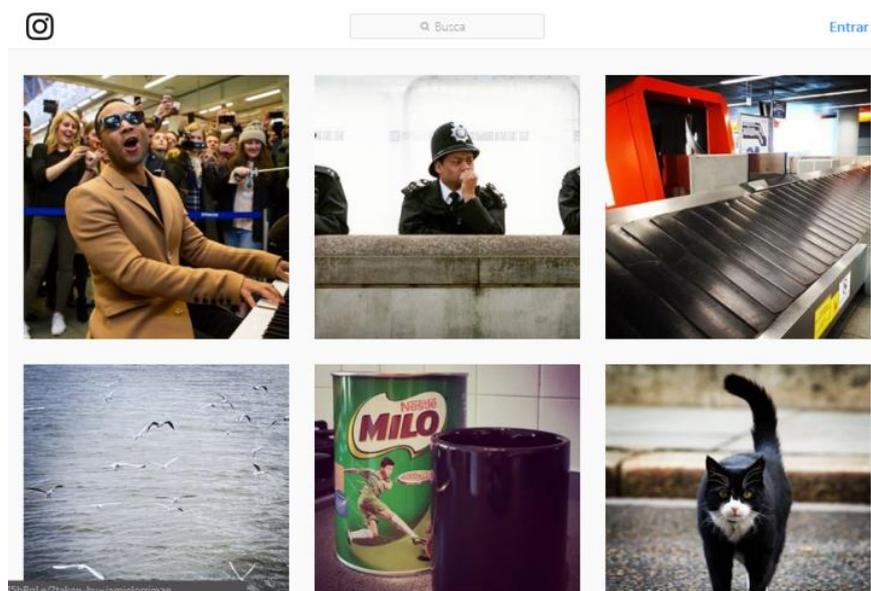


Figura 6 – Galeria de Jamie Lorriman no Instagram em data aproximada do atentado não possui nenhuma imagem relacionada ao fato. Fonte: Reprodução/Instagram.

Apesar de não sabermos qual exatamente foi a origem da fotografia no que diz respeito à sua inscrição na circulação, o que possuímos registro é que o caso tomou repercussão expressiva pelo compartilhamento da imagem de Lorriman no *Twitter*, mais especificamente pelo perfil denominado Texas Lone Star – nome que foi alterado posteriormente para South Lone Star – que aparentava origem norte-americana e, por decorrência do nome escolhido para o perfil, texana. A fotografia, portanto, foi apropriada pelo usuário citado e publicada na respectiva rede social com uma narrativa textual que acompanhava a imagem apontando para a interpretação de que a muçulmana não se importava com as vítimas ocidentais que estavam ao seu lado, visto que “casualmente checava seu celular” enquanto por ali passava. Como o usuário teve acesso à fotografia, no entanto, não é de nosso conhecimento, ao menos por hora. Nossa intenção ao indicar a entrevista como procedimento metodológico era preencher essas lacunas, dúvidas existentes em relação aos casos, mas Lorriman não se manifestou acerca de nossos convites para a entrevista – o que aponta para conclusões que serão abordadas nas considerações finais do trabalho.



Figura 7 – Construção de perfil sugeria que usuário Texas Lone Star seria texano e conservador. Fonte: Reprodução/Twitter.

De qualquer maneira, o teor da mensagem divulgada pelo usuário atingiu diversos atores sociais no ambiente das redes sociais, novamente gerando debate. No *Twitter*, diversas pessoas que aparentavam perfil político conservador concordavam integralmente com o usuário e inclusive reforçavam a narrativa por ele espalhada com a produção de diversos memes em montagens fotográficas e audiovisuais por eles produzidas, muitas vezes remetendo a outros momentos icônicos e muito explorados pela mídia no que diz respeito, por exemplo, a execuções do Estado Islâmico, ataques às Torres Gêmeas em Nova York e outras situações, trabalhando para auxiliar na propagação da narrativa da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b).



Figura 8 – Usuários do Twitter reforçam narrativa da “muçulmana insensível” compartilhando montagens. Fonte: Reprodução/Twitter

Outros usuários do *Twitter* tratavam de refutar a ideia de que a muçulmana não se importava com as vítimas do atentado evidenciando o preconceito ali disseminado, exibindo, por exemplo, imagens semelhantes à criticada, porém com pessoas que passavam pelo local no momento do atentado e não possuíam qualquer traço que as identificasse como muçulmanas. Por que essas fotografias não viralizaram? Questionavam esses atores sociais, indicando, portanto, que para determinados usuários que compartilhavam aquela imagem publicada por Texas Lone Star, apenas muçulmanos poderiam ser insensíveis aos ataques em função de suas origens e dos sentimentos destrutivos que nutriam contra ocidentais. Preconceito evidenciado no embate entre opiniões antagônicas nas redes sociais.



Figura 9 – “Eles não gostam de retuitar<sup>7</sup> a foto deste homem mesmo que ele faça a mesma coisa que ela”, aponta ator social. Fonte: Reprodução/Twitter.

Os veículos de comunicação trataram de divulgar o caso a partir das discussões que a fotografia estava suscitando. Tanto o jornal *Metro* britânico quanto o *The Sun* destacaram os conflitos entre a perspectiva compartilhada pelo usuário Texas Lone Star e a visão dos atores sociais que discordaram da narrativa da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) argumentando que ela estava claramente “horrorizada” pelo ataque terrorista, informação que foi abordada por

<sup>7</sup> Na definição do dicionário Cambridge, *retweets* são breves informações ou observações – ou seja, publicações – publicadas no *Twitter* que foram compartilhadas novamente dentro da plataforma.

ambos os veículos nos títulos de suas notícias: “Indignação com os *trolls*<sup>8</sup> doentes que detonam uma mulher muçulmana por sua ‘indiferença’ ao ataque terrorista em Londres quando ela claramente parece horrorizada” (*The Sun*)<sup>9</sup> e “*Trolls* envergonhados por chamar a mulher muçulmana aterrorizada de ‘monstro’” (*Metro*)<sup>10</sup>.

Com a repercussão do caso nas redes e os milhares de comentários, tuítes<sup>11</sup> e retuítes no *Twitter* e a transposição da discussão para outras redes, como o *Facebook*, e a replicação do caso pelos jornais através de diversas abordagens, os veículos de comunicação deram voz à versão do fotógrafo sobre a situação e, principalmente, sobre a narrativa que fora disseminada inicialmente no *Twitter*, que dava conta que a muçulmana não se importaria com o ataque. Lorriman, em entrevista à *ABC News Australia*, discordou da narrativa posta e defendeu a mulher por ele fotografada<sup>12</sup>, novamente alimentando a imprensa, que tratou de repercutir sua fala.

Apesar de que em ambos os casos, tanto o brasileiro quanto o britânico, as mulheres fotografadas se manifestaram, a particularidade no segundo é referente ao fato de que a muçulmana se manifestou, mas sua identidade foi preservada. Ela fala, mas por meio de um texto divulgado pelo coletivo *TellMAMA*, uma das instituições mais respeitadas no âmbito da defesa dos direitos dos muçulmanos no Reino Unido. Enquanto a babá brasileira teve sua imagem, nome e identidade expostas por meio da imprensa, a muçulmana é protegida, mas sem esconder seu descontentamento em relação à circulação de sua imagem<sup>13</sup>, o que, novamente,

---

<sup>8</sup> Muito utilizado na internet, *troll* é um termo utilizado como gíria para designar uma pessoa cujo comportamento e/ou comentário visa desestabilizar discussões e enfurecer pessoas envolvidas.

<sup>9</sup> RICHARDSON, Hayley. Outrage at sick trolls who blast a Muslim woman for her ‘indifference’ to London terror attack when she clearly looks horrified. **The Sun**, [S.I.], 23 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/living/3158465/vile-trolls-muslim-woman-london-terror-attack/>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

<sup>10</sup> WHITE, Charles. Trolls shamed for calling terrified Muslim woman a ‘monster’. **Metro.co.uk**, [S.I.], 23 mar. 2017. Disponível em: <<https://metro.co.uk/2017/03/23/trolls-shamed-for-calling-terrified-muslim-woman-a-monster-6529654/>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

<sup>11</sup> Breves informações ou observações publicadas no *Twitter*, segundo o dicionário Cambridge.

<sup>12</sup> A manifestação completa pode ser conferida no Anexo F.

<sup>13</sup> A visão do *Spectrum* sobre a circulação das fotografias será melhor abordada no subcapítulo 6.3.2, incluindo uma tradução do texto da muçulmana, que pode ser conferido no Anexo E.

alimenta a imprensa, que passa adiante a visão da “vítima” da circulação imagética e de sentido. No Brasil, veículos como *O Globo* e *El País* abordaram o caso, sendo que o primeiro contextualizou-o (“Muçulmana em atentado de Londres vira alvo de acusações na Internet”<sup>14</sup>) enquanto o segundo ecoou a voz da muçulmana (“‘Só viram a minha roupa’, diz a mulher da foto do atentado de Londres”<sup>15</sup>).

Uma particularidade dos circuitos observados neste caso, porém, chama a nossa atenção. Após o “esfriamento” do debate e mesmo da cobertura jornalística acerca do atentado, um fato novo surgiu, atualizando a abordagem midiática após aquilo que denominamos um *hiato* na circulação: como revelado pelo *WIRED*<sup>16</sup> segundo dados fornecidos pelo Congresso Americano, pela *startup* de segurança *New Knowledge* e a lista russa do *Twitter* divulgada pelos Democratas norte-americanos, houve interferência russa no *Brexit* através de perfis nas redes sociais, e um deles foi o usuário @SouthLoneStar, o mesmo que divulgou a imagem com a narrativa da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) nas redes. Após a descoberta o *Twitter* suspendeu a conta<sup>17</sup> e, com o novo fato, criou-se um novo circuito: apesar do caso ter sido conhecido pelas discussões propostas pelos atores sociais acerca da narrativa acoplada à imagem, quem tratou de inscrevê-lo novamente na circulação após um período de esvaziamento foi a imprensa, que trouxe-o novamente ao debate a partir de outro foco, não mais baseando-se na discussão de âmbito racial, mas político. *The Telegraph*<sup>18</sup>, por exemplo, atualizou o caso por meio da nova informação, mas contextualizou a discussão que havia sido gerada em um primeiro momento. *Mirror* ressaltou o “papel da Rússia na foto de

<sup>14</sup> MUÇULMANA em atentado de Londres vira alvo de acusações na Internet. **O Globo**, [S.l.], 24 mar. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/muculmana-em-atentado-de-londres-vira-alvo-de-acusacoes-na-internet-21108644#ixzz5GxVxJDyD>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

<sup>15</sup> SÁNCHEZ, Emilio; HANCOCK, Jaime. “Só viram a minha roupa”, diz a mulher da foto do atentado de Londres. **El País**, [S.l.], 25 mar. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/25/internacional/1490440855\\_034986.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/25/internacional/1490440855_034986.html)>. Acesso em: 30 mai. 2018.

<sup>16</sup> BURGESS, Matt. Here's the first evidence Russia used Twitter to influence Brexit. **WIRED**, [S.l.], 10 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.wired.co.uk/article/brexit-russia-influence-twitter-bots-internet-research-agency>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

<sup>17</sup> A discussão sobre a relevância do *studium* na circulação será debatida no subcapítulo 6.3.4.

<sup>18</sup> DIXON, Hayley. Russian bot behind false claim Muslim woman ignored victims of Westminster terror attack. **The Telegraph**, [S.l.], 13 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/11/13/russian-bot-behind-false-claim-muslim-woman-ignored-victims/>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

‘mulher muçulmana ignorando as vítimas do ataque terrorista de Westminster’<sup>19</sup>. No Brasil, *O Globo* disse que “Foto de muçulmana em ataque de Londres foi viralizada por robô russo”<sup>20</sup>.

Technology | Science | Culture | Gear | Business | Politics | M



The Russia-based Twitter account @SouthLoneStar had more than 16,000 followers

Figura 10 – WIRED denuncia que perfil que divulgou a narrativa da “muçulmana insensível” era robô russo. Fonte: Reprodução/WIRED

Com suas singularidades, este caso apresenta no que concerne aos circuitos: 1) uma origem desconhecida sobre a divulgação da imagem por parte do fotógrafo e propagação da narrativa da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) no

<sup>19</sup> MULROY, Zahra; BISHOP, Rachel. Russia's role in photo of 'Muslim woman ignoring Westminster terror attack victims' revealed. **Mirror**, [S.l.], 13 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/news/uk-news/truth-behind-image-muslim-woman-11514266>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

<sup>20</sup> FOTO de muçulmana em ataque de Londres foi viralizada por robô russo. **O Globo**, [S.l.], 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/foto-de-muculmana-em-ataque-de-londres-foi-viralizada-por-robo-russo-22066902#ixzz5GxkUPkyr>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

*Twitter*, 2) gerando debate em ambiente *online* entre os atores sociais; 3) e posterior replicação dessas tensões por parte da imprensa nacional e internacional, 4) finalizando o *hiato* que houve na circulação por meio de um novo fato que atualizou o caso por parte da imprensa, que 5) buscou reativar o debate entre os atores sociais, mas com novo foco. Cabe-nos agora analisar as relações de tensão entre as perspectivas do *Operator*, *Spectrum* e *Spectator* sobre as consequências da circulação discursiva, incluindo a potencialização dessas tensões promovida pelo *studium* e, talvez, direcionadas pelo *punctum*, temáticas do capítulo e subcapítulos a seguir.

## **6.2 A circulação discursiva (e as tensões geradas)**

Neste capítulo nos baseamos nas teorias de Barthes (2015) para analisar aspectos envolvidos na circulação de discursos que ocorreram em decorrência dos debates decorrentes das imagens da babá e da muçulmana. Em um primeiro momento, versaremos sobre as visões daqueles que produziram as fotografias (*Operator*), que foram retratados (*Spectrum*) e a audiência, tendo aqui como foco as redes sociais, que discutiu sobre as imagens e estimulou a circulação. Nos dois subcapítulos finais tratamos de estudar as relações históricossociais (*studium*) envolvidas na circulação e, por fim, executamos uma análise técnico-semiótica das fotografias buscando compreender particularidades do momento do clique que tenham estimulado o olhar dos atores sociais (*punctum*) e que possam ter auxiliado em seu posterior alcance massivo.

### **6.2.1 Na visão do *Operator***

Ambos os casos por nós analisados tiveram particularidades no que concerne à visão do *Operator* sobre os acontecimentos. No primeiro, o da babá, apesar de haver certa divulgação do nome do repórter que fez o clique por parte do veículo no qual ele trabalhava à época, o Correio Braziliense, a imprensa pareceu mais interessada em buscar a visão da própria babá. Por isso realizamos uma entrevista

com ele, para entender mais apropriadamente sua opinião sobre o acontecimento como um todo. No subcapítulo 6.1.1 compreendemos alguns motivos que impulsionaram o repórter João Valadares a realizar o clique. Aqui trataremos de seu ponto de vista acerca da produção, interpretação e circulação da imagem.

Vimos que Valadares realizou a captura da cena porque fez uma relação mental com a charge que havia circulado uma semana antes do acontecimento. Ele também afirma que, ainda que não tivesse visto a charge, muito provavelmente “*iria também fotografar*” (João Valadares), o que dá pistas sobre a visão do profissional diante da cena capturada. Adentrando na seara simbólica da fotografia, ele afirma que “*essa foto carrega um simbolismo muito forte [...] uma carga histórica muito forte, principalmente para o Brasil [...] A questão da ama de leite, a negra conduzindo... Segurando crianças brancas*” (João Valadares). Ou seja, além da imagem, segundo ele, remeter à charge, que fazia uma crítica expressa ao público das manifestações e sua relação com o que seria considerado por esse público “justiça pra o Brasil”, surge também uma discussão de fundo histórico com relação ao Brasil colonial, à diferença entre classes sociais e uma delimitação visível entre elas, algo reforçado pelo repórter em seu relato.

*“Eu acho que quando se veste de branco e isso remete a um apanhado histórico, isso remete sim a um período inclusive colonial do Brasil, vestir de branco é uma forma de marcar uma diferença, é uma forma de distinguir que aquela pessoa ali, né, por exemplo, no caso aquela mulher que acompanhava o casal, não era igual a eles [...] Eu acho que sim, que tem uma forma de marcar, de deixar claro ali que tem alguma diferença [...] Isso pra mim é o essencial da foto.”* (João Valadares).

Em relação à circulação da imagem, Valadares afirma diferenças observadas por ele no que diz respeito à recepção por parte dos atores sociais, gerando uma diferenciação entre pessoas que visualizaram e não visualizaram valores simbólicos. De qualquer maneira, em sua leitura ela foi importante para gerar debate sobre as questões como as observadas por ele na fala anterior.

*“Dentro dessa foto há um bocado de coisas, né? Um bocado de coisas. E o país passou a debater isso, né? Algumas pessoas não viam*

*absolutamente nada, na foto, de errado, absolutamente nada. Olhavam a foto 10 mil vezes e essas pessoas provavelmente ainda não enxergam nada na foto e outras pessoas viam alguns valores simbólicos na fotografia. Eu fiquei feliz pelo debate gerado. Eu achei que naquele momento se gerou um debate importante”. (João Valadares)*

Ainda que em seu relato o debate gerado pela fotografia tenha sido importante “naquele momento”, o repórter expõe preocupações relativas principalmente à exposição da babá e o fato de que não a entrevistou.

*“O que me incomodou na verdade foi a história de uma possível exposição da babá. Isso desde o... depois que eu publiquei, que a coisa já estava no ar e eu pensei, isso me incomodou um pouco e eu podia ter tido um cuidado a mais, mas você sabe que na hora, o jornalismo é uma coisa muito dinâmica, né? E nesse caso eles estavam andando muito rápido. Na verdade eu também não fui entrevista-la, mas eu fiz uma avaliação muito rápida [...] de que se tratava de uma imagem pública ali. Evidentemente eu sei que quem tá na imagem é que é o dono da imagem [...] Mas na verdade o meu incômodo foi de não ter ido atrás para entrevistá-lo [...] Mais por isso, assim. Como se eu tivesse feito uma coisa ali... tinha faltado um pedaço [...] como jornalista. Mas ao mesmo tempo a foto resumia muito tudo”. (João Valadares).*

Em relação a uma possível circulação semelhante de imagens de sua autoria, o repórter conta que não houve nada semelhante. O caso que mais se aproximou em termos de repercussão foi das imagens de uma matéria que realizou juntamente com o fotógrafo Alexandre Severo, ou seja, o repórter não foi o autor das fotografias, mas assinou a matéria. Ainda assim, acredita que o caso analisado neste trabalho tenha repercutido mais.

Partindo para a análise da visão do *Operator* do segundo caso, o da muçulmana, salientamos novamente que o fotógrafo *freelancer* Jamie Lorriman, apesar dos contatos por nós realizados em diversos meios, não se manifestou para a realização de uma entrevista. O que ocorre particularmente nesse caso é que ele se manifestou sobre a fotografia por meio da imprensa, mais especificamente por

uma matéria assinada por Kellie Scott para a *ABC News Australia*<sup>21</sup>, o que nos permite analisar seu ponto de vista acerca da circulação da imagem e algumas preocupações evidentes em seu discurso.

De acordo com a notícia<sup>22</sup>, o fotógrafo estava abaixo da ponte no momento do ataque terrorista. Ao descrever o cenário no momento do clique Lorriman afirma que foi “calmo e tranquilo” e acrescenta que “ninguém estava gritando ou berrando”. No que diz respeito à narrativa da “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b), que afirma que ela estaria ignorando a cena ao seu lado, ele afirma na matéria que é isso é um erro e que a série de fotografias daquele momento demonstram que ela estaria muito angustiada.

*As pessoas que tiveram essa percepção da foto estão sendo bastante seletivas. [...] Na outra imagem da sequência ela parece realmente perturbada... Pessoalmente, acho que ela parece angustiada em ambas as fotos. [...] É errado que um tenha havido um desvio dessa forma (Jamie Lorriman, tradução nossa)*<sup>23</sup>.

Seguindo na refutação dos críticos da muçulmana e saindo em defesa dela, ele afirma que não é possível para ele assumir o que estaria passando pela cabeça dela naquele momento e o mesmo ocorre com as pessoas que não estavam no local. Em seguida, diz que sente muito pelo que aconteceu com ela e que deve se sentir “horrível” pelo que ocorreu com sua imagem.

*Supor que ela ignorava a alguém, é impossível saber, o olhar no rosto da mulher, ela fica horrorizada, ela está no meio de uma situação traumática. Ela provavelmente só queria sair da ponte. Sinto muito pela mulher na*

---

<sup>21</sup> SCOTT, Kellie. London attack: Woman wearing hijab was 'distressed, horrified', photographer says. **ABC News Australia**, [S.l.], 24 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.abc.net.au/news/2017-03-24/woman-wearing-hijab-at-london-attack-scene-was-distressed/8383662>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

<sup>22</sup> A notícia na íntegra pode ser conferida no Anexo F.

<sup>23</sup> “The people who took on that picture are being rather selective. [...] In the other picture in the sequence she looks truly distraught ... personally I think she looks distressed in both pictures. [...] It's wrong it's been misappropriated in that way”.

*foto. Se ela já viu isso, ela deve se sentir horrível. (Jamie Lorriman, tradução nossa)<sup>24</sup>.*

Vimos aqui o ponto de vista daqueles que produziram as imagens – o *Operator*. Mas qual será a visão dos retratados nas imagens, o *Spectrum*, os mais afetados levando em conta a repercussão das fotografias e as narrativas acopladas a elas? É o tema de nosso próximo subcapítulo.

### 6.2.2 Na visão do *Spectrum*

Tanto no caso da babá quanto no da muçulmana percebe-se uma grande repercussão por parte dos atores sociais nas redes sociais digitais especialmente em relação às narrativas que são acopladas às imagens. Interessa-nos aqui primordialmente observar nos dois casos as singularidades nas manifestações das mulheres retratadas (*Spectrum*) acerca da circulação das fotografias e os embates que ambas suscitaram quando inscritas na circulação.

Maria Angélica Lima foi procurada pela imprensa para que expusesse seu ponto de vista acerca da fotografia. O que analisamos nesse caso é uma matéria do jornal *Extra* de autoria de Bruno Alfano que expõe a visão da babá em entrevista textual<sup>25</sup> e audiovisual<sup>26</sup>. No caso da entrevista em texto, o primeiro fato que a babá expressa é o descontentamento porque sua imagem foi compartilhada nas redes sociais e nos jornais: “*Me senti exposta. Acordei e vi minha cara no jornal. Foi um susto*” (Maria Angélica Lima). Também há uma contextualização sobre o caso quando o repórter questiona o que Maria achou de ir à manifestação, ao passo que ela diz que “*Eu não estava fazendo nada demais. Estava no meu horário de trabalho, cumprindo a minha função*” (Maria Angélica Lima).

O pensamento político da babá também é explorado quando pergunta-se, por exemplo, se ela é a favor dos atos e por que votou em Aécio Neves, candidato do

---

<sup>24</sup> “To assume she was ignoring someone is impossible to know, the look on the woman's face, she's horrified, she's in the middle of a traumatic situation. She probably just wanted to get off the bridge. I feel so sorry for the woman in the picture. If she's seen this, she must feel awful”.

<sup>25</sup> Disponível para consulta na íntegra no Anexo A.

<sup>26</sup> Transcrição disponível no Anexo B.

PSDB à época. Quando conta como soube que estava nas redes, ela diz que o “patrão” a mostrou. *“Ele disse: ‘Olha, Angélica, está acontecendo uma coisa chata’. E me explicou o que era. Eu falei: ‘Sinceramente, seu Cláudio, eu não estou nem entendendo nada disso’”* (Maria Angélica Lima), e ainda transmite um recado a quem debateu nas redes sociais, incluindo a polêmica sobre o uniforme:

*“Não fiquem preocupados. Quem me apoiou, sabe do valor da gente, que é babá, de trabalhar, de ter nosso dinheiro. A gente tem de dar valor ao trabalho, independente de usar de uniforme ou não”* (Maria Angélica Lima).

No caso da entrevista audiovisual<sup>27</sup>, também conduzida por Bruno Alfano e gravada por Marcelo Theobald, a babá expressa mais detalhadamente o que pensa acerca da repercussão da imagem – “desnecessária”, segundo suas palavras – e diz que ficou chateada com a exposição de sua imagem e de seu nome nos jornais, além das imagens de seus empregadores e os filhos destes.

*Eu achei que não teve necessidade pra tanto, né? Eu acho que expôs a minha pessoa, a do meus patrões, dos filhos deles, que são tudo de menor, né? Então acho que não tinha necessidade disso, entendeu? Independente, como eu falei, independente de eu tá uniformizada porque eu estava no meu horário de trabalho, eu tinha que estar uniformizada, entendeu? Independente de eu estar ou não com a blusa do Brasil, isso não vai mudar, não sou eu que vou mudar essa questão. Eu tô chateada porque eu tô ali... eu hoje acordo, pego o jornal e vejo o meu rosto estampado pro Brasil inteiro ver, saber quem eu sou, o meu nome, que eu falei assim: “ué, gente, sabem até meu nome”. Eu sou uma pessoa que tô ali anônima, no meio de milhões de pessoa. Como é que sabem até meu nome? Entendeu? Então eu achei isso muito chato, entendeu? Me expor dessa maneira, expor os meus patrões, as criança, entendeu? Não tinha necessidade disso. (Maria Angélica Lima).*

Quando questionada se é a favor da manifestação, expressa descontentamento com a política no país e desesperança sobre possíveis mudanças

---

<sup>27</sup> Transcrição completa disponível no Apêndice B.

após o *impeachment*, ressaltando que quem sofre são os menos favorecidos economicamente e, por fim, defende seus empregadores.

*Eu queria que tudo isso acontecesse e realmente tivesse resultado, entendeu? É que nem eu falei pro meu patrão, tá todo mundo pedindo o impeachment da presidente, né? Querendo que as coisas mudem, mas infelizmente não vai mudar. Ela saindo, quem entrar vai continuar roubando. Entendeu? Infelizmente o Brasil é assim. E quem sofre somos nós, os trabalhadores da classe menor, né? Porque quem tá lá com... quem tá lá com seu dinheiro, os políticos que tão tudo bem, vai continuar tudo bem e a gente é quem vai sempre levar o pior. Que é os pobre, não tem jeito. Além deles me empregarem, tão empregando outras pessoas como ele divulgou, como ele solicitou lá no Face dele, eu também tenho essa oportunidade, a gente tá [...] Quando eu tô trabalhando, minha filha fica com outra pessoa que eu também posso ajudar essa outra pessoa. (Maria Angélica Lima).*

Porém, a babá não foi a única retratada que se manifestou sobre o caso. Tanto seu empregador, Claudio Pracownik<sup>28</sup>, quanto a esposa dele, Carolina Maia Pracownik<sup>29</sup>, decidiram pela publicização de suas opiniões sobre o caso por meio do *Facebook*. Claudio buscou rebater as críticas afirmando que emprega “centenas de pessoas no meu trabalho e na minha casa mais 04 funcionários. Todos recebem em dia. Todos têm carteira assinada e para todos eu pago seus direitos sociais” (Claudio Pracownik). Argumenta que, na foto, a babá usa sua roupa de trabalho e ganha seu dinheiro de maneira digna. Assim como Maria Angélica, lamenta pelo fato de que sua privacidade foi limitada em detrimento de um pensamento que denomina “mesquinho, limitado, parcial cujo único objetivo é servir de factóide diversionista da fática e intolerável situação que vivemos” (Claudio Pracownik). Ele finaliza a publicação dando um recado às pessoas que “julgam outras que sequer conhecem com base em um fotografia distante” entregando “apenas a minha esperança que um novo país, traga uma nova visão para a nossa gente. Uma visão sem preconceitos, sem extremismos e unitária” (Claudio Pracownik).

Em sua manifestação no *Facebook*, a esposa de Claudio inicia dizendo que “não se expõe” (Carolina Maia Pracownik) pois preserva as filhas e a família “ao

---

<sup>28</sup> O texto pode ser conferido na íntegra no Anexo C.

<sup>29</sup> Publicação disponível no Anexo D.

*máximo*” (Carolina Maia Pracownik), inclusive afirmando que publica pouco sobre ela e a família, respeitando quem não faz o mesmo, mas aparentemente ironiza o fotógrafo: *“respeito este, que faltou para alguns”* (Carolina Maia Pracownik). Ela segue falando sobre a exposição: *“estou extremamente chocada e assustada com a nossa exposição forçada e com tamanha crueldade, violência expressa e ódio gratuito. O que é isto???”* (Carolina Maia Pracownik). Sua narrativa segue a mesma lógica do marido, justificando os serviços da babá, o uso do uniforme e fazendo manifestações de cunho político, finalizando com críticas a comentários que teve acesso na circulação do caso: *“No meu lar, o discurso é afetuoso e os argumentos são inteligentes e calorosos. Já o ódio, o preconceito, a arrogância e a revolta, deixo para eles!”* (Carolina Maia Pracownik).

Versando sobre o caso da muçulmana, a situação é um pouco diferente: sua imagem foi replicada nas redes sociais e jornais, mas sua identidade foi preservada. Em relação à sua manifestação, como dito, ela ocorreu, mas intermediada pelo coletivo TellMAMA<sup>30</sup>, que divulgou um texto que seria de autoria da mulher. Ela inicia a mensagem anunciando que está “chocada” e “totalmente consternada” com o fato de que sua imagem circulou nas redes sociais, mas trata de rebater as acusações de que não se importaria com as vítimas do atentado terrorista afirmando que seus acusadores não conseguem enxergar além de seus trajes naquela ocasião que a identificavam como muçulmana. Ela também frisa que a imagem não mostra que ela conversou com vítimas no local se colocando à disposição para ajudar no que fosse necessário e que, no momento do clique, ligou para a família para dizer que estava voltando para casa e auxiliou uma senhora a chegar a uma estação do metrô. Ela finaliza seu depoimento prestando condolências às vítimas e seus familiares e agradecendo ao fotógrafo por sair em sua defesa na imprensa.

*Estou chocada e totalmente consternada com a forma como uma foto minha está circulando nas redes sociais. Para aqueles indivíduos que interpretaram e comentaram sobre o que eu pensava naquele horrível e angustiante momento, gostaria de dizer que não só eu fiquei devastada ao testemunhar as consequências de um assombroso e atordoante ataque terrorista, como também tive que lidar com o choque de encontrar minha foto espalhada por toda mídia social por aqueles que não*

---

<sup>30</sup> Publicação disponível no Anexo E.

*conseguiam olhar para além dos meus trajes, que tiram conclusões com base no ódio e xenofobia. Meus pensamentos naquele momento eram de tristeza, medo e preocupação. O que a imagem não mostra é que eu havia conversado com outras testemunhas para tentar descobrir o que estava acontecendo, para ver se eu poderia ajudar de alguma maneira, mesmo que muita gente estivesse no local auxiliando as vítimas. Então, eu decidi ligar para minha família para dizer que estava bem e que estava retornando para casa após o trabalho, auxiliando uma senhora ao longo do caminho, ajudando-a a chegar à estação Waterloo. Meus sentimentos vão para todas as vítimas e suas famílias. Gostaria de agradecer a Jamie Lorriman, o fotógrafo que tirou a foto, por falar com a mídia em minha defesa. (Muçulmana, tradução nossa).<sup>31</sup>*

Após ter conhecimento da visão do *Operator* e do *Spectrum* sobre os casos, cabe-nos agora proceder com análises sobre os pontos de vista do *Spectator*, aqui entendido como os atores sociais que debateram sobre as imagens nas redes sociais digitais.

### 6.2.3 Na visão do *Spectator*

Este subcapítulo é de suma importância para o trabalho porque nele destacaremos algumas opiniões dos atores sociais expostas nas redes sociais digitais sobre os dois casos por nós estudados. Esse movimento analítico é relevante no contexto da monografia porque foi a partir das discussões dos atores sociais acerca das imagens que os casos chamaram a atenção da imprensa e, posteriormente, fizeram com que tanto *Spectrum* quanto *Operator* se manifestassem sobre as fotografias e, principalmente, sobre as narrativas que foram acopladas a elas segundo leituras ideológicas, políticas e técnicas – alguns desses aspectos

---

<sup>31</sup> “I’m shocked and totally dismayed at how a picture of me is being circulated on social media. To those individuals who have interpreted and commented on what my thoughts were in that horrific and distressful moment, I would like to say not only have I been devastated by witnessing the aftermath of a shocking and numbing terror attack, I’ve also had to deal with the shock of finding my picture plastered all over social media by those who could not look beyond my attire, who draw conclusions based on hate and xenophobia. My thoughts at that moment were one of sadness, fear, and concern. What the image does not show is that I had talked to other witnesses to try and find out what was happening, to see if I could be of any help, even though enough people were at the scene tending to the victims. I then decided to call my family to say that I was fine and was making my way home from work, assisting a lady along the way by helping her get to Waterloo station. My thoughts go out to all the victims and their families. I would like to thank Jamie Lorriman, the photographer who took the picture, for speaking to the media in my defence”.

também serão estudados nos próximos subcapítulos – visto que os casos se tornaram conhecidos a partir da circulação das fotografias nas ambiências digitais. E apesar dos casos possuírem semelhanças, também ressaltaremos algumas particularidades, especialmente no âmbito das ressignificações imagéticas segundo narrativas postas ou mesmo memes produzidos – conforme ocorrido com a muçulmana, o que explanaremos mais adiante neste subcapítulo.

A priori, a babá Maria Angélica Lima não compreendeu o motivo pelo qual sua imagem estava circulando nas redes sociais digitais, como visto na entrevista que concedeu ao Bruno Alfano, do jornal *Extra*, quando o repórter questiona como ela soube que estava nas redes: “*Meu patrão que me mostrou. Ele disse: ‘Olha, Angélica, está acontecendo uma coisa chata’. E me explicou o que era. Eu falei: ‘Sinceramente, seu Cláudio, eu não estou nem entendendo nada disso’*”. (Maria Angélica Lima). Em sua visão, segundo relato trazido pela notícia, ela “*não estava fazendo nada demais*”, pois “*estava no [...] horário de trabalho, cumprindo a [...] função*” (Maria Angélica Lima), assim como saiu em defesa de seus empregadores. Contudo, no ambiente das redes sociais digitais, muitos atores sociais viram outros valores na fotografia, ou seja, perspectivas simbólicas, algo que vai além do meramente factual – como veremos na discussão proposta no subcapítulo 6.2.5, que corresponde não mais à secundidade e ao índice, mas à terceiridade e ao símbolo.

Em matéria também publicada pelo jornal *Extra*, produzida por Pedro Willmersdorf<sup>32</sup>, é possível perceber com mais clareza essa questão, especialmente se frisarmos o embate que houve entre os atores e aquilo que eles viam – ou não – na fotografia. Aqueles usuários que no *Facebook* – rede em que a discussão tomou mais envergadura e que se destaca das outras pelo fato de que as manifestações foram divulgadas massivamente por ela – tomavam uma posição de defesa da babá e de crítica aos seus empregados, diziam que ela trabalhava até mesmo em sua folga, criticavam a mãe das crianças e ironizavam que nem mesmo em protestos “a madame” poderia levar os filhos sozinha – o que denota que a presença da babá seria dispensável na opinião deles – porque a babá precisaria cuidar “dos filhos dos brancos”.

---

<sup>32</sup> WILLMERSDORF, Pedro. Foto de casal acompanhado de babá em manifestação divide opiniões nas redes. **Jornal Extra**, [S.l.], 13 mar. 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/foto-de-casal-acompanhado-de-baba-em-manifestacao-divide-opinioes-nas-redes-18866609.html>>. Acesso em: 02 jun. 2018.



Se migrarmos para a análise do caso da muçulmana em relação ao *Spectator*, veremos que os debates se centraram enfaticamente no *Twitter*, rede na qual a imagem se tornou conhecida. Entretanto, o que o diferencia em comparação ao caso da babá é a propagação de memes por parte de sociais de discurso conservador (Figura 3). Além de compartilhada em seu estado bruto, a imagem também passou por modificações em softwares de edição para a realização de montagens que visassem relacionar a muçulmana da fotografia com membros do Estado Islâmico (Figura 8). Outros usuários do *Twitter* embarcaram em outra narrativa proposta por Texas Lone Star visando comparar a suposta atitude de cristãos diante de vítimas do atentado contra o que eles considerariam que seria a atitude de muçulmanos baseando-se na premissa de que a mulher fotografada não se importaria com os ocidentais vitimados – uma espécie de jogo político baseado em nós, os bons, *versus* eles, os maus.



Figura 13 – Seguindo com sua narrativa anti-islã, Texas Lone Star compartilha montagem no *Twitter* que evidencia suposta superioridade cristã. Fonte:

Reprodução/Twitter

Mesmo com todos os esforços para transformar a muçulmana em algoz, registrou-se que diversos usuários das redes sociais digitais não compactuaram com a narrativa disseminada pelos conservadores. Alguns atores sociais denunciaram mensagens de teor racista contra ela, outros afirmaram que se tratava de uma vergonha o compartilhamento massivo da imagem enquanto narrativa que visava caracterizá-la como insensível e também houve quem dissesse que não acreditava que alguém pudesse acreditar que ela estaria passando ao lado das vítimas despreocupadamente.



Figura 14 – No Twitter, muitos atores sociais discordaram da narrativa da “muçulmana insensível”. Fonte: Reprodução/Twitter

Após estudar as perspectivas daqueles que produziram as imagens, que foram retratados e que as visualizaram nas redes sociais digitais, seguimos na compreensão de outro fator pertinente para a percepção das tensões existentes entre *Operator*, *Spectrum* e *Spectator*: o *studium*, por nós entendido como o contexto históricossocial.

#### 6.2.4 Potencializada pelo *studium*

Vimos que há relações de tensão no que concerne aos pontos de vista dos produtores das imagens, dos retratados nas fotografias e dos receptores de tais imagens nas redes sociais digitais. Mas seriam essas as únicas instâncias que configuram tensões na ambiência dessas redes? O que sustentamos aqui é que existe outro fator relevante na propagação das imagens e das narrativas acopladas a elas: o contexto históricossocial no qual elas emergiram, ou seja, o *studium*. Apesar de haver especificidades em cada caso, também há fatores em comum, como o aumento da extrema-direita observado em todo o mundo, a expressividade de manifestações conservadoras e de ideais do liberalismo econômico. A imprensa retratou tais problemáticas de diversas maneiras, fornecendo-nos material para compreender o pano de fundo de ambos os casos.

No contexto brasileiro, por exemplo, recordamos, como exposto no subcapítulo 2.1, que as manifestações de grande expressividade haviam ressurgido no país com as chamadas Jornadas de Junho, ocorridas em 2013, reunindo milhares de pessoas nas ruas. As manifestações pelo impeachment da ex-presidente Dilma que ocorreram em 2016 pareceram contrapor algumas das pautas que foram reivindicadas inicialmente nas Jornadas de Junho, de cunho mais progressista. Organizadas pelo Movimento Brasil Livre e outras organizações, agora as passeatas vinculavam discussões de ordem econômica, pendendo para o liberalismo, como descrito pelo repórter João Paulo Charleaux em matéria ao *Nexo*<sup>33</sup>: “*A agenda do liberalismo econômico está em alta no Brasil desde o processo de impeachment que derrubou, em 2016, a então presidente da República, Dilma Rousseff, encerrando um período de 13 anos de governos petistas no Brasil*” (João Paulo Charleaux). Em matéria assinada por Luciano Pádua<sup>34</sup>, a revista *Exame* afirma no título que “Ideias liberais estão em alta” no país, contextualizando que a crise

---

<sup>33</sup> CHARLEAUX, João Paulo. Afinal, o que é um liberal, no mundo e no Brasil? Este estudioso do tema responde. *Nexo*, [S.l.], 07 out. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/10/07/Afinal-o-que-%C3%A9-um-liberal-no-mundo-e-no-Brasil-Este-estudioso-do-tema-responde>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

<sup>34</sup> PÁDUA, Luciano. Ideias liberais estão em alta no Brasil — o que isso muda? *Revista Exame*, [S.l.], 28 abr. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/a-chance-dos-liberais/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

econômica “abriu espaço para a difusão no Brasil de ideias como a redução da intervenção estatal e o incentivo ao empreendedorismo”.

Em relação às pautas conservadoras, apesar de haver pesquisas que indicam “baixa adesão de brasileiros a teses conservadoras”, como é o caso do estudo publicado no ano passado pelo instituto Ideia Big Data e divulgado pelo *Valor Econômico*<sup>35</sup>, também existe a situação oposta, como a pesquisa do Ibope que, segundo título de matéria da revista Exame<sup>36</sup>, “comprova que brasileiros estão mais conservadores”. No ambiente das redes, porém, há estudiosos que apontam que “monitoramento das mídias sociais revela alto engajamento dos conservadores”, como análise de Pedro Burgos para a revista *Época*<sup>37</sup>.

No caso da fotografia da babá Maria Angélica, o repórter João Valadares, que a retratou, afirmou em entrevista a nós concedida que o momento de acirramento do debate político à época – que, segundo ele, vivemos até hoje e que se agravou ainda mais, como veremos abaixo na transcrição de sua fala – auxiliou a impulsionar a imagem. Para ele, esse momento de acirramento não é algo característico do Brasil, mas do mundo, o que explicaria a circulação da imagem inclusive em âmbito internacional.

*Eu acho que o momento, na verdade que a gente ainda vive. Acho que se agravou ainda mais. A gente tá vendo aí atentados, gente atirando em acampamento, atirando em ônibus de ex-presidente [...] Tá vendo gente brigando no meio da rua, enfim... A gente teve uma vereadora assassinada [...] A gente vive um momento de muito acirramento [...] nas pessoas. [...] Então eu acho que esse acirramento em que o país se encontra e naquele momento também se encontrava foi um adubo pra potencialização dessa foto. Eu acho que em outro contexto evidentemente poderia gerar uma repercussão, mas eu acho que esse*

---

<sup>35</sup> MENDONÇA, Ricardo. Pesquisa sugere baixa adesão de brasileiros a teses conservadoras. **Valor Econômico**, São Paulo, 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/5196405/pesquisa-sugere-baixa-adesao-de-brasileiros-teses-conservadoras>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

<sup>36</sup> BRETAS, Valéria. Pesquisa Ibope comprova que brasileiros estão mais conservadores. **Revista Exame**, [S.l.], 22 dez. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/geral/pesquisa-ibope-comprova-que-brasileiros-estao-mais-conservadores/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

<sup>37</sup> BURGOS, Pedro. Monitoramento das mídias sociais revela alto engajamento dos conservadores. **Revista Época**, [S.l.], 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tecnologia/noticia/2018/02/monitoramento-das-midias-sociais-revela-alto-engajamento-dos-conservadores.html>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

*acirramento foi o adubo que fez essa foto girar dessa maneira [...] E repito, não girou só aqui no Brasil, a partir daqui girou para o mundo. Então eu acho que esse acirramento contribuiu sim. Acho que foi determinante pra história.* (João Valadares).

No estudo do contexto de surgimento da fotografia da muçulmana, o que se destaca do *studium*, como exposto no subcapítulo 2.2, são as discussões de aspectos imigratórios, o movimento que desencadeou a separação do Reino Unido da União Europeia e revelou manifestações xenofóbicas<sup>38</sup>, e até mesmo a ascensão de candidatos como Donald Trump, que, com suas declarações, incitam ódio racial e preconceito contra imigrantes, principalmente os muçulmanos. Candidatos como Trump – que posteriormente acabou por ser eleito como presidente dos Estados Unidos da América – se sobressaem em um cenário favorável para tal, o que ocorreu muito em função de discussões de ordem econômica, processos de transição demográfica em países desenvolvidos e a ascensão das redes sociais digitais, que permitem a difusão desenfreada de ideias que seriam barradas por canais de informação tradicionais segundo estudiosos como Carlos Poggio, entrevistado em matéria para o *Nexo*<sup>39</sup>. Reunidos, tais aspectos sugerem um crescimento da extrema-direita em todo o mundo, pauta que também recebeu atenção dos veículos de imprensa<sup>40</sup>.

A imagem da muçulmana se destaca nesse aspecto do *studium* também no âmbito geopolítico, visto que, como revelado pelo *WIRED*, verificou-se que o usuário @SouthLoneStar, que propagou a fotografia, foi posteriormente identificado como um robô russo que visava influenciar tanto as eleições norte-americanas quanto as decisões acerca do *Brexit*.

---

<sup>38</sup> REINO Unido registra episódios de xenofobia pós-Brexit. G1, [S.l.], 27 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/reino-unido-registra-episodios-de-xenofobia-pos-brexit.html>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

<sup>39</sup> CHARLEAUX, João Paulo. Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudioso. *Nexo*, [S.l.], 29 set. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Porque-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

<sup>40</sup> MONTENEGRO, Raul. O avanço da extrema direita no mundo. *Revista IstoÉ*, [S.l.], 22 set. 2017. Disponível em: <<https://istoe.com.br/o-avanco-da-extrema-direita-no-mundo/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

O @SouthLoneStar foi identificado como uma conta russa pelo Twitter em resposta a suas investigações dos EUA sobre a influência do país nas eleições presidenciais de 2016. Em junho de 2016, a conta, que tinha 16.826 seguidores, também tuitou: "Espero que o Reino Unido depois que a #BrexitVote comece a limpar suas terras da invasão muçulmana!" e "o Reino Unido votou para deixar o futuro califado europeu! #BrexitVote". Essas postagens foram feitas após a votação do referendo. "A conta ocasionalmente entra em uma discussão política europeia, que não é o que eu esperaria que um conservador texano domesticamente ficasse sob nenhuma circunstância", disse Jonathon Morgan, CEO da New Knowledge. Morgan explica que sua equipe estava pesquisando o comportamento de alt-right no Twitter durante a eleição dos EUA, coletando 7.500 tweets de 40 contas, todas executadas como ferramentas de propaganda russa. (Matt Burgess, tradução nossa)<sup>41</sup>.

A reviravolta que ocorreu no caso a partir da descoberta de que o usuário que compartilhou a imagem da muçulmana se tratava de um robô russo impactou de tal maneira a política internacional que a primeira-ministra do Reino Unido, Theresa May, afirmou que a Rússia estaria tentando "semear discórdia" ao plantar não só notícias falsas como também *imagens falsas*<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> "@SouthLoneStar was identified as a Russian account by Twitter in response to its US inquiries about the country's influence in the 2016 presidential election. In June 2016, the account, which had 16,826 followers, also tweeted: 'I hope UK after #BrexitVote will start to clean their land from muslim invasion!' and 'UK voted to leave future European Caliphate! #BrexitVote'. These posts were made after the referendum vote. 'The account occasionally wades into a European political discussion, which is not what I would expect a domestically-focused Conservative Texan to do under any circumstance,' says Jonathon Morgan, CEO of New Knowledge. Morgan explains his team was researching alt-right behaviour on Twitter in the build-up to the US election, collecting 7,500 tweets from 40 accounts, all of which were run as Russian propaganda tools".

<sup>42</sup> THERESA May says Russia is seeking to 'sow discord' by planting fake news and images. **PressGazette**, [S.l.], 14 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.pressgazette.co.uk/theresa-may-warns-russia-seeking-to-sow-discord-by-planting-fake-news-and-images-online/2/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

PressGazette

NOVEMBER 14, 2017 DIGITAL JOURNALISM NEWS SOCIAL MEDIA WEBSITES

## Theresa May says Russia is seeking to 'sow discord' by planting fake news and images

By Press Association and Press Gazette

Prime Minister Theresa May last night attacked Russia for its role in spreading false information in the Western media.

Addressing the Lord Mayor's Banquet at the City of London's Guildhall last night, May said: "It is

POST A JOB ON PRESS GAZETTE

TIM BLACK  
iPhone 8 64 GB  
R\$ 1.000 DE DESCONTO na oferta

Figura 15 – Imprensa divulga que primeira-ministra britânica acusou uso de notícias e imagens falsas por parte da Rússia. Fonte: Reprodução/PressGazette

Conturbados, os cenários internacional e nacional auxiliaram para que as duas fotografias suscitassem debate por parte dos atores sociais nas redes sociais digitais e, posteriormente, pautassem a imprensa. Nos subcapítulos anteriores e neste, portanto, defendemos que a circulação da imagem foi potencializada pelos embates das visões que *Operator*, *Spectrum* e *Spectator* possuem sobre os casos. Contudo, seriam apenas as discussões que emergiram das redes acerca das imagens que as tornaram notáveis? Ou será que as fotografias possuem aspectos técnicos que acionaram os sentidos dos atores sociais/receptores e impulsionaram suas manifestações? É o que estudaremos a seguir.

### 6.3 As dimensões técnico-semióticas das imagens

Nos subcapítulos anteriores, pudemos compreender as instâncias de tensão presentes nas visões de produtores, retratados e receptores das imagens, bem como a potencialização desses pontos de vista em função de um contexto históricossocial existente na época dos cliques. Agora, buscaremos discutir questões de ordem simbólica envolvidas nas fotografias a partir de um viés que privilegia análises técnicas e semióticas, ou seja: ponderaremos aspectos técnicos

observados nas imagens e nos aproximaremos de classificações semióticas a partir de entendimentos que obtivemos com o estudo dos casos e da teoria semiótica.

### 6.3.1 O *punctum* que direciona o olhar

Como vimos no subcapítulo 3.1, Barthes considera o *punctum* o “acaso que punge”, uma espécie de flecha que o atinge. Nesse sentido, entendemos esse elemento como um detalhe que capta a atenção do *Spectator*, que se sobressai em comparação aos outros elementos da imagem. Ou seja, é um ponto subjetivo da fotografia: o que pode chamar à atenção de uma pessoa pode não chamar à minha, e assim por diante. Portanto, não nos cabe aqui lidar de maneira taxativa, afirmativa. Antes, buscaremos *levantar alternativas* do que poderia significar o *punctum* dos objetos por nós estudados levando em conta a reação dos usuários das redes sociais digitais em suas manifestações públicas.

De acordo com parte das reações dos atores sociais que analisamos acerca da fotografia da babá Maria Angélica, bem como as publicações de seus empregadores ou mesmo da entrevista que realizamos com o repórter João Valadares, que capturou a cena, poderíamos destacar que o *punctum* naquele caso seria identificado como o uniforme branco, visto que ele estabelece uma relação formal de empregadores e empregados no ambiente daquela manifestação de rua e destaca a babá num local em que muitas pessoas se vestiam de verde e amarelo. Todos esses atores citados acima, em determinado momento, abordam a problemática do uniforme ou de maneira “prática”, simplesmente relacionando-o com a profissão, com uma necessidade de traje de trabalho para a função exercida, ou de maneira simbólica, visão que extrapola os limites do factual.

No caso da fotografia da muçulmana, o véu é o *punctum*. Não fosse por ele, não seria possível identificá-la como pertencente àquela religião e sua presença naquele local, naquele momento e naquelas circunstâncias – olhando para o celular – poderia ter sido ignorada, fator que foi apontado por atores sociais no *Twitter* como vimos (Figura 9).

Em ambos os casos, seria possível conjecturar outros elementos da imagem como *punctum*, mas acreditamos que por si mesmos – ou seja, sem a presença do uniforme ou do véu, *punctum* primário – eles não teriam força para, em conjunto com

o *studium*, desencadearem discussões como as estudadas neste trabalho de conclusão de curso. Exemplificamos: uma mulher que carregasse dois bebês em seus carrinhos em uma manifestação pelo *impeachment* de Dilma Rousseff talvez não fosse capaz de “pungir” tanto o olhar quanto uma mulher uniformizada que carrega as mesmas crianças para seus empregadores, que estão à frente dela, e que se enquadram no perfil de boa parte dos manifestantes que lá se encontravam: brancos e de alta renda, segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Datafolha<sup>43</sup>. Uma mulher que passa ao lado de vítimas de um atentado, enquanto olha para seu celular, talvez não seria capaz de “flechar” o *Spectator* que a contempla tanto quanto uma mulher com um véu islâmico nas mesmas condições e no contexto de um atentado terrorista.

Analisar questões técnicas e semióticas das imagens também pode auxiliar na compreensão tanto de aspectos relacionados às tensões geradas entre os atores estudadas nesta monografia quanto a seguir na discussão das imagens enquanto engendradoras de debates da ordem do simbólico. Em um primeiro momento, nos deteremos às questões técnicas, analisadas no subcapítulo a seguir.

### 6.3.2 Uma análise de ordem técnica

Seguindo as possibilidades de leitura de imagens a partir das perspectivas compartilhadas por Coutinho (2008) acerca deste método, analisamos as duas principais imagens dos casos por nós estudados nos seguintes aspectos: a) enquadramento, b) perspectiva, c) relação fundo/figura, d) composição, e) luz/cores e f) relação entre objetos. Iniciaremos pela fotografia da babá Maria Angélica Lima.

Em plano médio e foco automático, a imagem traz, da esquerda para a direita, os empregadores e o cachorro caminhando – transmitindo sensação de movimento – seguidos pelos carrinhos de seus filhos e, por último, a babá. A fotografia é colorida. As camisetas de seus empregadores e filhos são compostas por verde e amarelo, cores da bandeira nacional, enquanto a babá traça um uniforme branco. Os retratados estão no primeiro plano, enquanto ao fundo notam-se estabelecimentos comerciais, assim como pessoas caminhando, evidenciando que se trata de um

---

<sup>43</sup> DINIZ, Mariana. Manifestantes contra o governo são brancos e de alta renda, aponta pesquisa. **EBC**, [S.l.], 18 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/08/pesquisas-revelam-retrato-social-e-racial-de-manifestantes>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

ambiente externo da cidade. A composição coloca-os em destaque, no centro da imagem e ocupando uma parcela considerável do quadro, enquanto bordas acima e abaixo deles não possuem elementos de grande destaque além das placas dos estabelecimentos e a calçada.

Assim como na fotografia da babá, a imagem da muçulmana foi clicada em plano médio. Nela, a única pessoa que sugere movimento é a mulher, mas a leitura da esquerda para a direita mostra o capô de um carro, a cerca de proteção da ponte, que se estende durante todo o quadro, e, no chão, uma vítima do atentado deitada junto de uma mulher ajoelhada prestando-lhe socorro e utilizando o telefone. De pé, encontram-se aproximadamente cinco pessoas e a muçulmana à frente delas, andando na calçada. O enquadramento destaca essas pessoas, mas elas se concentram mais à direita da imagem, assim como a muçulmana, que aparece olhando para o telefone enquanto o segura com a mão direita e acaricia o rosto com a mão esquerda. A fotografia também é colorida. Nesse caso, o foco é direcionado para a muçulmana e às outras pessoas que estão na ponte. Ao fundo, o que se vê é o palácio de Westminster, sede do governo do Reino Unido, que aparece desfocado, mas ainda identificável e, de certa maneira, próximo das pessoas que foram retratadas na fotografia, o que indica o uso de uma teleobjetiva com o intuito de aproximação do assunto fotografado. De maneira semelhante ao caso da fotografia da babá, as partes superior e inferior da fotografia apresentam um espaço livre, uma “área de respiro”<sup>44</sup>, enquanto o centro concentra as pessoas retratadas.

Como veremos no próximo subcapítulo, há aspectos técnicos das imagens que indicam as intenções dos fotógrafos por trás delas. Também veremos no próximo e último subcapítulo deste trabalho os elementos de primeiridade, secundidade e terceiridade, bem como as categorias ícone, índice e símbolo na relação com os rastros simbólicos das fotografias.

---

<sup>44</sup> No *design*, “área de respiro” ou simplesmente “respiro” significa um espaço em branco, não utilizado na diagramação, para manter as páginas atrativas e convidativas à leitura ou visualização.

### 6.3.3 Elementos formais e categorias triádicas a serviço do simbólico

Os aspectos técnicos das fotografias por nós analisadas, juntamente com as manifestações que elas ensejaram, fornecem pistas para a análise e compreensão dos elementos de primeiridade, secundidade e terceiridade, bem como das categorias que optamos por relacionar ao nosso objeto, que são ícone, índice e símbolo.

Em um primeiro momento, nos deteremos à análise dos aspectos plásticos da dimensão icônica, como dito no subcapítulo 5.4. Típicos da primeiridade, eles se relacionam com características da ordem dos sentidos, de emoções que podem surgir a partir do consumo das imagens. Acreditamos, por exemplo, que essa dimensão pode ser conferida no primeiro caso quando atores sociais manifestam incômodo ou revolta pelo fato de que a babá está uniformizada “sem necessidade” no julgamento destes – pensamento que pode surgir pelo fato de que a composição da imagem e a diferença entre as roupas coloridas dos empregadores e o uniforme branco da babá denotam certas delimitações entre eles.

Quando refletimos acerca do índice, percebemos que ele diz respeito aos aspectos factuais das fotografias. Elas foram produzidas em dois contextos: o primeiro, uma manifestação pela deposição de uma presidente; o segundo, pela atitude de um fotojornalista que decidiu registrar um ataque terrorista. Nos dois casos, constatamos que houve um *impulso* por parte dos produtores da imagem, provavelmente pelo “*modus operandi*” jornalístico que ambos aprenderam. Seja na produção de reportagens ou de fotografias jornalísticas, é necessário estar atento ao que ocorre ao redor e agir quando necessário. Também cabe ao ícone, portanto, reunir as particularidades envolvidas no momento do clique, às intenções dos fotógrafos, à posição em que estavam para eternizar aqueles fatos por meio de imagens – todas essas características correspondem à ordem da secundidade.

Nosso último movimento nesse sentido, e o que mais nos instiga, corresponde ao símbolo. Foi em função da observância desse aspecto nas fotografias que este trabalho surgiu. Isso porque a dimensão simbólica extrapola a factualidade, a concretude dos fatos fotografados. O símbolo, típico da terceiridade, corresponde aqui ao entendimento que atores sociais, produtores das imagens e

retratados tiveram a partir da leitura das imagens segundo narrativas diversas – seja a visual, concernente às fotografias, ou àquelas acopladas às imagens por meio de montagens ou na companhia de textos variados e legendas, especialmente. É na dimensão simbólica, portanto, que primeiridade, secundidade e terceiridade, ou ícone, índice e símbolo se unem: é da junção de questões plásticas, sentimentos, factuais e interpretações que surge a dimensão simbólica, fazendo com que, por exemplo, o retrato da babá na manifestação extrapole de apenas um registro desinteressado para denotar um retorno às origens do Brasil colonial, às críticas de cunho racial e de diferença entre as classes sociais; ou então o retrato da muçulmana, que ao invés de apenas uma mulher atravessando uma ponte após um atentado, torna-se a “muçulmana insensível” (PRASS; ROSA, 2017b) que não se importa com ocidentais, que deseja que eles sejam eliminados para que ela e seus semelhantes possam dominar o Reino Unido e o mundo.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, afirmamos que as imagens causam sensações nas pessoas que com elas se envolvem de alguma maneira ou têm contato com elas. Os casos por nós estudados evidenciam isso com clareza, especialmente levando em conta a multiplicidade de atores envolvidos a partir da circulação das imagens nas redes sociais digitais. Cada um desses atores, “personagens” dos casos, contribui para que sejam compreendidos diversos fatores relativos à produção e à recepção das fotografias por parte do público, sendo que até mesmo aqueles que produzem as imagens ou são retratados por elas acabam tornando-se também *Spectator* a partir do momento em que se veem “obrigados” pela circulação a ler (ou reler, no caso do *Operator*) as fotografias por diversos motivos.

Pensando nesses três atores em especial, *Operator*, *Spectrum* e *Spectator*, e no contexto dos casos que estudamos nesta monografia, ao contemplar o *Operator*, vimos que as imagens são por ele produzidas por meio de aparelhos – sejam eles *smartphones* ou câmeras profissionais – com algum interesse específico e traduzindo conceitos em imagens segundo os autores estudados. Por jamais ser desinteressada, a imagem, em sua “decodificação”, em sua leitura técnico-semiótica, revela muito a respeito daquilo que o produtor da fotografia pensa – ainda que de maneira inconsciente, mas sempre intencional. Ali, o *Operator* inicia o movimento de significação da imagem.

O que se segue, como visto, é a apropriação das fotografias por parte do *Spectator*, que ora compreende a significação proposta pelo *Operator* e a toma para si, fazendo-a circular; ora discorda, acoplando outros sentidos à imagem, também fazendo-a circular – nesse caso por meio de uma ressignificação, portanto. Esse campo, contudo, nem sempre é pacífico: as divulgações das leituras dos atores sociais acerca das significações e ressignificações acabam revelando um ambiente tumultuoso no qual surgem múltiplas tensões entre eles, levando, em determinados momentos, às manifestações do *Spectrum* acerca de tais narrativas ou mesmo do *Operator*, sendo que os conflitos entre os diversos pontos de vista dos atores envolvidos são potencializados pelo *studium*, pelo contexto históricossocial no qual as imagens reverberam, o que avoluma as discussões propostas.

Acreditamos que os casos aqui estudados contribuem para os complexos estudos a respeito da sociedade em vias de midiatização pelo fato de que esta é a

macroambiência na qual eles surgem, fazendo parte de um processo de alta modernidade no qual a cultura midiática afeta as dinâmicas em sociedade e as mídias tornam-se referência nos processos de interação entre instituições e atores sociais. É através de diversos circuitos que essas mensagens, pelo empoderamento dos atores sociais na ambiência das redes sociais digitais, acabam por pautar a imprensa. Nota-se também um ensaio do movimento inverso, porém os efeitos não parecem os mesmos: há um esforço por parte de certos veículos jornalísticos de fazer circular uma exasperação de determinado caso – o da muçulmana. Apesar dessa tentativa e da criação de um novo circuito após um *hiato* na circulação visando acionar os atores sociais na jogada, os efeitos não são os mesmos e a adesão é baixa. Seria um enfraquecimento dos veículos tradicionais de comunicação em meio à voz concedida aos usuários das redes sociais digitais?

Ainda que haja tentativas no sentido de reativar a circulação do caso, nem todas as partes parecem motivadas a isso. No caso da muçulmana, por exemplo, apesar de diversas tentativas nossas de estabelecer um contato com o *Operator* para a realização de uma entrevista visando esclarecer questões existentes, variando essas tentativas de níveis privados – como diversos e-mails enviados – a públicos – como espaços abertos para comentários em publicações de perfis pessoais do *Facebook* e *Instagram* – nenhuma manifestação foi observada. E as inferências a esse respeito são variadas: seria uma maneira de se preservar de uma atualização da circulação, principalmente na relação entre o fotógrafo e o robô russo que propagou a imagem? De evitar um novo contato massivo dos atores sociais? De preservar a imagem e a identidade da muçulmana?

Encontramos muitas questões, mas alguns fragmentos do *corpus*, como a entrevista de Jamie Lorrigan à *ABC News Australia*, podem jogar luz a algumas dessas questões, especialmente pelo fato de que o único veículo que teve acesso ao fotógrafo britânico divulgou a entrevista de maneira limitada e visando tirar o foco da muçulmana atingida nas redes. Enquanto isso, no caso da babá, registrou-se que a reação do *Operator* foi oposta: ainda no ápice da circulação, houve incentivos por parte do autor da imagem para que ela fosse publicada tanto por veículos tradicionais nacionais e internacionais quanto alternativos. A própria atitude de conceder uma entrevista sobre o caso atesta o valor que é conferido à narrativa proposta na fotografia e replicada por alguns atores sociais e pela imprensa. Distintos são os interesses do *Operator* na divulgação da fotografia, na manutenção

ou cessação das significações e ressignificações postas em circulação. Variados são os graus de percepção dos profissionais acerca da relevância de camuflar ou não a identidade do *Spectrum*. Em determinado caso, opta-se pela ocultação por motivos de segurança do retratado. Em outro, pela manutenção da narrativa visual proposta originalmente em nome de diversos ideais político-ideológicos tendo em vista uma mudança social aparentemente considerada superior aos problemas existentes naquele fato. Percebe-se um complexo jogo baseado em manter ou não os ideais expressos pela linguagem fotográfica a partir de consequências da circulação. De qualquer maneira, o fotojornalismo auxilia a evidenciar a visão de mundo daqueles que dele se apropriam, seja de maneira profissional ou casual.

Notadamente, casos que apresentem tamanhas singularidades acabam por revelar novas fontes de estudo, possibilidades. A pesquisa realizada evidenciou que eles vão muito além do recorte aqui proposto, certamente possibilitando a continuidade dos estudos por meio de uma dissertação de mestrado. Entre as perspectivas que observamos para a realização de novos estudos, listamos o foco na propagação de memes, alguns, inclusive, de natureza audiovisual. Uma análise apurada e sistemática de comentários em redes sociais digitais e a criação de categorias de análise nesse sentido poderia fornecer dados mais concretos sobre as opiniões dos atores sociais. As tensões observadas em ambos os casos foram replicadas pela imprensa, o que oportuniza aspectos de discursos jornalísticos ali empregados. Muitas matérias publicadas em portais de natureza destacadamente política fornecem novos olhares sobre as tensões por nós observadas. Legendas empregadas nas imagens e textos inseridos digitalmente podem ampliar a visão acerca da problemática dos efeitos das mensagens propagadas. Também existe a possibilidade de investigar publicações impressas que divulgaram os casos. Múltiplas são as possibilidades.

Por fim, cabe assinalar que a produção deste trabalho foi de suma importância para refletir acerca de muito do que foi discutido em sala de aula sobre a responsabilidade de jornalistas e fotojornalistas ao trabalhar com os casos que lhe são entregues. Na macroambiência midiaticizada, nem só informações divulgadas com erros de apuração podem causar sérias consequências aos entrevistados. A simples publicação de uma imagem em uma determinada rede social digital pode incorrer em agressividades de diversos níveis pelo acoplamento de variados discursos às fotografias, resultando até mesmo na proteção da identidade de uma

pessoa retratada a fim de que ela não sofra consequências mais severas que as hostilidades distribuídas digitalmente. Também é nosso papel, enquanto jornalistas, pensarmos nessas questões que se tornam atuais pela alta adesão de atores sociais às diversas mídias sociais existentes. E, por fim, refletirmos de maneira autocrítica acerca do trabalho que estamos desenvolvendo nesse contexto de crise no jornalismo: afinal, quem pauta quem? Os atores sociais ou os veículos tradicionais de comunicação? Se estamos sendo muito pautados pelas discussões existentes nas redes sociais digitais, o que isso depõe acerca de nosso trabalho? As discussões propostas nas redes acabam tomando relevância mais expressiva que aquelas que são sugeridas pelos meios tradicionais de comunicação? Em caso positivo, quais são as consequências disso? Se pensarmos nas significações e ressignificações imagéticas, quais são as consequências delas para os múltiplos atores existentes? Como elas podem ser usadas de maneira a manipular a opinião pública? Abundantes são as questões e poucas são as respostas. Cabe-nos seguir em estudo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Junior; NASCIMENTO, Licínio. **Conjecturas para uma Retórica do Design [Gráfico]**. 2009. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Design. Departamento de Artes & Design da PUC-Rio. Disponível em: <<https://goo.gl/HqAhx1>>. Acesso em: 19 nov. 2017.
- AMAR, Georges. **Homo mobilis**: la nueva era de la movilidad. Buenos Aires: La Crujía, L'Harmattan, 2011.
- BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Editora Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- \_\_\_\_\_. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio (Org.). **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: La Crujía, 2012.
- BUITONI, Dulcidea Schroeder. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CARDOSO, Gustavo; DI FATIMA, Branco. MOVIMENTO EM REDE E PROTESTOS NO BRASIL: Qual gigante acordou? **Revista ECO-Pós**, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em <<https://goo.gl/hjQxQj>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- CHAUÍ, Marilena. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Teoria e debate**, n. 113, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/5cwk26>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34. 2010.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.
- ENTLER, Ronaldo. Para reler a câmara clara. **FACOM-Revista da Faculdade de Comunicação-FAAP**, v. 14, 2006.
- FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. **Mediatización, sociedad y sentido**, 2009.

\_\_\_\_\_. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz et al. (Org.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: UNISINOS, 2013.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **Matrizes**, v. 1, n. 2, 2008.

\_\_\_\_\_. Midiatização, prática social-prática de sentido. **Rede PROSUL–Comunicação, Sociedade e Sentido**, v. 1, p. 15, 2006.

\_\_\_\_\_. Pisando no solo da mediatização. In: SÁÁGUA, João; CÁDIMA, Francisco Rui. (Org.). **Comunicação e linguagem: novas convergências**. Lisboa, Portugal: FCSH – Universidade Nova de Lisboa, 2015, v. 1, p. 235-254

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume, 2011.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 2010.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. **Discursos fotográficos**, v. 4, n. 5, p. 13-36, 2008.

GRASSI, Gilberto Calil. Embates e disputas em torno das Jornadas de Junho. **Projeto História**, n. 47, p. 377-403, São Paulo, 2013. Disponível em <<https://goo.gl/P8Vvhw>>. Acesso em 30 nov. 2016.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Cotia: Ateliê, 2001.

MACHADO, Ricardo; SANTOS, João Vitor. Investir na apuração para enfrentar as fake news é como remendar um cano furado. Entrevista com Antonio Fausto Neto. **IHU On-Line Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ano 18, n. 520, p. 33-40, 23 abr. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/7KSnda>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, n. 34, p. 713-727, 2015.

PRASS, Marco Aurélio; ROSA, Ana Paula da. No lugar do outro: o papel do jornalismo na conscientização contra a homofobia. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO – JPJOR, 7, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: SBPJor, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/mvVnog>>. Acesso em: 31 out. 2017.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Resignificação Imagética: A Narrativa da “Muçulmana Insensível” no Atentado em Westminster. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL – INTERCOM Sul, 18, São Paulo: Intercom, 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://goo.gl/Vzexxc>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

\_\_\_\_\_; FAUSTO NETO, Antonio. ‘Pensamento Comunicacional’ da Lava Jato: Fragmentos de Leitura do Juiz Sérgio Moro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO, 40, Curitiba: Intercom, 2017. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://goo.gl/YycJjf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan, Teresina, PI: Universidade Federal do Piauí, 2000.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002.

SILVA, Thiago Melo da. **Manifestações no Brasil – Estruturação da Esfera Pública, rede social e participação popular na internet, Portugal, 2014**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) – Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (UC), 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/mUwnmZ>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. Novos Estudos-CEBRAP, n. 97, 2013. Disponível em <<https://goo.gl/sTEF4o>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Senac, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **A objetividade; da filosofia ao jornalismo, passando pelas ciências**. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – BOCC, Porto, 2002.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

VERÓN, Eliseo. **Espacios públicos en imágenes**, 1997. Disponível em <<https://goo.gl/qPCccQ>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2004.

\_\_\_\_\_. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/XCF31t>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

## APÊNDICE A – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DA ENTREVISTA

### 1 – Identificação

- Nome: João Valadares
- Profissão: Repórter

### 2 – Contextualização do caso

- Gostaríamos que você contasse o desenrolar do caso desde seu início

### 3 – Mapeamento do circuito

- Em quais redes sociais você publicou a imagem?

### 4 – Análise da repercussão da imagem

- Como avalia a repercussão?
- Alguma imagem sua repercutiu de maneira semelhante?
- Quais são os efeitos dessa repercussão para o seu trabalho?
- A repercussão da imagem lhe causou preocupação em relação a ameaças ou em relação à babá?
- O que aconteceu após a repercussão? A imagem foi apagada?
- O contexto históricossocial foi determinante para a propagação massiva da fotografia?

## APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O REPÓRTER JOÃO VALADARES

<b>Nome</b>	João Valadares
<b>Profissão</b>	Repórter
<b>Data</b>	08/05/2018
<b>Duração</b>	38'36"

### **Gostaríamos que você contasse o desenrolar do caso desde seu início.**

Deixa eu te explicar. Essa imagem foi feita em 2016. Eu era repórter especial de política do Correio Braziliense, mas estava no Rio de Janeiro a passeio, não estava nem trabalhando, estava, fui com minha namorada na época para o Rio de Janeiro, passar um fim de semana lá. E a gente decidiu: vamos lá ver a manifestação, e tal. Um negócio de jornalista que mesmo de folga quer ver. E, cara, foi uma coisa muito... não teve nada, não fui para uma pauta, não fui para fazer uma foto, nada. Estava tomando um chope com minha namorada, enfim. E quando esse casal passou, aquilo me veio à mente e eu vi uma charge que estava circulando nas redes antes, uma semana antes, que era uma babá também toda vestida de branco empurrando um carro de bebê e uma mulher na frente com a bandeira do Brasil e pedindo justiça. Eu fiz um link muito rápido assim, quando eles passarem, eu disse, eu vou fotografar. Era uma manifestação pública, as pessoas que estavam ali numa manifestação pública, legítima, diga-se, e fotografei. Acho que eu fiz umas 20 fotos ou menos. Fotografando, porque aquilo me chamou a atenção, e depois eu parei e publiquei acho que três fotos apenas com o nome do local, se não me engano é Ipanema, e a data. Ipanema, 13 de março de 2016. E cara, e isso teve uma repercussão que você deve fazer ideia porque você está estudando isso, mas, e muito rápido, assim. Não sei se por eu ser repórter de um jornal, mas eu publiquei na minha rede pessoal, só com isso. E continuei meu dia. Depois, quando tirei meu celular do bolso depois de um tempo, acho que uma hora, mais ou menos, eu fiquei assustado como isso tinha tomado uma dimensão gigantesca. Na verdade eu acho que, há, na minha leitura, uma coisa positiva porque o Brasil naquele momento passou a discutir uma coisa que é um valor muito caro, que é a história do... mas, na verdade, dentro dessa foto há um bocado de coisas, né? Um bocado de coisas. E o país passou a debater isso, né? Algumas pessoas não viam absolutamente

nada. na foto. de errado, absolutamente nada. Olhavam a foto 10 mil vezes e essas pessoas provavelmente ainda não enxergam nada na foto e outras pessoas viam alguns valores simbólicos na fotografia. Eu fiquei feliz pelo debate gerado. Eu achei que naquele momento se gerou um debate importante.

**Tivemos acesso à charge que tu mencionas, mas imaginávamos que ela havia sido feita depois da repercussão da tua imagem.**

Não, foi antes. É, muito provavelmente se eu não tivesse visto a charge eu iria também fotografar isso, certo? Não estou dizendo que fiz a foto por causa da charge. Não estou dizendo isso. Muito provavelmente eu iria ver e isso iria me chamar a atenção e eu iria fotografar. Mas, quando eu vi o casal passar, imediatamente veio à minha cabeça a charge, antes mesmo de eu fotografar. Imediatamente. Eu não estou dizendo que eu fiz a foto porque eu tinha visto a charge antes. Não. Mas aquela imagem me veio à cabeça, sabe, quando tu faz esse link? E eu fui andando e fotografando. Era uma manifestação pública. Como eu não estava a trabalho, né, apesar de que jornalista está sempre trabalhando, cara, e depois eles saíram e não deu tempo. Eu não estava fazendo matéria, né? Na verdade quando eu fiz a fotografia, depois que eu fui parar pra olhar se tinha ficado legal, se não. Não parei pra entrevistar. Até pode ter sido uma falha minha, poderia ter entrevistado, né? Acho que outros jornais depois entrevistaram a babá e eu acho que por tudo que ela falou, pelo o que eu li, ela corroborou um pouco com a história toda. No fim de tudo da entrevista dela, é evidente que ela reclama de algumas coisas, que é normal também, mas no fim de tudo ela resume lindamente. Ela diz que sempre o mais fraco é que vai pagar essa conta. É verdade. Ela diz isso. Eu acho que teve um... Essa foto carrega um simbolismo muito forte, né? Ela carrega uma carga histórica muito forte, principalmente para o Brasil, né? A questão da ama de leite, a negra conduzindo... Segurando crianças brancas, né? Até o relato do pai, né, dizendo, ah, tipo assim, a gente trata ela muito bem, sabe? Também eu acho comum a senhores de engenho na época. Não estou dizendo que... é evidente que ele está em outro, em outra época, mas assim, há sempre um resquício que fica histórico, isso é importante. Eu acho que por isso que gerou isso, assim, esse debate gigantesco. Na verdade essa foto não circulou só aqui no Brasil, essa foto saiu em vários jornais do mundo, então assim, alguma coisa aí tem, né? E isso é uma cena, veja só, isso é uma cena digamos comum em alguns lugares do

Brasil. É muito comum esse tipo de coisa acontecer. A gente tem clubes ainda no Brasil que proíbem babás de entrar sem um traje branco, imagine só. Eu acho que em 2017, não lembro, uma das sócias de um clube, acho que de São Paulo, decidiu burlar isso, enfim, a regra do clube estabelecido e o Ministério Público do Estado de São Paulo entrou na jogada, enfim. É uma coisa que não é de graça, entendeu? Eu acho que quando se veste de branco e isso remete a um apanhado histórico, isso remete sim a um período inclusive colonial do Brasil, vestir de branco é uma forma de marcar uma diferença, é uma forma de distinguir que aquela pessoa ali, né, por exemplo, no caso aquela mulher que acompanhava o casal, não era igual a eles. Ela estava no meio de uma manifestação, né? Ela disse... Nem sei se ela disse que foi espontaneamente, mas enfim, ela estava... Então ali é uma opinião, né? Uma visão muito particular. Eu acho que sim, que tem uma forma de marcar, de deixar claro ali que tem alguma diferença, entendeu? Isso pra mim é o essencial da foto. Porque na verdade quando a gente vai pra esse negócio de internet, e às vezes me incomoda um pouco porque a gente fica às vezes num debate muito raso, né? As pessoas não procuram... É uma coisa muito imediatista. E a imagem tem muito disso também, né? A imagem é uma imagem, né? Você não tem às vezes... E é por isso que a fotografia é uma coisa esplêndida, porque às vezes tá tudo ali, né? Você não precisa mais escrever, a imagem tá ali. Então a imagem não teve nenhum tipo de armação, de nada. Totalmente espontânea. E eu cliquei de maneira... Te digo, despretensiosamente. Eu cliquei na verdade e nem sabia que eu ia publicar, mas depois que eu vi e resolvi publicar. Outra coisa que esse discurso de “ah, ela tem carteira assinada, a gente trata ela muito bem”, isso também, se você fizer um apanhado histórico, é um discurso como se tratava por exemplo as amas, presenteavam, alguns... As amas de leite que eu falo, estavam dentro da casa, Casa-grande ali, mas havia sempre uma delimitação. Era muito fácil de delimitar isso, entendeu? Se você pegar, por exemplo, Gilberto Freyre, Casa-grande & Senzala, com todas as críticas que se tem, enfim, você percebe essas marcações, essa maneira de distinguir as coisas, entendeu? Na verdade é um tipo de representação hierárquica mesmo, entendeu? Que eu acho que já deveria ter sido superada no Brasil, né? A gente está em 2018, essa foto foi em 2016, enfim.

**Tu disseste que publicou ela nas redes. Em quais delas?**

Eu publiquei inicialmente no meu Instagram pessoal, pra você ver, e eu acho que eu

compartilhei... Aquela história que você compartilha direto do Instagram para o Facebook. Mas eu percebi que no Instagram teve imediatamente assim... Muita... foi compartilhado muitas vezes, compartilhado não, teve muitos cliques no Instagram. Na verdade acho que inicialmente eu já publiquei no Instagram e no Facebook. E aí, eu tenho alguns, até por ser jornalista, algumas pessoas que me seguem tem muitos seguidores, alguns amigos, enfim, são pessoas relativamente conhecidas e eles replicaram isso. E quando isso foi replicado por alguns seguidores meus que tinham milhões de seguidores, isso tomou uma proporção gigantesca que não faz sentido. Pro bem e pro mal, assim. Teve coisas muito boas e muito ruins. Eu tomei uma decisão, é, por exemplo, algumas pessoas de veículos formais começaram a publicar a foto sem o crédito. Eu inicialmente não reivindiquei isso, mas algumas pessoas até me disseram, “ó, tua foto tá circulando”, tal, e isso de alguma maneira, de um ou de outro jeito foi sendo ajeitado, mas o fato é que acho que duas horas ou três horas depois da foto, já estava em quase todos os jornais do Brasil, pelo menos na internet, e alguns jornais, eu não lembro se o Público de Portugal ou o jornal da Alemanha, ou se numa página da BBC de Londres também que me ligou... Enfim, foi muito rápido. É essa história de internet, né? Sabe como é. Foi muito rápido. E o que me chamou a atenção desde o início... Porque eu estava ali, eu só fui parar mesmo quando eu cheguei no hotel pra ver o tamanho do negócio. E eu também estava ali, não ia ficar no meio da rua vendo. E quando eu cheguei no hotel é como se... Assim, eu fiz a foto, olhei se tinha uma repercussão ali mas achei que não... quando eu cheguei eu acho que umas três horas depois da foto, inclusive a bateria do meu celular descarregou no meio da rua, então quando eu liguei o meu celular era como se tivesse alguma coisa quebrada no meu celular, que ele não parava de chegar mensagens e likes e enfim. É essa proporção que você toma. E eu parei pra ver o que estava acontecendo. Entrei no meu Facebook, no Twitter e vi que o negócio tinha dado... Estava todo mundo falando disso. E aí se cogitou que eu teria feito a fotografia... Eu já teria ido pautado, estava acompanhando aquele cara porque aquele cara trabalhava num banco, que o banco foi citado numa investigação envolvendo Fernando Henrique Cardoso, história lá, se for pesquisar, da Brasif, que eu nem... Cara, eu nem sabia quem era esse cara, sabe? Depois eu fui saber que ele era vice-presidente do Flamengo e assim, eu não fiz a foto pra execrar ninguém. Era uma manifestação pública ali, podia fazer, como fiz outras

fotos também, sabe? Uma manifestação pública, as pessoas fotografam. Eu acho que foi isso, assim, é uma imagem que ela diz muito, assim. Eu acho que diz muito. Não sei se tu lembra uma época na internet que rolava uma história de um vestido bege, que algumas pessoas olhavam o vestido, aquela foto do vestido, e viam um vestido bege. Outras pessoas olhavam e viam um vestido listrado, azul e preto, acho. Então é mais ou menos isso. Vai ter gente que vai ver mil vezes a foto e vai dizer “qual é o problema dessa foto, não vejo problema nenhum”. Até hoje, quando vou às vezes em universidades dar palestras, não sobre a foto, sobre jornalismo, sempre me perguntam dessa foto e até hoje tem gente que acha que não tem nada demais. Eu acho que muita gente vai continuar achando isso, independente do que a foto diga. Eu acho, continuo achando que é uma questão simbólica. Na verdade a gente passou, a sociedade brasileira ainda tem um mito de que houve uma, digamos uma mestiçagem harmônica, e que a escravatura foi também um doce. Não foi, né? Então assim, é como se a gente tivesse conseguido conciliar isso muito bem, e a meu ver não. E não é só nesse caso, a gente tem resquícios desse problema, a gente se depara com isso todo dia, né? Eu vejo isso todo dia e me incluo na classe média brasileira. Sou um cara de classe média e isso não me impede de ver... Muito pelo contrário, né? Eu vejo isso todos os dias, resquícios de algumas coisas que só reforçam esse abismo em que a gente vive, essa separação das pessoas, enfim. Eu acho isso.

**De início os jornais não citaram seu nome, só o Correio Braziliense, o que dificultou que descobríssemos o autor. Procuramos onde ela havia sido publicada primeiramente e não a encontramos de início. Alguns veículos replicaram uma captura de tela de uma publicação com a fotografia no Facebook com grande repercussão, mas não era uma publicação sua. Gostaríamos de saber o que houve depois da repercussão. Você excluiu a imagem?**

Não. Vou explicar exatamente o que aconteceu. Eu publiquei, não publiquei institucionalmente, digamos assim, pelo jornal em que eu trabalhava, até porque eu não estava trabalhando. Eu publiquei na minha rede pessoal. Eu não tenho perfil público, sou jornalista, então meu perfil pessoal. Publiquei no meu perfil pessoal... o meu Instagram inclusive é fechado, preciso autorizar que as pessoas me sigam. E eu publiquei isso e tomou uma repercussão gigantesca. Quando eu cheguei no

hotel que eu liguei meu celular porque ele tinha descarregado e consegui carregar... que eu liguei, que eu dei por mim do tamanho do negócio... e eu vi várias publicações sem citar o crédito. Por exemplo, Mídia NINJA, por exemplo, que tem muitos seguidores, um jornalismo bacana, eles fazem um trabalho legal, independente e tal... Publicaram sem o crédito. Mas algumas pessoas disseram e parece que depois eu não sei se eles ajeitaram, não sei, acho que eles nem ajeitaram, mas isso não me incomodou. Mas depois outras pessoas mesmo foram cobrando que tivesse o crédito. Mas houve uma publicação gigantesca sem o crédito. Só divulgação. Divulgação/Facebook. Não se dizia de quem era, enfim, nada. Depois isso foi sendo ajeitado, mas a maioria, jornais maiores, todos deram crédito. Eu quero te dizer outra coisa que eu acho que tu vai perguntar. Eu nunca ganhei R\$ 0,50 com essa foto. Eu nunca ganhei R\$ 1 com essa foto. Eu nunca vendi essa foto pra ninguém, não é o objetivo, não fiz essa foto com esse objetivo. Na verdade eu liberei a utilização dessa fotografia. Alguns blogs e alguns coletivos de jornalistas independentes me procuraram para usar a foto e eu autorizei a utilização da foto sem nenhum problema dando o devido crédito. Eu não vendi, eu não comercializei. Eu acho que o jornal em que eu trabalhava na época, era o Correio Braziliense, ele colocou a foto como se fosse deles, né, eu trabalhava pra eles, enfim. Acho que o jornal pode ter, na verdade acho que o jornal vendeu, mas eu não tenho certeza. Mas eu vi que depois, por exemplo, a revista Veja, por exemplo, publicou essa foto em quase duas páginas dando crédito, evidentemente, mas não partiu de mim. Não fiz nenhuma interlocução com a Veja. Eu fiz interlocução com alguns blogs que ligaram diretamente pra mim pedindo autorização. Como autorizei também para historiadores que me ligaram pra colocar em trabalhos. Muita gente me ligou da academia, de faculdades. Acho que mais de 10 pessoas já me ligaram porque estão estudando, ou pra usar em palestras. Então é importante isso, que se diga que não era o objetivo, nem foi, nem vai ser nunca. Não quero ganhar dinheiro com isso.

**Posteriormente você decidiu excluir a imagem do Facebook e do Instagram?**

Não, nunca excluí. Nunca. A imagem continua lá. Inclusive eu até compartilhei um dia desses que o Facebook lembrou, aquele negócio da lembrança do Facebook, e eu até compartilhei. Essa imagem nunca foi excluída. Em nenhum momento essa imagem foi excluída. O post original, se você entrar no meu Instagram, você vai ver,

ela está lá. Se você entrar no meu Facebook você vai ter que voltar muito... quer dizer, acho que nem vai precisar voltar muito porque eu compartilhei essa lembrança, mas eu nunca excluí, não tinha por que excluir, eu nunca excluí essa imagem, essa postagem. E depois, quando essa imagem veio à tona, acho que no mesmo dia o Pracownik o homem do casal lá, ele escreveu uma carta e eu peguei essa carta e eu publiquei no meu Facebook. Eu peguei: olhem o que diz o... coloquei o que eu achava da foto, e agora vou colocar essa carta que acaba de ser publicada no Facebook do Pracownik. E publiquei a carta. Eu acho importante que as pessoas falem sobre o assunto e achei muito legal esse debate. Quando eu li a carta dele eu apenas, na verdade ele corrobora com todo o simbolismo da fotografia. Tem gente que acha que não, mas eu acho que sim.

**Como tu avalias a repercussão da imagem para o trabalho que você desenvolve?**

Eu não sou fotojornalista, nunca fui fotógrafo, nunca fiz um curso de fotografia. Eu fiz essa foto com iPhone, eu sempre fui repórter de impresso, né? Jornalista de impresso. Trabalhei minha vida toda nisso. Muita gente ficou achando que eu era fotógrafo, enfim. Não sou fotógrafo, nunca fui fotógrafo. Queria até saber dominar a técnica fotográfica que eu admiro bastante, mas assim, não sou fotógrafo, muito pelo contrário, eu sempre trabalhei com texto, escrevendo pro jornal, enfim. Quando essa foto foi publicada, inclusive vários fotógrafos renomados, famosos, replicaram a foto, e aí as pessoas começaram a achar que eu era fotógrafo. Eu lembro que uma menina do jornal O Público de Portugal me ligou e eu tive que explicar: “eu não sou”. E na matéria ela coloca: “João não é fotógrafo”, inclusive não estava nem trabalhando, ela explica isso. Então assim, para o meu trabalho eu acho que é mais uma coisa. Acho que jornalismo bom é aquele que gera reflexão, que gera transformação, que gera debate, que seja também contundente, então eu acho que é mais uma coisa. Eu fiquei um pouco impressionado com a repercussão, assim. Até eu brinquei assim: “Pô, já dei algumas manchetes importantes, mexia com, né? E uma fotografia tomou uma proporção gigantesca”. Mas no fim eu achei que foi bom. Teve a parte chata de ameaças, coisas na internet de um exército meio maluquete de internet. O meu inbox no Facebook por muito tempo continuou... porque o Facebook, mesmo que você não seja amigo, ele consegue fazer com que as pessoas mandem mensagens, então assim, eu fui bombardeado, você não faz

ideia. Durante um mês eu fui bombardeado. Muito elogio também. Eu acho que no fim foi muito legal.

**Em algum momento te preocupou a repercussão da imagem em relação às ameaças ou mesmo à babá?**

Não. Então, o que me preocupou e eu posso usar até um termo... o que me incomodou na verdade foi a história de uma possível exposição da babá. Isso desde o... Depois que eu publiquei que a coisa já estava no ar e eu pensei, isso me incomodou um pouco e eu podia ter tido um cuidado a mais, mas você sabe que na hora, o jornalismo é uma coisa muito dinâmica, né? E nesse caso eles estavam andando muito rápido. Na verdade eu também não fui entrevista-la, mas eu fiz uma avaliação muito rápida, né? De que se tratava de uma imagem pública ali. Evidentemente eu sei que quem tá na imagem é que é o dono da imagem, né? Mas na verdade o meu incômodo foi de não ter ido atrás para entrevistá-lo, entendeu? Mais por isso, assim. Como se eu tivesse feito uma coisa ali... Tinha faltado um pedaço, sabe? Como jornalista. Mas ao mesmo tempo a foto resumia muito tudo. Eu fiquei um pouco incomodado com essa possível exposição mas eu acho que quando se coloca na balança, estava tudo dentro de um contexto. Ali existiam milhares de pessoas passando, é um ato público. Eu vou num protesto, enfim, a gente sabe que tem imprensa, entendeu? Mas de certa maneira sim. Em relação às ameaças, eu sou jornalista há duas décadas, acho. Vai fazer 20 anos. E sempre trabalhei com temas muito delicados. Cobri muito tempo aqui em Pernambuco a questão agrária. Cobri muito tempo aqui em Pernambuco a questão da segurança pública, de grupos de extermínio. Já fiz muitas matérias denunciando maus policiais e de certa maneira isso já fazia parte do meu cotidiano. Eu já tive um espaço na internet, um blog em que a gente contava homicídios aqui em Pernambuco, e depois eu fui pra Brasília trabalhar com política, né? Um meio talvez mais complicado ainda, e também sempre com matérias de denúncia, matérias maiores, e de certa maneira isso não me afeta tanto. Eu encaro isso como uma coisa que já faz parte da minha profissão. Eu encarei com naturalidade e evidentemente que é muito chato. Eu fui bombardeado durante um mês, mas também é do jogo, normal. Eu não fiz disso uma tempestade. Não consegui responder a todas as discussões. Eu lembro que, pra você ter uma ideia, e eu lembro desse número, no outro dia, aí eu fui dormir e tal, no outro dia quando eu acordei que eu acessei o meu Facebook,

acho que acessei por volta de umas 10h30, 11h da manhã do outro dia, tinham no meu inbox 3.243 mensagens. Pessoas de todo canto que você imaginar. Eu, maluco, tentei responder todas as pessoas. Algumas não dava nem pra responder porque, não imagina a quantidade de improperios. Na verdade, com esse acirramento político as coisas ficaram muito tensionadas, né? Mas eu encarei aquilo com uma naturalidade. Mas isso foi sempre, todo dia havia um tipo de mensagem num tom muito ameaçador. Em nenhum momento eu fiquei com medo, nada. Não é isso. Mas é que ficou chato. Mas normal, também.

**Nos chama a atenção que a foto surgiu num momento muito acirrado no debate político, e acreditamos que isso auxiliou a impulsioná-la.**

Não tenha dúvida. Não tenha dúvida nenhuma. Eu acho que o momento, na verdade que a gente ainda vive. Acho que se agravou ainda mais. A gente tá vendo aí atentados, gente atirando em acampamento, atirando em ônibus de ex-presidente, né? Tá vendo gente brigando no meio da rua, enfim... a gente teve uma vereadora assassinada, né? A gente vive um momento de muito acirramento, né? Nas pessoas. Isso está muito perto, na verdade. Num almoço de domingo isso pode acontecer. Então eu acho que esse acirramento em que o país se encontra e naquele momento também se encontrava foi um adubo pra potencialização dessa foto. Eu acho que em outro contexto evidentemente poderia gerar uma repercussão, mas eu acho que esse acirramento foi o adubo que fez essa foto girar dessa maneira, né? E repito, não girou só aqui no Brasil, a partir daqui girou para o mundo. Então eu acho que esse acirramento contribuiu sim. Acho que foi determinante pra história.

**Também nos chamou a atenção o fato de que tu não és fotógrafo, apesar de que alguns veículos divulgaram que era.**

Divulgaram. Várias pessoas acharam. Foi até engraçado que em alguns compartilhamentos as pessoas diziam: “eu conheço o trabalho do fotógrafo João Valadares, é muito bom”. Nunca fui fotógrafo. “O trabalho da luz que João Valadares desenvolve”. Eu nunca fui fotógrafo na minha vida. Eu nunca fiz uma foto com uma máquina profissional, para você ter uma ideia. Mas isso não me incomodou. É até engraçado. Tenho um respeito gigantesco pelos fotógrafos, têm a importância igual à de um... um peso as vezes até maior. Sempre me dei muito bem, mas assim, queria até ser fotógrafo, mas nunca fui, nunca trabalhei. Eu faço

foto de celular, posto no Instagram, faço fotos dos meus filhos. Fiz até foto de matéria, mas sempre de celular, nada profissional. Não sou fotógrafo, ponto. Mas que fique claro, isso não me diminuiu. É porque eu não sou mesmo.

**Houve alguma outra imagem sua que tenha repercutido como essa?**

Acho que já. Teve uma imagem que na verdade não foi minha, mas é de uma matéria minha, que essa imagem também deu uma girada no mundo. Era uma imagem de uma família de albinos, na verdade eles eram negros, mas eram os irmãos albinos. Eles eram albinos, era numa família negra e com um irmão albino. Então era como se fosse um negro, entenda o que estou dizendo, com uma pele branca. Eu fiz uma matéria sobre isso, você vai encontrar muito fácil, foi escolhida uma das melhores imagens da Reuters. Quem fez essa foto foi Alexandre Severo, ele estava naquele avião... Infelizmente é um amigo meu que eu perdi, estava no avião que caiu com Eduardo Campos. Você vai achar. Então isso está muito associado ao meu nome, essa imagem, mas assim, foi um trabalho conjunto, de texto e foto, e isso repercutiu. Acho que já fiz outras fotos. Pelo fato de... eu era jornalista lá do Correio Braziliense, repórter de política, e às vezes se confundia um pouco e às vezes se tinha uma... mas assim, desse nível não. Talvez essa foto dos irmãos albinos tenha sido o mesmo nível de... O debate foi bem menor mas a circulação da foto pode ter sido equivalente. Eu acho que essa da babá foi mais.

**ANEXO A – NOTÍCIA E ENTREVISTA COM MARIA ANGÉLICA LIMA**

<b>Repórter</b>	Bruno Alfano
<b>Veículo</b>	Jornal Extra
<b>Data</b>	15/03/2016

- Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/o-pobre-que-sofre-diz-angelica-baba-de-foto-polemica-em-manifestacao-rv1-1-18876978.html>>.

**‘O pobre é que sofre’, diz Angélica, babá de foto polêmica em manifestação**

Bruno Alfano

“Patrão, tem paparazzo lá embaixo?”. Maria Angélica Lima, de 45 anos, nunca achou que teria esse tipo de preocupação. Era para ser um domingo como qualquer outro do último ano, em que trabalhou cuidando, aos fins de semana, dos gêmeos de um morador de Ipanema. Mas uma foto, a caminho das manifestações de Copacabana anteontem, a colocou no centro dos debates. E a repercussão assustou.

— Me senti exposta — explica. — Acordei e vi minha cara no jornal. Foi um susto.



Foto acendeu debates nas redes sociais Foto: João Valadares/CB/Da Press

A imagem mostra Angélica empurrando o carrinho de bebês com os filhos dos patrões, que estão ao lado. Moradora de Nova Iguaçu, ela estudou até o ensino médio. O serviço era para desafogar as contas da casa onde vive com o marido e as filhas, de 2 e 16 anos. Mesmo assim, a crise sufocou.

— O pobre é que sofre. O preço da comida aumentou muito. Íamos reformar a casa, mas não vai dar — conta.



As três Marias: Maria Angélica (a mãe), Maria Júlia, de 16 anos, e Laura Maria, de 2 anos

Foto: Marcelo Theobald / Agência O Globo

A solução, para a babá, não passa por tirar a presidente Dilma Rousseff do cargo da presidência. Não acredita no vice, Michel Temer (PMDB). Para ela, “nenhum deles presta”. Nas eleições de 2014, Angélica votou duas vezes em Aécio Neves (PSDB). Ela diz que acredita nas propostas do mineiro. A babá também admira a figura do juiz Sérgio Moro, que já condenou 67 pessoas na Operação Lava Jato.

— A solução do Brasil começa por mudar o Congresso todo — sonha Angélica.



Charge foi publicada no Facebook uma semana antes da fotografia de Angélica com os patrões Foto: Reprodução/Facebook

O furacão que transformou a babá em ponto de discussão nas redes sociais tem origem, segundo o cientista política Paulo Baia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na polarização dos debates sobre os atos contra a presidente.

— De um lado, há os que são a favor de Dilma e vão dizer que há discriminação ali, porque é uma negra numa manifestação onde só vai rico — pontua Baia. — O outro lado diz o inverso. Afirma que a imagem é de uma família bem-sucedida, lutando contra a corrupção, que contrata legalmente. Esse é o foco da briga.

Confira a entrevista com a babá Angélica

### **O que você achou de ir à manifestação de anteontem?**

Eu não estava fazendo nada demais. Estava no meu horário de trabalho, cumprindo a minha função. Ele, como meu patrão, estava indo à manifestação. E eu estava indo com eles para acompanhar as crianças. Eu tenho que estar perto. E só. Mais nada.

### **A senhora foi obrigada?**

Não. Claro que não.



Maria Angélica Foto: Marcelo Theobald

**Iria se estivesse de folga?**

Eu iria se tivesse morando lá embaixo (na cidade do Rio). Ir daqui (Nova Iguaçu) para lá é bem difícil. Pego dois ônibus para ir trabalhar.

**Você é a favor dos atos?**

Sou. Mas queria que isso tudo acontecesse, e tivesse resultado. Falei para o meu patrão: “As pessoas querem o impeachment e que as coisas mudem, mas não vai mudar”. A presidente Dilma saindo, quem entrar vai continuar roubando. O Brasil é assim. Quem está com dinheiro, como os políticos, vai continuar tudo bem. A gente que vai sempre levar a pior.

**Por que votou no Aécio?**

O Lula não foi aquele presidente que todo mundo esperava. Aí, votei no Aécio para dar uma oportunidade de que ele mudasse o quadro. Mas entrou a Dilma e a gente está vendo esse resultado.

**Você trabalha na semana?**

Não. Quero curtir a infância da minha filha mais nova.

**Quem cuida das suas filhas quando está no trabalho?**

Meu marido trabalha às vezes no fim de semana. Então, a gente contrata uma menina, que mora aqui perto, para tomar conta da menorzinha.

**O que acha de usar uniforme?**

Acho que é um dever que a gente tem. Desde o momento que a gente trabalha e tem uniforme, a gente tem de usar. Tem casas que não pedem, outras precisam. Eu acho até melhor porque preserva mais as nossas roupas. E tudo eles que dão. Eles dão sapato, calça, bermuda, blusa. Minha patroa que fornece.

**Como a senhora soube de que estava nas redes?**

Meu patrão que me mostrou. Ele disse: “Olha, Angélica, está acontecendo uma coisa chata”. E me explicou o que era. Eu falei: “Sinceramente, seu Cláudio, eu não estou nem entendendo nada disso”.

**Gostaria de falar algo a quem debateu nas redes sociais?**

Não fiquem preocupados. Quem me apoiou, sabe do valor da gente, que é babá, de trabalhar, de ter nosso dinheiro. A gente tem de dar valor ao trabalho, independente de usar de uniforme ou não.

**Polêmica na rede**

Muitos internautas enxergaram na imagem um retrato da desigualdade social do país. Já outros apontaram para uma simbologia das condições de subemprego a que algumas empregadas domésticas estão submetidas.

Do outro lado, muitas pessoas defenderam a presença da babá em meio ao protesto. Entre os argumentos, a ideia de que pelo menos a funcionária não está desempregada.

**Patrão se manifesta**

O patrão de Angélica é vice-presidente de Finanças do Flamengo, Claudio Pracownik. Ele se manifestou pelo Facebook sobre a polêmica. Confira o texto:

*"Sí Pasarán!"*

*Ganho meu dinheiro honestamente, meus bens estão em meu nome, não recebi presentes de construtoras, pago impostos (não, propinas), emprego centenas de pessoas no meu trabalho e na minha casa mais 04 funcionários. Todos recebem em dia. Todos têm carteira assinada e para todos eu pago seus direitos sociais.*

*Não faço mais do que a minha obrigação! Se todos fizessem o mesmo, nosso país poderia estar em uma situação diferente*

*A babá da foto, só trabalha aos finais de semana e recebe a mais por isto. Na manifestação ela está usando sua roupa de trabalho e com dignidade ganhando seu dinheiro.*

*A profissão dela é regulamentada. Trata-se de uma ótima funcionária de quem, a propósito, gostamos muito.*

*Ela é, no entanto, livre para pedir demissão se achar que prefere outra ocupação ou empregador. Não a trato como vítima, nem como se fosse da minha família. Trato-a com o respeito e ofereço a dignidade que qualquer trabalhador faz jus.*

*Sinto-me feliz em gerar empregos em um país que, graças a incapacidade de seus governantes, sua classe política e de toda uma cultura baseada na corrupção vive uma de suas piores crises econômicas do século.*

*Triste, só me sinto quando percebo a limitação da minha privacidade em detrimento de um pensamento mesquinho, limitado, parcial cujo único objetivo é servir de factóide diversionista da fática e intolerável situação que vivemos.*

*Para estas pessoas que julgam outras que sequer conhecem com base em um fotografia distante, entrego apenas a minha esperança que um novo país, traga uma nova visão para a nossa gente. Uma visão sem preconceitos, sem extremismos e unitária.*

*O ódio? A revolta? Estas, deixo para eles."*

## ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AUDIOVISUAL COM MARIA ANGÉLICA LIMA

<b>Repórter</b>	Bruno Alfano
<b>Cinegrafista</b>	Marcelo Theobald
<b>Veículo</b>	Jornal Extra
<b>Data</b>	15/03/2016

- Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/o-pobre-que-sofre-diz-angelica-baba-de-foto-polemica-em-manifestacao-rv1-1-18876978.html>>.

**Maria Angélica Lima:** Então, é o que eu tô falando. A repercussão foi, justamente. Eu achei que não teve necessidade pra tanto, né? Eu acho que expôs a minha pessoa, a do meus patrões, dos filhos deles, que são tudo de menor, né? Então acho que não tinha necessidade disso, entendeu? Independente, como eu falei, independente de eu tá uniformizada porque eu estava no meu horário de trabalho, eu tinha que estar uniformizada, entendeu? Independente de eu estar ou não com a blusa do Brasil, isso não vai mudar, não sou eu que vou mudar essa questão. Eu tô chateada porque eu tô ali... eu hoje acordo, pego o jornal e vejo o meu rosto estampado pro Brasil inteiro ver, saber quem eu sou, o meu nome, que eu falei assim: “ué, gente, sabem até meu nome”. Eu sou uma pessoa que tô ali anônima, no meio de milhões de pessoa. Como é que sabem até meu nome? Entendeu? Então eu achei isso muito chato, entendeu? Me expor dessa maneira, expor os meus patrões, as criança, entendeu? Não tinha necessidade disso.

**Bruno Alfano:** A senhora é a favor da manifestação?

**Maria:** Eu sou a favor, como eu tô te falando, eu sou até a favor, mas e... eu queria que tudo isso acontecesse e realmente tivesse resultado, entendeu? É que nem eu falei pro meu patrão, tá todo mundo pedindo o impeachment da presidente, né? Querendo que as coisas mudem, mas infelizmente não vai mudar. Ela saindo, quem entrar vai continuar roubando. Entendeu? Infelizmente o Brasil é assim. E quem sofre somos nós, os trabalhadores da classe menor, né? Porque quem tá lá com...

quem tá lá com seu dinheiro, os políticos que tão tudo bem, vai continuar tudo bem e a gente é quem vai sempre levar o pior. Que é os pobre, não tem jeito. Além deles me empregarem, tão empregando outras pessoas como ele divulgou, como ele solicitou lá no Face dele, eu também tenho essa oportunidade, a gente tá...

**Marcelo Theobald:** Quando cê tá trabalhando...

**Maria:** É. Quando eu tô trabalhando, minha filha fica com outra pessoa que eu também posso ajudar essa outra pessoa.

## ANEXO C – MANIFESTAÇÃO DE CLÁUDIO PRACOWNIK NO FACEBOOK

Autoria	Data
Claudio Pracownik, empregador da babá Maria Angélica Lima	13/03/2016

"Sí Pasarán!"

Ganho meu dinheiro honestamente, meus bens estão em meu nome, não recebi presentes de construtoras, pago impostos (não, propinas), emprego centenas de pessoas no meu trabalho e na minha casa mais 04 funcionários. Todos recebem em dia. Todos têm carteira assinada e para todos eu pago seus direitos sociais.

Não faço mais do que a minha obrigação! Se todos fizessem o mesmo, nosso país poderia estar em uma situação diferente

A babá da foto, só trabalha aos finais de semana e recebe a mais por isto. Na manifestação ela está usando sua roupa de trabalho e com dignidade ganhando seu dinheiro.

A profissão dela é regulamentada. Trata-se de uma ótima funcionária de quem, a propósito, gostamos muito.

Ela é, no entanto, livre para pedir demissão se achar que prefere outra ocupação ou empregador. Não a trato como vítima, nem como se fosse da minha família. Trato-a com o respeito e ofereço a dignidade que qualquer trabalhador faz jus.

Sinto-me feliz em gerar empregos em um país que, graças a incapacidade de seus governantes, sua classe política e de toda uma cultura baseada na corrupção vive uma de suas piores crises econômicas do século.

Triste, só me sinto quando percebo a limitação da minha privacidade em detrimento de um pensamento mesquinho, limitado, parcial cujo único objetivo é servir de

factoide diversionista da fática e intolerável situação que vivemos.

Para estas pessoas que julgam outras que sequer conhecem com base em um fotografia distante, entrego apenas a minha esperança que um novo país, traga uma nova visão para a nossa gente. Uma visão sem preconceitos, sem extremismos e unitária.

O ódio? A revolta? Estas, deixo para eles.

**ANEXO D – MANIFESTAÇÃO DE CAROLINA MAIA PRACOWNIK NO  
FACEBOOK**

Autoria	Data
Carolina Maia Pracownik, esposa de Claudio Pracownik	15/03/2016

Sou uma mãe que não se expõe. Preservo minhas filhas e minha família ao máximo! Posto pouco sobre nossas vidas e respeito quem não o faz. Respeito este, que faltou para alguns.

Estou extremamente chocada e assustada com a nossa exposição forçada e com tamanha crueldade, violência expressa e ódio gratuito. O que é isto???

Fui para a rua com toda a minha família, e vou novamente! Minha babá folguista foi conosco nos ajudando com as meninas, e caso ela queira, irá novamente! Caso o país esteja bom para você, para a gente não está. Fomos para protestar contra toda esta corrupção vergonhosa e a falta de investimentos em diversos setores básicos do país.

Como meu marido escreveu, não devemos nada a ninguém! Pago meus impostos(altíssimos por sinal) e gero empregos. Minhas funcionárias estão comigo há anos. Sabem por quê? Primeiro porque querem, e depois porque trato-as com respeito e ofereço boas condições de trabalho. Elas usam uniforme? Sim, usam. Eu acho correto! Existe um “Dress Code” para diversas profissões: Médico, enfermeiro, porteiro, dentista, policial, bombeiro, advogados etc. E por qual razão as babás, com sua profissão regulamentada, não podem usar branco, traduzindo paz e assepsia ao cuidar de uma criança? Este argumento de discriminação é inaceitável e preconceituoso. Como dizem: o preconceito está nos olhos de quem vê. Não sou “madame” e não preciso “mostrar” que tenho babá. Eu escolhi ter a ajuda delas para cuidar das minhas filhas. Caso você não tenha feito esta escolha ou não precise, que bom para você! Eu tenho, quero ter e as valorizo! São profissionais atenciosas, cuidadosas, pacientes e carinhosas.

Não preciso esclarecer meu afeto óbvio as minhas filhas e nem assinar por escrito todos meus cuidados com elas. Imagine se minhas filhas fossem medir minha dedicação e o meu amor pela cor da minha pele, do meu cabelo, das minhas roupas ou se empurro ou não o carrinho em determinado momento. Minhas filhas reconhecem o meu cheiro, o calor do meu abraço, meu sorriso de aprovação, a segurança do meu colo e do meu enorme e transbordante amor!

Tamanha é a agressividade e a falta de gentileza. No meu lar, o discurso é afetuoso e os argumentos são inteligentes e calorosos.

Já o ódio, o preconceito, a arrogância e a revolta, deixo para eles!

Sejamos felizes!

## ANEXO E - MANIFESTAÇÃO DA MUÇULMANA EM BLOG

<b>ONG</b>	Tell MAMA
<b>Data</b>	24/03/2017

- Disponível em: <https://tellmamauk.org/the-truth-behind-the-photo-of-the-muslim-woman-on-westminster-bridge/>

### **The truth behind the photo of the Muslim woman on Westminster Bridge**

by TellMAMA | Mar 24, 2017 | News |

Tell MAMA is supporting the Muslim woman who was photographed on Westminster Bridge during the Westminster terror attack.

Through our support service, the woman, whose identity we protect, has given us a statement to give her side of events. We have published it in full below.

“I’m shocked and totally dismayed at how a picture of me is being circulated on social media. To those individuals who have interpreted and commented on what my thoughts were in that horrific and distressful moment, I would like to say not only have I been devastated by witnessing the aftermath of a shocking and numbing terror attack, I’ve also had to deal with the shock of finding my picture plastered all over social media by those who could not look beyond my attire, who draw conclusions based on hate and xenophobia.

My thoughts at that moment were one of sadness, fear, and concern. What the image does not show is that I had talked to other witnesses to try and find out what was happening, to see if I could be of any help, even though enough people were at the scene tending to the victims. I then decided to call my family to say that I was fine and was making my way home from work, assisting a lady along the way by helping her get to Waterloo station. My thoughts go out to all the victims and their families. I would like to thank Jamie Lorriman, the photographer who took the picture, for speaking to the media in my defence”.

We urge media outlets to share this statement, not her photo, due to the distress and fear this has caused. An innocent bystander who was targeted online for no other reason than her Muslim identity. There should be no place for hatred on social media, it's why we continue to work with Twitter on this matter to try and get content removed.

**ANEXO F – MANIFESTAÇÃO DO FOTÓGRAFO JAMIE LORRIMAN**

<b>Veículo</b>	ABC News Australia
<b>Data</b>	24/03/2017

- Disponível em: <http://www.abc.net.au/news/2017-03-24/woman-wearing-hijab-at-london-attack-scene-was-distressed/8383662>

**London attack: Woman wearing hijab was 'distressed, horrified', photographer says**

By Kellie Scott

Updated 24 Mar 2017, 11:28am

The photographer who captured an image of a woman wearing a hijab walking past a victim of Wednesday's London terrorist attack has defended her actions, saying she looked distressed and horrified.

The woman has become the centre of a debate online, with many Twitter users claiming she was casually ignoring a victim lying on the ground.

Freelance photographer Jamie Lorriman was underneath the Westminster Bridge at the time of the attack and began photographing at the scene moments later.

Lorriman said the scene was "quiet and tranquil", describing a "strange sort of calm atmosphere".

"No-one was sort of screaming or shouting."

He says the idea that the woman he photographed wearing the hijab was ignoring the scene as she was walking past was wrong, and a series of images demonstrated she was most likely distressed.

"The people who took on that picture are being rather selective," he said. "In the other picture in the sequence she looks truly distraught ... personally I think she looks distressed in both pictures.

"It's wrong it's been misappropriated in that way."

Lorriman said he would not assume what was going through her mind, and neither should people who were not at the scene.

"To assume she was ignoring someone is impossible to know, the look on the woman's face, she's horrified, she's in the middle of a traumatic situation.

"She probably just wanted to get off the bridge.

"I feel so sorry for the woman in the picture. If she's seen this, she must feel awful."